

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

ANA PAULA DE SOUSA

**ESTUDO COMPARATIVO DAS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS
MASCULINAS X MONOPARENTAIS FEMININAS: A INFLUÊNCIA
DO GENITOR NO DESENVOLVIMENTO FAMILIAR**

FRANCA-SP

2008

ANA PAULA DE SOUSA

**ESTUDO COMPARATIVO DAS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS
MASCULINAS X MONOPARENTAIS FEMININAS: A INFLUÊNCIA
DO GENITOR NO DESENVOLVIMENTO FAMILIAR**

**Dissertação apresentada à Faculdade de História,
Direito e Serviço Social, Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção
do título de Mestre em Serviço Social. Área de
Concentração – Serviço Social: Trabalho e
Sociedade**

Orientador: Prof. Dr. Pe.Mário José Filho

FRANCA -SP

2008

Sousa, Ana Paula de

Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas e monoparentais femininas : a influência do genitor no desenvolvimento familiar / Ana Paula de Sousa. –Franca : UNESP, 2008

Dissertação – Mestrado – Serviço Social – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP.

1.Serviço Social – Família monoparental. 2.Monoparentalidade – História.

CDD – 362.82

ANA PAULA DE SOUSA

**ESTUDO COMPARATIVO DAS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS
MASCULINAS X MONOPARENTAIS FEMININAS: A INFLUÊNCIA
DO GENITOR NO DESENVOLVIMENTO FAMILIAR**

Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração – Serviço Social: Trabalho e Sociedade

BANCA EXAMINADORA

Presidente:
Prof. Dr. Pe. Mário José Filho

1º Examinador:

2º Examinador:

Franca, de de 2008.

Dedico à

*À todas as pessoas que eu amo, que no decorrer da
minha trajetória seja com um olhar, uma palavra ou um
abraço mostram como um sonho pode se tornar
realidade:*

*“Sonho que se sonha só, é só um sonho
que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é
realidade” (Raul Seixas).*

AGRADECIMENTOS

À Deus por iluminar sempre meus caminhos, me dando coragem para buscar os meus sonhos e discernimento para aprender com meus erros:

“O único homem que não erra é aquele que nunca faz nada”.
(Roosevelt)

*Ao meu orientador **Pe. Mário José Filho** que me mostrou a riqueza contida na busca do conhecimento, onde as dificuldades ou até mesmo as coisas mais simples podem se tornar um ingrediente para a criatividade:*

“Não é porque certas coisas são difíceis que nós não ousamos. É justamente porque não ousamos que tais coisas são difíceis! Sêneca”.
(filósofo romano, 4AC-65DC)

*À minha **família** e a todos que se tornaram parte dela, por estarem ao meu lado, me dando forças para superar quaisquer dificuldades e nunca desistir. E, principalmente por me darem algo incalculável: o Amor. Com vocês eu tenho certeza que cada minuto da minha vida vale a pena!:*

"Há pessoas que transformam o sol numa simples mancha amarela, mas há aquelas que fazem de uma simples mancha amarela o próprio sol."
(Pablo Picasso).

*Aos meus **amigos** por me darem a preciosidade da amizade, onde num simples sorriso acrescentaram brilho na minha vida;*

“Não acrescente dias a sua vida, mas vida aos seus dias”.
(Ar Benjamin)

SOUSA, Ana Paula de. **Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x monoparentais femininas: a influência do genitor no desenvolvimento familiar.** 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

RESUMO

Ao longo dos tempos, a família sofre graduais processos de transformações e adaptações, sendo diretamente influenciada pela realidade social. Deste modo, deparamo-nos com uma diversidade de estruturas domésticas que passam a se adequar conforme a época emergente. Na contemporaneidade, presenciamos a reestruturação e inclusão de novos valores, possibilitando reconhecimento das novas alternativas familiares e opções de vida, dentre elas, destacamos as famílias monoparentais que apresentam índices crescentes. Sendo assim, ambos os gêneros estão aceitando o desafio de criar sozinhos seus filhos e realizar as demais obrigações existentes na organização familiar. A proposta no nosso trabalho foi analisar o processo de organização das famílias monoparentais masculinas e das famílias monoparentais femininas, compreendendo se a questão de gênero influencia nos resultados familiares. O fato da família ser um sistema ativo em constante transformação conduz sempre a descoberta de novas facetas e a uma contínua renovação, portanto, falar de família é sempre um tema atual. Apesar da monoparentalidade ser uma questão colocada pela própria realidade, ainda é um tema ousado que pode ser considerado de extremo enriquecimento para pesquisa social e favorável para a sociedade em geral.

Palavras-chave: contemporaneidade. família. gênero. monoparental. genitor.

SOUSA, Ana Paula de. **Comparative study of monoparentais male x monoparentais female families:** the parent influence of development in family. 2008. 169 f. Dissertation (Masters in Social Service) – Faculty of History, Law and Social Service, São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

ABSTRACT

Over time, the family suffers gradual process of changes and adjustments, being directly influenced by social reality. Thus, we have a variety of domestic organization bringing their fit as the emerging season. At present, witnessed the restructuring and inclusion of new values, enabling recognition of new alternatives and options for family life, among them, feature single parents who have rising rates. Therefore, both genders are accepting the challenge of creating their own children and carry out other obligations in the family organization. The proposal in our work was to analyze the process of organization of single parents male and female single-parent families, including the question of gender influences the results family. The fact that the family be an active system in constant transformation always lead to discovering new facets and a continuous renewal, therefore, talk of family is always an issue today. Despite the monoparentalidade be a question raised by the reality, it is still a bold theme that can be described as extreme enrichment for social research and conducive to society in general.

Key-words: contemporary. family. gender. monoparental. parents.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 FAMÍLIA EM SEU PROCESSO HISTÓRICO: TRANSFORMAÇÕES NAS SUAS ESTRUTURAS	15
1.1 Família: trama social e histórica	16
1.2 Modelos familiares ideologicamente dominantes: do apogeu ao declínio.....	18
1.3 Fatos sociais: contribuições para as contemporâneas relações familiares e de gênero.....	23
1.4 Diversidades familiares: preconceitos e importâncias.....	27
CAPÍTULO 2 MONOPARENTALIDADE EM DESTAQUE	30
2.1 As concepções tradicionais e modernas da paternidade e da maternidade.....	31
2.2 A monoparentalidade.....	36
2.3 Família monoparental feminina.....	39
2.4 Família monoparental masculina.....	43
CAPÍTULO 3 FAMÍLIA MONOPARENTAL EM CONSTRUÇÃO.....	47
3.1 Organização do núcleo familiar.....	48
3.2 Genitor que não detém a guarda filial: ausência x presença.....	51
3.3 3.3 Importância do genitor monoparental na formação da família e da prole.....	55
3.4 Família monoparental feminina e monoparental masculina: encontros e Desencontros.....	59
CAPÍTULO 4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	64
4.1 Apresentando a pesquisa.....	65
4.2 Os sujeitos da pesquisa.....	70
4.2.1 Visualização dos sujeitos.....	70
4.2.2 Síntese dos entrevistados.....	70
CAPÍTULO 5 A MONOPARENTALIDADE: REFLETINDO SOBRE A REALIDADE DE NOSSOS SUJEITOS.....	75
5.1 Família de origem: estrutura e relações de gêneros.....	76
5.2 Relação conjugal: cotidianidade e conflitos.....	84
5.3 Rompimento conjugal.....	95
5.4 Guarda filial e formação do núcleo familiar monoparental: motivações e Sensações.....	103
5.5 Cotidianidade monoparental.....	112
5.6 Genitor monoparental e genitor que não detém a guarda filial: relacionamentos e perspectivas.....	124
5.7 Genitor monoparental: avaliando o percurso familiar.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERÊNCIAS.....	154

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro da Pesquisa..... 163
APÊNDICE B - Termo de Consentimento..... 165

ANEXOS

ANEXO A - Distribuição percentual dos arranjos familiares residentes em domicílios particulares..... 167
ANEXO B - Distribuição percentual dos arranjos familiares constituídos por mulheres sem cônjuge com filhos..... 168
ANEXO C - Proporção de divórcios concedidos, por responsabilidade pela guarda os filhos menores..... 169

A dinâmica da família brasileira inevitavelmente sofre constantes processos de alterações que são decorrentes das variações socioculturais, deste modo, com as mudanças sociais, os avanços tecnológicos, os renovados modelos de vinculação, entre outros, os estudos e as pesquisas sobre a temática familiar são cada vez mais requisitados.

“Sendo a família uma construção e organização através da história, na sua constituição social requer conhecimentos das modificações por ela enfrentadas, sejaM em suas estruturas, sejam em suas funções na atualidade.” (JOSÉ FILHO, 2007, p. 13).

O assunto é compartilhado por diferentes disciplinas, sendo assim, o leitor pode encontrar uma variedade de perspectivas teóricas que exploram estudos referentes a família, desta maneira, tal fato deve ser considerado como uma possibilidade de ampliação dos conhecimentos.

“Isso, no entanto, não quer dizer que tudo o que a respeito da família se pode dizer, já foi dito. Que já não é mais possível articular entre si de forma nova e original os diversos aspectos da realidade social e familiar.” (BACH, 1983, p. 13).

As teorias e os métodos evoluem consideravelmente ao longo das últimas décadas, conseqüentemente o olhar do pesquisador sofre mutações assim como o conceito estudado que igualmente passa por mudanças nos pontos de vistas.

Contudo, a família continua tendo um valor muito grande para sociedade e para os indivíduos, por isso, as pesquisas sobre os núcleos familiares, seja elas quais forem, sempre repercurtem interesses, afinal, não deixam de ser frutos de uma determinada inserção no real.

Em especial, as reflexões em torno da família contemporânea mostram sua concretude na realidade social, englobando várias configurações e diversos modos de viver, porém, até pouco tempo, uma boa parte dos trabalhos direcionados à família buscavam, de uma forma ou de outra, explorar as origens do sistema nuclear de família.

“Quando falam da família raramente se dirigem às famílias concretas, mergulhadas numa realidade social e econômica extremamente adversa à realização dos ideais apregoados.” (BACH, 1983, p. 24).

Entre as diversas formas de convivência familiar destacamos a monoparentalidade, apesar de apresentar índices cada vez mais crescentes em diferentes segmentos sociais, ainda possui poucos estudos ao seu respeito, principalmente, os que estão desvinculados de idéias pré-concebidas ao buscarem uma melhor compreensão das particularidades monoparentais.

A família é um sistema que se move através do tempo e vai sofrendo transformações que abrem espaço para novas formas de organização familiar deixando entrever crescentes números que forçosamente fazem com que se olhe as mudanças que vêm ocorrendo na estrutura familiar de forma mais cuidadosa e individualizada. (CERVENY, 2004, p. 99).

No primeiro capítulo, destacamos algumas das concretizações históricas da família mediatizadas, até em suas estruturas mais íntimas, pela realidade social, ao passo que visualizar o contexto histórico é importante para que o estudo da família adquira maior significação.

Ao longo dos tempos, as organizações familiares apresentam formas e finalidades variadas tendendo a refletir o estado cultural do sistema no qual estão inseridas.

Recorremos a diversos estudos que possibilitaram a visualização do que podiam ter sido as sucessivas fases do desenvolvimento da família, concomitantemente avaliamos as relações de gêneros presentes nestas estruturas familiares.

No decorrer dos permanentes processos de alterações econômicos, sociais e culturais emergem novas tendências familiares que paulatinamente influenciam nas transformações dos costumes e dos padrões tradicionais.

A sociedade passa por constantes processos de mudanças e adaptações culturais, econômicas e sociais que repercutiram intensamente no comportamento humano, nas concepções sobre o lugar do homem e da mulher, e nas diferentes esferas da vida familiar. (SOUSA, 2004, p. 30).

Contudo, alguns modelos ideologicamente arraigados na sociedade pelas esferas dominantes, predominam por longos períodos como sendo hegemônico. Por isso, acreditamos na relevância de evidenciarmos, ainda no primeiro capítulo, o padrão familiar denominado de nuclear (constituído por pai, mãe e filhos) que apesar de não ser a organização predominante, teve sem dúvida, uma forte influência sendo, durante séculos, ideologicamente cultuada como o modelo familiar ideal. Em especial, demos enfoque a consolidação e ao declínio da abrangência da família nuclear na sociedade brasileira.

Mas, novas necessidades familiares surgem em conseqüências aos variados acontecimentos sociais (buscamos enfatizar os mais expressivos para a transformação dos costumes e dos padrões tradicionais), com isso, novos valores são incluídos nas famílias e nas relações de gênero - o que torna o modelo tradicional passível a questionamentos.

Em decorrência, emergem formas familiares que buscam se adequar conforme as possibilidades da época emergente, por isso, não ficam estruturalmente presas a um padrão tradicional.

Neste capítulo, caminhamos para o reconhecimento das novas alternativas familiares e opções de vida no qual colocam homens e mulheres convivendo numa realidade contemporânea, levando-os a repensar o próprio modo de agir - o que evidentemente os estimulam a procurar posicionamentos originais.

Ainda ressaltamos que as variedades das organizações de convivências não eliminam de imediato o peso cultural que a família nuclear exerce, isto gera uma série de preconceitos em relação a qualquer imagem que ameaçasse os conceitos tradicionais.

Entretanto, independente da configuração, as famílias devem ser respeitadas nas suas particularidades e valorizadas enquanto espaços que possibilitam o ser humano se estabelecer como sujeito social.

É fato que as famílias carregam em seus âmagos funções universais, mas também é fato que essas funções são impregnadas com os conceitos tradicionalistas da divisão sexual, ou seja, para a manutenção dos núcleos familiares e formação dos seres deles dependentes, historicamente foram delimitados lugares específicos para ambos os sexos.

No segundo capítulo, em um dos subitens, discorreremos sobre alguns traços impostos pelo padrão cultural hegemônico que demarcam concepções referentes à paternidade e a maternidade (o que nos possibilitou posteriormente estabelecer parâmetros com as famílias monoparentais).

Estas concepções, muitas vezes, aparecem como biologicamente determinadas e, portanto, naturais e imutáveis. A mulher era colocada como exclusivamente apta aos cuidados com a prole, em contrapartida, não era permitido ao homem ter contato próximo com os filhos ou assumir encargos que culturalmente cabe ao sexo feminino, a ele era direcionado as responsabilidades de proteção e provisão familiar.

Contudo, procuramos demonstrar que os preceitos paternos e maternos vão além de fatores biológicos ou de comportamentos estereotipados, pois, visualizamos a vivência de criar um filho como um acontecimento mais amplo que possibilita a descoberta de diversificadas alternativas no exercício dos papéis parentais.

Ser pai e ser mãe é uma experiência que vai além do fato biológico natural. Adquire o estatuto de uma experiência psicológica, social, que pode ou não acontecer, independentemente do fato biológico da gestação, do dar a luz e amamentar. Essas vivências dizem respeito à experiência de ter filhos, de criar, cuidar e educá-los, não sendo privilégio exclusivo de mulheres. (SOUSA, 2004, p. 30).

Deste modo, o exercício dos papéis parentais não corresponde a uma única e rígida forma de desempenho, isto também vale para as famílias que apresentam diferentes formatos no que tange sua organização e modo de exercer suas funções.

Ainda no segundo capítulo, demos maior ênfase às famílias monoparentais (masculinas e femininas) que têm apenas um dos genitores como figura ativa na cotidianidade da prole, ou seja, o pai ou a mãe que se responsabiliza integralmente pelos cuidados dos descendentes.

Sendo assim, destacamos que ambos os gêneros podem aceitar o encargo de criarem os filhos e realizarem as demais obrigações existentes na organização familiar - mesmo perante a ausência de um (a) companheiro (a).

Por questões históricas e culturais, na maioria dos casos, as mulheres detêm a guarda da prole, contudo, a incidência de homens que obtêm a responsabilidade total dos descendentes torna um acontecimento mais comum na contemporaneidade.

A ocorrência da monoparentalidade cresce vertiginosamente, abarcando todos os segmentos sociais, com isso, gradativamente ganha aspectos habituais.

O aumento das famílias monoparentais nas diferentes classes sociais exige, no mínimo, estudos mais aprofundados sobre a questão, ensejando uma reflexão mais profunda antes de propor definições e conclusões.

No terceiro capítulo, buscamos estabelecer um trabalho mais específico sobre a forma de organização e convivência dos núcleos familiares monoparentais, apesar da dificuldade na obtenção de bibliografias sobre o tema, procuramos construir uma linha de pensamento que nos possibilitou abranger pontos relevantes destas leituras e, assim, edificarmos patamares mais seguros deste estudo.

Com isso, gradualmente fomos visualizando as formas de adaptações familiares, as rotinas e os relacionamentos desenvolvidos, entre outras considerações.

De fato, as famílias experimentam vários momentos transacionais de acomodações à monoparentalidade no qual buscam intermediações particulares para adequem-se as necessidades reais, e assim, interajam dentro e fora do núcleo familiar, construindo aos poucos uma identidade enquanto família monoparental.

A estruturação da rotina familiar não afeta somente o genitor, certamente, os filhos diretamente são envolvidos na construção de uma nova cotidianidade familiar.

Deste modo, os descendentes vivenciam concretamente a realidade familiar que os colocam diante da circunstância de conviverem diariamente com apenas um dos pais, mas cada um deles lida com esta questão de um modo particular, afinal, isto depende além de uma dinâmica individual, de fatores externos e de influências dos genitores – estando eles presentes ou ausentes.

Elucidamos que a presença do genitor que detém a guarda filial é extremamente importante no desenvolvimento da família e da prole se tornando fonte de apoio, atenção, proteção, educação e amor, sendo assim, ultrapassa o âmbito simplista da capacidade de apenas sustentar os filhos.

Os pais monoparentais, como quaisquer outros seres humanos, estão sujeitos a erros e a aprendizagens já que receitas prontas para a felicidade não passam de meras ideologias; o que realmente se torna válido é a concentração de energia e de disposição para estes genitores buscarem caminhos propícios para a qualidade familiar.

No capítulo subsequente, realizamos uma pesquisa de campo por meio de entrevistas com famílias monoparentais masculinas e monoparentais femininas, com isso, foi possível conhecermos o desempenho do genitor monoparental (homens e mulheres) e todo o processo de organização familiar, deste modo, refletimos se a questão de gênero influencia no desenvolvimento da família.

Apesar da monoparentalidade trazer pontos em comum entre as famílias, destacamos traços peculiares nestas relações familiares, por isso, não queremos estabelecer conclusões genéricas e rígidas, afinal, a família é uma organização dinâmica que passa por constantes mutações para adequar o ambiente particular às exigências da vida moderna.

“Compreender as famílias monoparentais é fundamental para que se possa pensar em estratégias de ação que venham a favorecer o desenvolvimento de seu bem-estar e qualidade de vida.” (WAGNER, 2002, p, 47).

Sugerimos uma compreensão sobre tais famílias oferecendo subsídios para análises referentes a natureza e o desenvolvimento da monoparentalidade, para isto, disponibilizamos um material original no intuito de ampliar o trabalho de pesquisadores e de profissionais, e assim, expandirmos o conhecimento na área da família.

Concretizamos nosso trabalho na certeza que deixamos uma contribuição para que se abra um leque de curiosidades e novos caminhos que possam ser ainda muito explorados por futuras pesquisas.

INTRODUÇÃO

**CAPÍTULO 1 FAMÍLIA EM SEU PROCESSO HISTÓRICO: TRANSFORMAÇÕES
NAS SUAS ESTRUTURAS**

1.1 Família: trama social e histórica

Ao falarmos sobre família é necessário visualizá-la como sendo uma instituição social que sofre constantes processos de transformações e adaptações desencadeados de acordo com os vários momentos históricos.

Engels (1985) ao analisar as vivências da família, em seu livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, pôde observar que a família progride na medida em que progride a sociedade e que se modifica na medida em que a sociedade se modifica.

Deste modo, sucessivas concretizações históricas da família são mediatizadas - até em suas estruturas mais íntimas - pela realidade social, com isso, tendem a refletir o estado de cultura do sistema no qual está inserida.

Para entendermos algumas das inúmeras formações da família “[...] é de suma relevância considerá-la dentro da complexa trama social e histórica que a envolve.” (JOSÉ FILHO, 2002, p. 26).

O espaço e o tempo indicam as diversas composições e finalidades que as estruturas familiares apresentam ao longo do seu processo de desenvolvimento. E mais, pelo fato das organizações familiares serem encontradas em todos os grupos sociais independente de sua cultura, podemos considerar que ocorrem evoluções locais que se movimentam por diversificados caminhos.

Segundo estudos históricos sobre o assunto, existe uma pluralidade de organizações humanas que conforme a civilização e época apresentam conotações, conceitos e funções diferentes, contudo, obviamente existem também muitas semelhanças.

Acreditamos que não existe um modelo linear, nem somente um conceito definitivo de família (apesar de alguns autores conceituarem-na como algo pronto e único), pois, tais acepções são historicamente construídas podendo variar conforme o contexto.

Muitos estudiosos desenvolvem excelentes pesquisas sobre as mais diversificadas organizações familiares e que são de grande importância para a história da humanidade.

Mas, é certo que temáticas sobre a família suscitam polêmicas acirradas gerando uma infinidade de opiniões, idéias e descobertas, que por sua vez, tornam a conceitualização familiar mais rica, complexa e em perpétua mutação.

A família é sempre um tema atual que engrena investigações permanentes, pois, constantemente se renova frente as várias facetas colocadas pela realidade, isto faz do núcleo

familiar um sistema ativo em transformação ou um organismo complexo que se altera com o passar do tempo.

Neste sentido, definir a família de forma excessivamente estreita pode prejudicar os termos de uma investigação, já que a extrema variabilidade da estrutura familiar não pode ser ignorada.

Destacamos nosso respeito às diferentes formas familiares existentes, mas para buscarmos alguns traços significativos das etapas evolutivas das organizações familiares é necessário adentrarmos nos registros dos modelos dominantes, e assim, realizarmos uma leitura flexível dos diversos materiais de pesquisas. Muitas vezes, é preciso termos uma visão mais ampliada para estabelecermos analogias entre as culturas.

Anshen (1970, p. 47) acredita que tudo que tem sido dito sobre a origem e evolução dos tipos de família deve ser classificado entre suposições. Algumas destas suposições parecem ser mais prováveis do que outras.

Para muitos pesquisadores a origem da família reside desde os primórdios da história da humanidade e, ao longo dos milênios, apresenta sucessivas formas de organizações.

Bachofen lança as bases da concepção, depois desenvolvida por Morgan e Engels, segundo o qual preescreve um estado originário caracterizado pela promiscuidade. (apud ENGELS, 1985).

Engels (1985) também evidencia a ocorrência de um momento histórico da humanidade onde os relacionamentos entre homens e mulheres se dão indiscriminadamente, ou seja, um ponto da escala evolutiva que apresenta a “promiscuidade primitiva.”

Posteriormente, se desenvolvem as sociedades matrilineares primitivas que estabelecem um sistema de parentesco em torno da figura materna, com isso, os descendentes assim como as sucessões e as heranças ocorrem em linha feminina.¹

Neste estado de evolução familiar, o marido não é considerado o pai da prole no sentido fisiológico que hoje damos a esta expressão, pois, sua figura não é vinculada à procriação.

Apenas na Era Neolítica² que a relação entre o ato sexual e a procriação é descoberta.

¹ Esta idéia, embora tenha argumentos em seu favor razoavelmente precisos e convincentes, não é totalmente aceita por alguns estudiosos.

² O Neolítico, também chamado de Idade da Pedra Polida (por causa de alguns instrumentos, feitos de pedra lascada e pedra polida), é o período da Pré-História compreendido aproximadamente entre 12000 a.C. e 4000 a.C.. Durante este período surge a agricultura, e a fixação inerente ao cultivo da terra (economia produtora) provoca o sedentarismo (moradia fixa em aldeias) e o desenvolvimento da vida em sociedade. (GNU..., 2000, on-line).

Entre outros fatores, as observações no mundo animal também contribuem para a concretização da importância dos machos na concepção do feto.

De acordo com Dupuis (1989, p. 9): “Antes do período neolítico, a humanidade não conhecia o papel do pai na procriação. Acreditava-se que este conhecimento tenha advindo da domesticação dos animais, quando observou que para que se reproduzissem era necessário um macho e uma fêmea.”

Progressivamente, à noção da paternidade é consolidada – o que conseqüentemente acarreta diversas conseqüências na sociedade, na família e nas relações de gênero, pois, em meio a diversos outros acontecimentos, homem passa a ter total poder de dominação sobre a sociedade, o sistema familiar e a mulher.

Deste modo, a tomada de consciência em relação à paternidade, juntamente com as circunstâncias históricas ³, contribuem para que as famílias se organizem em torno do pai, deste modo, o sistema patrilinear se propaga na maior parte do mundo.

O triunfo da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva também contribui para fortalecer as condições de superioridade masculina, assim se torna imprescindível a exatidão da paternidade para fins de transmissão da herança.

Como forma de estabelecer linhas claras de paternidade, a mulher tem monopolizada sua sexualidade, sendo mantida estritamente nas funções domésticas. A monogamia se torna essencial e os laços matrimoniais são muito mais fortes do que em outras épocas, podendo ser rompidos apenas por vontade do marido ao repudiar a esposa.

Desta maneira, a família patriarcal está constituída não só dentro de uma relação de procriação no espaço do casal como igualmente numa sólida estrutura de relações econômicas e políticas, isto demarca a mudança da organização tribal para a doméstica.

1.2 Modelos familiares ideologicamente dominantes: do apogeu ao declínio

A família patriarcal é instaurada no Brasil durante o período colonial sendo pensada como a instituição que moldou os padrões da colonização e ditou as normas de conduta e de relações sociais deste período. Apesar dela não ser predominante, é ideologicamente dominante,

³ A agricultura e pecuária, por exemplo, ao se destacarem como ramos essenciais da economia, contribuem para o aumento do valor da força de trabalho do homem, assegurando sua supremacia social enquanto lavrador e pastor.

por isso, tem grande influência na formação do modelo familiar brasileiro que permanece por muito tempo como ideal.

Autores como Samara (1986) pesquisam profundamente a formação da família brasileira, a estudiosa em seus trabalhos desmistifica a idéia de que a família patriarcal é o modelo predominante no Brasil Colonial, ela acredita que este tipo familiar coexiste com vários outros padrões e modos de vida.

Certamente não há apenas uma única constituição familiar, outros arranjos, principalmente advindos das classes sociais mais pobres, se formam, entretanto, por não deterem os meios de soberania e por possuírem valores diversos e próprios da cultura popular têm menor influência na concepção dominante de família.

Vale ressaltar que as organizações familiares de maior influência ideológica no Brasil são implantadas através de um processo gradual e, ao longo do tempo, assumem variadas formas de habitação, entre elas, destacamos a família extensa, caracterizada por relações sociais estáveis, duradouras e tradicionais.

Tal família constitui uma estrutura de produção e administração em defesa do status social dos seres nela envolvidos, estes por sua vez estão inseridos num sistema patriarcal de dependência que submete mulheres, filhos, parentes e serviçais à autoridade do patriarca familiar.

Segundo Samara (1986) a família patriarcal, também conhecida como família extensa, agrega indivíduos que possuem laços de amizade, parentesco ou de lealdade e pertencimento ao senhor da propriedade, sendo que a quantidade de pessoas sob a influência do patriarca é considerada sinônimo de prestígio.

A figura de poder e de autoridade está centrada no chefe da família, este além de ter total domínio sobre todos, também tem a incumbência de controlar os negócios, prover o lar, manter a “ordem” e preservar sua linhagem. Em contrapartida, é atribuída à mulher características dóceis e submissas, estando ela destinada ao ambiente doméstico.

A obra de Gilberto Freyre (1983) *Casa Grande e Senzala* ao retratar a família patriarcal brasileira (presente nos séculos XVI ao XIX) descreve a mulher branca como submissa, passiva, ociosa, sujeitando-se à dominação do pai ou do marido.

Ainda segundo Freyre, a mulher negra-escrava é vinculada à “educação” dos sinhozinhos e sinhazinhas, ele destaca a importância das amas-de-leite e das negras velhas como grandes contadoras de histórias; e mais, evidencia que tanto a mulher índia, como a escrava e a branca são vistas como objeto sexual do homem colonizador e proprietário da Casa Grande.

O desempenho de um papel tradicionalista, no qual delimita as funções específicas para os gêneros, assim como as aspirações ligadas ao casamento e aos filhos, em especial, destina-se às mulheres das camadas sociais mais elevadas.

Apesar da forte repressão existente sobre o sexo feminino, principalmente às mulheres brancas da elite, não podemos deixar de destacar que muitas delas exercem papéis de liderança social, sendo fundadoras de negócios, capelas, administradoras de fazendas e líderes políticos locais.

Devido as condições concretas de sobrevivência, as mulheres das camadas populares possuem características mais amplas e com “maior liberdade” de exercer certas atividades, muitas delas, além das atribuições do lar também participam ativamente do trabalho externo.

Tais mulheres, embora mantidas numa posição de subalternidade ao homem, em grande parte, não se adaptam às características dadas como ideais ao sexo feminino; assim como as relações tendem a se desenvolver dentro de um outro padrão de moralidade que não necessariamente o tradicional.

É uma pequena parcela das famílias que se constituem licitamente, estas pertencem à elite social que visa no casamento o fortalecimento dos vínculos, com isso, as relações atendem aos interesses econômicos e sociais - sendo aceitáveis as uniões inclusive entre parentes.

Com o passar do tempo, a atividade comercial desponta como força crescente na vida urbana, em consequência, surge uma nova categoria de endinheirados, assim, as legitimações das uniões entre os descendentes dos proprietários de terras se estendem aos filhos dessa nova classe.

O casamento além de ser uma forma de constituir e regulamentar novas famílias também representa um ato político e econômico, isto é, funciona como um acordo de conveniência e visa à manutenção das propriedades familiares, deste modo, são os patriarcas que escolhem em comum acordo o cônjuge dos filhos, onde raramente ocorre a participação dos noivos.

A dinâmica social do começo do século XX dá início ao processo de modernização, urbanização e industrialização do país, com isso, o Brasil vivencia profundas alterações socioeconômicas que conseqüentemente atinge a família extensa ou os agrupamentos de parentela.⁴

⁴ O esquema de urbanização marca as fases iniciais do processo de industrialização, tal fato também impôs a mobilidade gradativamente em busca de posição no mercado de trabalho. (GONÇALVES, 2000, p. 137).

Gradativamente, ocorrem transformações na configuração da família assim como nos padrões de relacionamentos - o que permite a introdução da família nuclear burguesa.⁵

Com o processo de modernização, intensificado com o advento da República, são postas em xeque as relações sociais senhoriais baseadas em vínculos mais personalistas, de submissão e favor. Tais relações, que pressupunham laços de compadrio de solidariedade entre a vizinhança, vão sendo consideradas inadequadas ao mundo moderno e pouco a pouco substituídas por relações sociais com características burguesas. (SETÚBAL, 2004, p. 82).

O número de moradores num mesmo lar é reduzido e a convivência entre pais e filhos se alarga, com isso, o grupo familiar torna-se um espaço de privacidade e intimidade, chegando à conhecida família nuclear.

Uma das características deste tipo familiar é o vínculo contratual do casal em função da necessidade de transmissão dos interesses e do aumento dos privilégios:

As famílias tinham como principais objetivos a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, a proteção de suas vidas e da honra. Mesmo entre marido e mulher, o alvo principal da união não era o afeto; porém, se ocorresse, tanto melhor. (DIAS, 2001, p. 57).

Destacamos também a dissociação entre sexualidade e afetividade no casamento, com isso, o desfrute do prazer sexual é restrito tornando a relação íntima entre o casal apenas para a procriação com a finalidade de gerar herdeiros e sucessores.

Geralmente, a sexualidade masculina é exercida livremente, os homens procuram a satisfação sexual fora do casamento, emplacando relações clandestinas e concubinatos. Já a sexualidade feminina é fortemente controlada e o adultério por parte da esposa é severamente criticado.⁶

“Enquanto a virgindade feminina era muito valorizada e o adultério, se cometido pela mulher, era severamente criticado ou punido, a sexualidade masculina era exercida livremente.” (DIAS, 2001, p. 61).

⁵ Em meados do século XVIII, nasceu na Europa a conhecida família burguesa que se concentrava em áreas urbanas, esta família rompeu com os modelos familiares vigentes e criou novos padrões de relações familiares caracterizando-se, antes de tudo, pelo fechamento da família em si mesma - esse isolamento marcou uma clara separação entre residência e trabalho, ou seja, entre a vida pública e privada.

⁶ A Igreja Católica também contribui para a fixação da tradição desta estrutura social; além de aconselhar a monogamia e preconizar a indissolubilidade do matrimônio passa a difundir sobre a necessidade de regras civis ou religiosas para regular o casamento.

Os membros familiares são preparados desde crianças a aceitarem os padrões designados para cada um dos gêneros, ou seja, a família contribui para reforçar, desde a mais tenra idade, os modelos sexuais condizentes com a ideologia imposta pelo sistema social.

Deste modo, o núcleo familiar funciona como um espaço para a adequação social entre homens e mulheres: os rapazes devem desenvolver sua capacidade empreendedora e serem exemplos de disciplina, autonomia e independência; as meninas são preparadas para as funções maternais e educativas da prole, além de representar o alicerce do esposo a fim de que o mesmo encontre suporte para dedicar-se as atividades externas:

“A imagem e a postura que a esposa passava à sociedade influenciava e auxiliava nas relações de seu esposo com os grupos de interesses e convívio.” (ÁLVARES, 2003, p. 36).

A educação distinta entre os sexos é fomentada inclusive pelos meios médicos, educacionais e publicitários que contribuem na formulação de uma série de propostas:

As características dos homens e das mulheres eram explicadas pela medicina social, que afirmava que devido a influências biológicas as pessoas do sexo masculino possuíam como traços marcantes uma maior força física, um perfil autoritário, empreendedor, ocorrendo a predominância do lado racional sobre o emocional e exacerbada sexualidade. Para as mulheres, essa ciência pressupunha como características: um instinto materno natural, a sexualidade recatada, o lado emocional a florado e a fragilidade; desse modo, esperava-se socialmente que as mulheres fossem submissas e prudentes. (SOIBET, 2001 apud ÁLVARES, 2003, p. 33).

As relações familiares cumprem segundo uma distribuição hierárquica e rígida de atribuições: hierárquica porque a autoridade máxima cabe ao marido enquanto a mulher deve demonstrar submissão a ele e rígida pelo fato de cada sexo ter suas funções.

O homem é o provedor econômico do lar e a mulher tem como atributo prioritário de seu papel a responsabilidade dos cuidados em relação ao ambiente doméstico e a criação dos filhos.

Ao longo dos séculos, este padrão familiar e comportamental é disseminado como a ideal, produzindo influências na contemporaneidade. Entretanto, vivenciamos períodos contínuos de adaptações aos novos contextos socioculturais, isto gera fortes impactos na estrutura da família nuclear.

Diante do quadro global de intenso desenvolvimento social e das novas formas de agrupamentos familiares, nas últimas décadas, muito se tem discutido sobre a crise da família nuclear, Danda Prado (1994, p.62, destaque do autor) faz uma alusão a esta crise: “[...] a

chamada ‘crise’ da família está sempre inscrita num contexto amplo de transformações sociais.”

Contudo, outros autores evidenciam que este núcleo familiar apenas passa por mudanças nas suas estruturas.

Segundo Dias (1999, p. 14) o conceito de crise, entre outros motivos, pode ser enganoso, pois, ao chamarmos tais mudanças de crise, sugere-se a idéia de que a família nuclear é vista como ideal.

É fato que as alterações familiares geram opiniões diversas, deste modo, optamos por visualizar o núcleo familiar como portador de capacidades e potencialidades diante das necessidades de transformações colocadas pela realidade emergente.

A família nunca deixa de existir, apenas constrói diferentes formas de se organizar, sendo assim, ao longo de sua existência, ela passa por períodos de reestruturações onde busca maneiras particulares de viver e interagir mediante uma cultura que se renova constantemente pela coexistência complexa de valores tradicionais e modernos.

1.3 Fatos sociais: contribuições para as contemporâneas relações familiares e de gênero

Na década de 1950, o Brasil enfrenta diversas mudanças de ordem técnica e econômica, assim, o aumento da industrialização e da urbanização adicionadas a outros fatores provoca profundas alterações na feição da sociedade.

Segundo Kaloustian (1998, p. 136) o acelerado processo de urbanização, a partir de 1950, acompanhando a industrialização e o crescimento econômico, trouxe consigo a mudança dos valores e a redefinição dos papéis.

A tecnologia evolui com maior rapidez, deste modo, incessantes transformações são vivenciadas na realidade social, visto que posições tradicionalmente rígidas não suprem as exigências da vida moderna, conclui-se que as relações humanas também são atingidas nas mais diferentes esferas da vida familiar, modificando gradativamente estilos de vida e valores.

O avanço do capitalismo instiga o consumo de bens e serviços, com isso, as oportunidades profissionais são ampliadas, inclusive para as mulheres. Entretanto, o trabalho feminino é desvalorizado em relação ao trabalho masculino, por vezes, está associado ao fracasso social e econômico indicando a incapacidade do marido em suprir as necessidades

familiares ou pelo fato da figura da mulher estar estigmatizada ao papel prioritário de mãe e esposa.

Mas, a participação feminina no trabalho externo é cada vez mais efetiva e, ao poucos, o emprego abrange caráter representativo de condição para autonomia e realização das ambições mulheris.⁷

Progressivamente as mulheres também conquistam os meios educacionais, assim, obtêm maiores especializações para concorrência no mercado de trabalho, além de conhecimentos mais ampliados. Isto contribui para atenuar os efeitos das desigualdades profissionais e familiares entre os gêneros.

Os dados mostram que embora o nível de instrução das mulheres também tenha crescido, o rendimento médio feminino ainda representa 54,1% do recebido pelos homens. (CERVENY; BERTHOUD, 1997).

Apesar das oportunidades de estudos e qualificações estarem praticamente equiparados entre ambos os sexos, pode ocorrer situações em que as oportunnides no mercado externo nao sejam as mesmas.

De qualquer forma, a ordem tradicionalista que coloca a figura feminina num patamar de submissão é colocada em questão uma vez que as mulheres passam a administrar uma carreira e compartilhar com o marido a provisão familiar.

A função social das mulheres ao ser alterada provoca um redimensionamento não só no meio externo como também no âmbito familiar movimentando assim novas situações sociais e familiares.

Goldani (1991, p. 20) considera os anos 1970 um período de grandes mudanças que delineou um novo perfil das relações tanto de trabalho como interpessoais e familiares.

Também nos anos de 1970 se intensifica, numa sociedade ainda tida como machista, o chamado “movimento feminista” que resulta em importantes conquistas e direitos sociais para as mulheres, haja vista que traz à tona discussões acerca da condição feminina, dos direitos reprodutivos, das relações de poder entre os sexos e das suas possíveis reformulações⁸.

Ao movimento feminista cabe o mérito desse avanço, pois, foi a partir de seus questionamentos e críticas, que ficou claro que a emancipação da mulher só é possível se ela for titular de direitos civis, políticos e sociais por si mesmas e não pelo seu vínculo de dependência com o homem (pai e marido). (PEREIRA, 1995, p. 108, destaque do autor).

⁷ É relevante mais uma vez destacar que as mulheres dos séculos anteriores já exerciam atividades externas.

⁸ O movimento feminista destaca-se ativamente no Brasil a partir de 1960, entretanto, é na década de 1970 que se apresenta mais forte, com isso, ocupa amplos espaços na política, no trabalho, na universidade propondo debates sobre as relações de gêneros.

Em meio a um quadro social de progresso técnico, as reivindicações feministas acabam por corresponder às necessidades estruturais de um período fecundo de profundas mudanças no mundo, desta maneira, conferem as mulheres novos posicionamentos perante a sociedade.

O turbilhão de acontecimentos engrena, dentre outras coisas, uma gradativa revisão da rígida divisão social de tarefas; a prática do casamento arranjado é desfavorecida pela união baseada no amor, enfim, as relações amorosas são profundamente reformuladas assim como as estruturas familiares são alteradas.

Em princípio, o homem não tem mais necessidade de uma mulher que cuide do lar; e a mulher não tem mais necessidade de um homem que lhe garanta a renda necessária a sua subsistência. Logo, torna-se essencial a procura da felicidade por meio do sentimento amoroso, que é a base da união. (GARBAR; THEODORE, 2000, p. 26).

O modelo de família baseado no comprometimento duradouro entre o casal ganha aspectos mais flexíveis, ou seja, deixa de ser indissolúvel perdendo assim o seu caráter de sacralidade⁹.

Com a Lei do Divórcio nº. 6515 (Brasil, 1977, on-line), o conceito de casamento é categoricamente modificado tornando-se um simples contrato legal (bilateral e solene), deste modo, as crises matrimoniais podem levar ao fim uma união.

Abrem-se espaços para as formações de novas alternativas de relacionamentos, assim, posicionamentos diversificados perante a família são colocados em evidências.

Em consonância, os direitos e deveres conjugais sofrem sensíveis alterações sendo reconhecidos simetricamente perante a Constituição de 1988: “[...] homens e mulheres têm os mesmos direitos na sociedade conjugal.”¹⁰

Sendo assim, na família, tais as questões são exercidas igualitariamente entre os gêneros, isto engrena uma quebra da hierarquia e do predomínio de um sexo sobre o outro.

Sabemos que na concretude ainda existe desacordos sobre o desempenho do poder e da autoridade familiar, mas o diálogo é a ferramenta mais importante para que as discordâncias sejam substituídas pela prática da cooperação movimentada por permanentes negociações.

⁹ Vale considerar que na década de 1960 já ocorrem questionamentos referentes à indissolubilidade do casamento, o concubinato e as mudanças na família de uma forma geral.

¹⁰ Constituição Brasileira 1988, Cap. VII, art. 226, 3º, 4º e 5º par.

[...] respeitando os limites da autonomia, podem ser modificadas as relações de autoridade, a divisão de papéis, a cooperação financeira dentro de uma lógica que não é funcional, nem instrumental, mas fundamentalmente simbólica, requalificando todo universo da intimidade. (CARVALHO, 2000, p. 45).

A individualidade na busca da realização pessoal deve ser moderada com o respeito mútuo da vivência em comum do casal para que assim existam também desejos e projetos a serem compartilhados.¹¹

Atualmente está em vigor o Novo Código Civil (Brasil, 2002, on-line) que reforça a mutualidade entre homem e mulher na condição de consortes, companheiros e responsáveis pelos encargos e direção da família:

“Art. 1568 [...] os cônjuges são obrigados a concorrer, na proporção dos seus bens e dos rendimentos do trabalho, para o sustento da família e a educação dos filhos, qualquer que seja o regime patrimonial.”

Entretanto, a igualdade em relação às obrigações e direitos na vida familiar pode levar a mulher a um acúmulo de tarefas em meio a conquista da sua maior autonomia no campo econômico; no que diz respeito ao sexo masculino estes novos encargos não detêm a conotação de obrigação.

A mãe é vista como aquela que tem prioritariamente as seguintes funções: “compartilhar com o marido a direção da casa” (61%); “cuidar da organização da casa” (58%); “dar suporte emocional à família” (48%) e “cuidar da educação dos filhos” (45%). Já o pai é visto como tendo prioritariamente as seguintes funções: “ser responsável pelo sustento econômico” (60%) e “compartilhar com a esposa a direção da casa” (51%). Diante desses dados, observamos que à mulher continuam sendo atribuídas funções tradicionalmente valorizadas pela família desde há muito tempo, com uma importante mudança no sentido de atribuir a ambos a função compartilhada de direção do lar. (CERVENY; BERTHOUD, 1997, p. 163, destaque do autor).

É importante evidenciar que a consciência dos gêneros no que se refere à distribuições mais igualitárias no ambiente familiar não depende da quantidade de leis, proibições e deveres, mas do nível de consciência do casal.

Mas, é fato que o Novo Código Civil traz progressos jurídicos evidentes e segundo Cervený (2004) elimina normas discriminatórias de gênero, como por exemplo, as referentes à chefia masculina da sociedade conjugal: a preponderância do homem no pátrio poder e na administração dos bens do casal - inclusive nas posses particulares da mulher; a anulação do

¹¹ O paradoxo da individualidade em concordância com a vida compartilhada pode acarretar diversas tensões e conflitos que, quando não resolvidos, levam muitas vezes à separação conjugal.

casamento pelo homem - caso desconheça o fato da esposa já ter sido deflorada; a deserdação de filha “desonesta” que viva sobre o poder paterno.

O Novo Código Civil também engloba inovações ao introduzir expressamente conceitos como: direção compartilhada (ao invés de chefia masculina da sociedade conjugal); poder familiar compartilhado (no lugar da prevalência paterna no pátrio poder); a permissão ao marido em adotar o sobrenome da mulher; a guarda da prole passa a ser dirigida ao cônjuge que apresenta melhores condições de exercê-la; dentre muitos outros aspectos.

A realidade em mutação abarca todos que estão nela inseridos, chamando-os para uma reflexão incessante rumo a busca de possibilidades e posicionamentos, porém, sem perder a identidade peculiar de cada um.

Chegamos no século XXI abarcando realidades familiares multiformes e dinâmicas, por isso, caminhamos para uma organização social cada vez mais flexível perante as opções de vida.

É necessário que os hábitos e os costumes sejam permanentemente reavaliados para que ocorra a inclusão de novos valores, e assim, o reconhecimento das novas alternativas vivenciais, pois, estas já atingem variadas relações de gêneros e familiares.

1.4 Diversidades familiares: preconceitos e importâncias

A concepção idealizada da família nuclear, durante séculos, foi culturalmente mitificada, por isso, ainda exala reflexos na contemporaneidade embora não corresponda a realidade da maioria das famílias brasileiras.

Mas, as contínuas transformações sociais colocam em xeque a definição simplista e homogênea da família mediante a uma infinidade de configurações com universos diversificados de relações.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (1996/2006) disponibilizada pelo IBGE sobre percentual dos arranjos familiares residentes em domicílios particulares, dentre eles estão algumas configurações familiares: unipessoal, casal sem filhos, casal com filhos, mulheres sem cônjuge com filhos, etc. (ANEXO A).

Apesar de existir um número grande de famílias constituídas por pai, mãe e filhos, vale destacar, que esta tradicional organização passa por processos de alterações.

Álvares (2003, p. 47) acredita que há uma diminuição gradativa do tipo nuclear de família, ocorrendo um aumento em outros tipos de configurações familiares.

É fato que os efeitos das mudanças sociais repercutem na família, estando esta susceptível a tais influências, mas, cada organização familiar demonstra um modo particular de visualizar e adequar os impactos externos às suas necessidades reais já que tem vivências específicas, portanto, apresenta processos de adaptações singulares.

Contudo, a família não se fecha em si buscando apenas a satisfação das necessidades e desejos internos, ela é aberta ao mundo, por isso, permanentemente redefine seus valores e estruturas.

Fica evidente que toda família situada na realidade emergente sofre enormes alterações das quais, muitas vezes, as colocam distantes dos padrões familiares clássicos; entretanto, mesmo que os núcleos familiares contemporâneos não disponham da configuração convencional ainda permanecem sendo organizações familiares que merecem respeito.

Apesar de constituir estruturas particulares, as famílias trazem em seus âmagos deveres universais, pois, não deixam de ser instituições sociais responsáveis pelos primeiros cuidados, proteção e educação da prole e, ao mesmo tempo, representam os principais canais de iniciações dos afetos, das relações sociais e das aprendizagens, possibilitando ao ser humano estabelecer-se como sujeito e desenvolver relações, sendo assim, o ambiente familiar é fundamental à própria vida.

“Desta forma, cada família independente da sua da configuração, devem ser respeitadas nas suas diferenças étnicas e culturais e serem reconhecidas e valorizadas enquanto espaços de produção de identidade social.” (SOUSA, 2004, p. 91).

É fundamental evitarmos paradigmas sobre o tipo familiar correto para assim não desenvolvermos preconceitos que produzam atitudes impróprias em relação a infinidade de formações familiares existentes.

A família ideal faz parte dos padrões culturais da nossa sociedade, pois envolve valores, normas e práticas que se manifestam mediante objetivos e formas de agir e de pensar, sendo estes transmitidos de geração em geração. E como um padrão cultural, faz com que as pessoas façam valer as normas estabelecidas e aqueles que não se enquadram dentro das normas são punidos por mecanismos disciplinares (comentários maliciosos, fofocas e outros) que agridem a individualidade, o respeito, a honra e a dignidade das pessoas. (JOSÉ FILHO, 2002, p. 37, destaque do autor).

Tal questão ganha maior relevância quando refletimos sobre o conceito de família interiorizado pelo trabalhador social que frequentemente se depara na realidade concreta com os

diversos tipos de organizações familiares, podendo estas serem diferentes dos ideais familiares apregoados por eles.

Deste modo, é imprescindível o trabalhador se instrumentalizar para buscar um olhar atual mediante a realidade e empreender ações que vão de encontro às necessidades do núcleo familiar trabalhado; isto requer mudanças nas crenças, quebras de paradigmas, novas percepções para assim evitar posições moralistas, estereotipadas, pré-concebidas.

Se torna difícil ainda hoje uma visão crítica, liberta da ideologia dominante tentando a comparar as diversas famílias como se todas funcionassem de uma só maneira, não possuindo suas próprias dinâmicas e padrões interacionais e de funcionamento. O resultado disso é que tendemos a trabalhar com as famílias desconhecendo as diferenças ou, pior, em muitas situações transformamos essas diferenças em desigualdade ou incompletude. (VITALE, 2002, p. 46).

Devemos compreender que os grupos familiares, dentro de sua cultura, dispõem de variadas alternativas frente as vicissitudes da vida, deste modo, mantermos nossa mentalidade aberta para o universo rico de relações diferenciadas, - porém, todas vivenciadas pelo ser humano.

CAPÍTULO 2 MONOPARENTALIDADE EM DESTAQUE

2.1 As concepções tradicionais e modernas da paternidade e da maternidade

A classe dominante guiada por interesses de manutenção e legitimação da ordem patriarcal machista impôs culturalmente um padrão hegemônico onde estabelece funções específicas para os respectivos gêneros.

E para que essa divisão sexual seja aplicada de modo que resplandeça como natural, a família se torna a instituição mais adequada para reproduzir sutilmente tal sistema ideológico, sem ocasionar muitas contestações.

Através da educação e socialização, o núcleo familiar transmite valores sociais predominantes, com isso, condiciona homens e mulheres a desempenharem papéis diferenciados e rigidamente demarcados.

Sendo assim, ideologicamente o “dom inato” ou a biologia exclusiva da classe masculina é desempenhar sua autoridade, força e empreendedorismo para assim comandar e prover materialmente uma família; já as mulheres são convencidas à maternidade, submissão e dedicação ampla destas obrigações que, por sua vez, tornam-se o único caminho feminino para a realização pessoal e reconhecimento social.

A mulher que não seguisse seus caminhos, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes. Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar, e o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era tido como *o objetivo de vida* de todas jovens solteiras. (BASSANEZI, 2001, p. 609, grifo do autor).

Nesta lógica, os atributos direcionados a cada um dos gêneros são visualizados como predestinação natural por isso mesmo essenciais a condição masculina ou feminina, deste modo, as respectivas funções sexuais se tornam vocação prioritária na vida dos gêneros.

O organismo humano é orientado em direção à perpetuação da espécie tendo diferenças genéticas específicas de cada sexo, todavia, estas particularidades biológicas se transformam em mitos e modelos padronizados que perduram durante décadas como sendo ideais, inatas e imutáveis.

Durante a gravidez, por exemplo, a atenção é voltada integralmente para a mulher, pois, cabe a ela toda mudança biológica e psicológica deste momento, já ao homem é direcionado um papel subsidiário onde é cerceada toda expressão de suas emoções.¹²

Os sentimentos e atitudes dos genitores acabam sendo subordinados ao exercício pleno das funções socialmente delimitadas, com isso, ambos os gêneros vivenciam experiências culturais limitadas.

A renúncia da maternidade é algo absolutamente penoso, pois, o sentimento incondicional de amor materno faz parte do imaginário coletivo.¹³

Contudo, segundo estudos realizados por Badinter (1985): na França, durante os séculos XV a XVIII, a mulher pode recusar publicamente a maternidade sem sofrer qualquer sanção, haja vista que, esta não é a condição máxima do papel feminino.

Portanto, Badinter (1985) constata que a imposição das funções maternas ligada ao “mito do instinto materno” ou do “amor materno espontâneo” nem sempre predomina, é a partir de um determinado período histórico e cultural que a mulher se encontra coagida a desempenhar tais atributos.¹⁴

Devemos considerar que, as representações tanto maternas quanto paternas são construídas dentro de um contexto histórico transitório, por isso, ao longo dos tempos, as formas de vislumbrar as funções materna e paterna variam. Sendo assim, reduzir os atributos parentais para uma tendência específica de cada sexo, ou mesmo para uma conduta universal, é no mínimo simplista.

Também evidenciamos que a paternidade ou a maternidade por si só não desperta um “dom natural” ou uma predisposição instintiva em amar o filho incondicionalmente.

À exemplo, podemos evidenciar o mito do amor materno que segundo Lúcia Rito (1998) não é um sentimento instintivo na mulher, ele aparece por meio da interação física entre a mãe e o bebê, desde os primeiros movimentos do feto, desta forma, os fatores psicológicos desempenham muito mais o papel decisivo no surgimento do sentimento maternal.

¹² “[...] a palavra pai designa apenas aquele que é o genitor. Não existe uma palavra que designe o homem em estado de espera do nascimento de uma criança, não existe o homem ‘grávido’.” (PERSEVAL, 1986 apud TRINDADE; BRUNS, 1999, p. 11, destaque do autor).

¹³ Alguns discursos ideológicos descrevem punições tanto biológicas quanto condenações morais às mães indiferentes a prole.

¹⁴ No fim do século XVIII, ocorre uma revolução de mentalidades em prol do amor materno. Ele não era inexistente antes desse período – a novidade estava na exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade. (BADINTER, 1985, p. 146).

A consequência física direta para a mulher é a gestação, na qual o homem não tem uma consequência física direta – mas deve chamar para si um envolvimento psicológico maior e participar durante todo o processo, o que resultaria numa maior ampliação de seu papel social. (FERNANDES, 1999, p. 47).

Portanto, ser pai e ser mãe é uma vivência que vai além do fato biológico natural para adquirir o estatuto de experiência psicológica e social, que pode ou não acontecer, estando estritamente ligada a vontade pessoal, haja vista que, conceber uma criança por si só não garantem que as experiências parentais sejam vividas em sua plenitude.

Neste sentido, a afetividade em relação a prole pode se desenvolver independente do sexo do genitor, pois, não está minimizada a uma mera imposição social, vai além, faz parte de uma opção onde o desejo e o interesse pessoal no exercício das funções parentais é que prevalece.

A afeição é conquistada e desenvolvida através de um relacionamento contínuo de reciprocidade aos que dela se nutre, ou seja, é um sentimento frutificado ao longo da convivência.

Cada vez mais casais a considerarem a criação dos filhos uma atividade partilhada, deste modo, muitos relacionamentos são baseados numa divisão simétrica das responsabilidades, com isso, homens e mulheres constroem outros referenciais.

Os comportamentos estereotipados são repensados e visualizados sob prismas que respondam as novas exigências de uma época em constante transformação, sendo assim, as próprias condições da vida moderna demandam outras organizações onde o fundamental não é buscar um modelo definido, mas sim uma fusão de comportamentos que se adequem conforme as possibilidades familiares existentes.

A realidade dinâmica permite que ambos os gêneros reavaliem aspectos de suas vidas engrenando mudanças que caminham cada vez mais para a flexibilização dos papéis e a redução das desigualdades.

De acordo com Patai (1972, p. 268) nos tempos mais atuais, é permitido às mulheres praticamente tudo o que, no passado, constituía prerrogativa masculina, incluindo atitudes, comportamentos e atividades. O mesmo se aplica ao reverso da medalha, no sentido de que os homens agora assumem atividades, adotam comportamentos e exercem atividades que, antigamente, se consideravam domínio exclusivo das mulheres, e que, em círculos cada vez mais vastos, se reputam apropriados e decorosos para os homens.

Deste modo, o mito da diferença sexual gradualmente se torna uma impostura frente aos novos posicionamentos de homens e de mulheres que se mostram potencialmente aptos a desenvolverem quaisquer tarefas.

A mutualidade se dá não apenas na criação dos filhos, mas também nas funções relativas ao espaço doméstico e provisão familiar que não é mais exclusividade de um dos gêneros.

A participação feminina no mercado de trabalho se torna um fator positivo para propiciar a estabilidade econômica. Muitas mulheres desejam conquistar uma carreira profissional independentemente de seus desejos por casamento e filhos, pois, estes não mais se impõem como únicas fontes de prazer nem justificam o retraimento da figura feminina na cena social e pública.

Na ótica dos autores Durkheim e Parsons a função materna definida como missão central feminina com base na especificidade biológica, é incompatível com a idéia de uma mulher autônoma, senhora do seu destino e das suas opções, capaz de se sustentar ou de partilhar com o parceiro as funções de provedor da família ¹⁵.

A ampliação da sexualidade feminina e da participação corrente na vida econômica e social inevitavelmente altera o papel social da mulher:

“Ela não é mais a que se preparou para as funções de mãe de família e dona de casa, mas a moça habilitada a, ela própria, ganhar o seu sustento, ser companheira, em casa e fora dela”. (MINICUCCI, 1968, p. 27).

O homem também questiona sua conduta tanto no ambiente externo quanto no espaço caseiro, com isso, descobre posturas que ultrapassam os estereótipos direcionados as suas funções masculinas.

O contexto atual permite que os homens renovem seus costumes, sem que isto os torne menos masculinos, já que a masculinidade do mesmo modo é compreendida sob outros prismas que não apenas os tradicionais.

Até algum tempo atrás o homem tinha que demonstrar ter atributos considerados tipicamente masculinos, entretanto, agora ele é convidado a ser mais ‘sensível’, ‘colaborador’ e ‘cuidador’ em relação à esposa e aos filhos.

¹⁵ Os avanços da ciência, como o surgimento da pílula anticoncepcional nos anos de 1960, de certo modo, também contribuem para a emancipação sexual da mulher em relação à procriação - que deixa de ser um mero instrumento de reprodução: “A luta para separar procriação e sexualidade começou no Ocidente, a partir do século XIX. Mas foi só entre 1960 e 1970 que a ‘pílula’ foi colocada à disposição das mulheres.” (GARBAR; THEODORE, 2000, p. 26, destaque do autor).

A figura paterna está mais participativa - desfrutando dos aspectos positivos e negativos da paternidade – e busca o reconhecimento da importância do seu papel na dinâmica familiar, não apenas como provedor:

“[...] o pai não pode ser mas encarado como uma metáfora, mas deve ter participação decisiva na criação e na educação dos filhos.” (SPITZ, 1992, p. 12).

A moderna postura masculina permite ao homem explorar com mais intensidade seu lado paternal e afetivo, além de empreender com maior liberdade as atividades domésticas.

Trabalhos como de Nolasco (1993), Badinter (1993), Cushinir (1994), Souza (1994), Silva (1999), Jablonski (1999) e Muskat (2003) apontam para o surgimento de um *novo* homem, em contrapartida às transformações femininas, isto nos remete a idéia de uma desconstrução de gênero na pós-modernidade. (apud CERVENY, 2004).

O desenvolvimento das teorias contemporâneas sobre os gêneros tem permitido perceber que o comportamento masculino e feminino deixa de ser uma expressão simples e direta do sexo biológico, afinal, a desigualdade da natureza ou da herança genética são muito mais fruto de um processo sócio-histórico de aprendizagem e condicionamento.

[...] Posto que não exista nenhuma aptidão original, as diferenças só podem ser compreendidas e interpretadas a partir da situação histórica em que surgiram. Desta maneira, a mulher não está, por exemplo, dotada da capacidade de relacionamento, nem lhe são atribuídas especiais capacidades de relacionamento com as pessoas, nem é determinada provavelmente pelos sentidos. Todas as aptidões são “produtos” da situação histórica criada pelo homem. Pelo mesmo motivo, não se pode falar de nenhuma correspondência natural entre os sexos [...]. (JURITSCH, 1970, p. 70, destaque do autor).

As alterações de conduta de ambos os sexos estão estritamente relacionadas umas às outras, trazendo a tona indícios não apenas das transformações relacionais entre homens e mulheres mas da abertura de renovadas alternativas que podem, inclusive em algumas circunstâncias, promover a equidade de gênero ou pelo menos a flexibilização dos papéis.

Deste modo, a atualização dos hábitos e a busca de posturas diferenciadas podem ser compreendidas como um desafio proponente de um projeto de vida guiado rumo aos trilhos da pós-modernidade.

2.2 A monoparentalidade

A família brasileira está se libertando das convenções tradicionais, isto não significa o seu desaparecimento, mas uma transformação das suas estruturas às condições da vida contemporânea.

Sendo assim, a sociedade abriga uma variedade de núcleos familiares que se organizam de modo peculiar, contextualizando padrões e comportamentos que se diversificam do clássico modelo nuclear.

Segundo os resultados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em 2006 apenas 49,4% dos domicílios são constituídos por famílias nucleares (casal com filhos), sendo que em 1996 esta proporção era de 57,4%.¹⁶

A família monoparental, por exemplo, é uma das constituições familiares que vai de encontro à hegemonia do modelo nuclear, pois, sinaliza em sua estrutura a inexistência de um relacionamento conjugal cotidiano, deste modo, é por excelência, um grupo familiar de mães ou pais solteiros que assumem os encargos dos cuidados da prole.

A terminologia “família monoparental” surge na França em um estudo desenvolvido em 1981 pelo Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (INSEE), posteriormente a noção se espalha por toda a Europa.¹⁷

Hoje a monoparentalidade é conhecida e aceita no mundo ocidental como a comunidade formada por qualquer um dos pais e seus descendentes, ou seja, família é definida como monoparental quando apenas um dos genitores vive com seu(s) filho(s) numa mesma casa.

A situação de monoparentalidade pode ser transitória, isto é, pode manter sua estrutura singular definitivamente ou por um espaço de tempo – sendo descaracterizada quando o genitor estabelece uma união estável.

Mas, a partir do momento que existir um filho convivendo com apenas um dos pais a monoparentalidade é efetivada. Ela ocorre tanto por circunstâncias alheias à vontade do genitor quanto por sua própria disposição; também é estruturada em decorrência do fim de uma família nuclear ou decorre de uma família organizada nos moldes não convencionais. Vale destacar que

¹⁶ Ver ANEXO A

¹⁷ Está localizado em Paris, Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE) coleta e publica informações da economia e sociedade francesas, realizando periodicamente o censo da nação, sendo semelhante ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (do Brasil) e ao Instituto Nacional de Estatística (de Portugal).

fatores socioeconômicos, demográficos e regionais também interferem significativamente para formação destas famílias.

Ela pode ser estabelecida desde sua origem, ou decorre do fim de uma família constituída pelo casamento. Nessa diapasão é possível que ela se estabeleça porque a mãe teve um filho, mas a paternidade não foi apurada, ou porque houve adoção, ou pode resultar da separação judicial ou do divórcio. Nessa linha temos a família monoparental formada pelo pai e o filho, ou pela mãe e o filho, sendo que nos exemplos há o vínculo biológico, ou decorre de adoção por mulher ou homem solteiro. Nada impede que o vínculo biológico que une os membros dessa família, não decorra de encontro sexual, mas resulte de procriação artificial. A mãe solteira submetesse à inseminação artificial, não sabendo quem seja o doador. (VIANA, 1998, p. 32).

Desta forma, evidenciar apenas um ponto como gerador da família monoparental é enganoso, pois, a monoparentalidade pode ser desencadeada por diversas motivações, dentre elas, existem as mais comuns: divórcio, separação, viuvez, abandonado, adoção ou por simples opção.

Leite (1997) destaca que a monoparentalidade não é uma organização recente, isto é, “sempre existiram viúvos e viúvas, mães solteiras e mulheres separadas ou abandonadas por seus maridos que assumem, por inteiro, o encargo de sua progenitura.”

A morte de um dos genitores, por exemplo, é uma das causas mais antigas para formação de um núcleo monoparental. Porém, na atualidade o número dessas ocorrências diminui em relação ao aumento de fatores como os divórcios e as separações conjugais.

A consolidação da Lei do Divórcio (6515/77) facilita o rompimento das uniões que antes tinham traços de indissolubilidade, portanto, o desenlace conjugal vem sendo considerado um dos principais fontes de constituição das famílias monoparentais sejam elas masculinas ou femininas.

“Como a maioria dos casais desunidos tem filhos, os lares dirigidos por um só genitor sofreram um aumento considerável e uma intensa visibilidade.” (DANDURAND apud LEITE, 1997, p.725).

Mas, independente da causa que origina a monoparentalidade, é fato que principalmente nas últimas décadas cresce o número de constituições destas famílias no qual atingem todas as classes sociais.

A ascensão das famílias monoparentais leva especialistas das diversas áreas do conhecimento a refletirem cuidadosamente sobre esse tipo de organização familiar que se coloca como um fenômeno social dos tempos modernos.

“A última década do século XX manifesta, com intensidade, a tendência que, certamente, dominará as próximas gerações, a saber, a monoparentalidade.” (LEITE, 1997, p. 29).

A visibilidade das diversas formas familiares desencadeia questionamentos que levam inclusive a ordem jurídica a reconsiderar o parâmetro tradicional de família; com isso, progressivamente tais famílias conquistam legitimidade.

A Constituição Federal Brasileira em 1988 reconhece formalmente a ocorrência da monoparentalidade, entre outras formas familiares, como sendo: “a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.”¹⁸

A família monoparental está reconhecida pelo Direito Constitucional, mas não existe no Direito Social nem no Direito Civil, ou seja, está inserida na “especial proteção do Estado” embora ainda seja desconhecido os meios de operacionalização da prevista “proteção”, sendo assim, o poder público não se vê compelido em auxiliá-la.

A monoparentalidade ainda é um assunto que engloba diversas situações e variáveis nas legislações carecendo de uma definição mais transparente. Outra questão levantada é no diz respeito à guarda filial.

Apesar das notórias alterações na realidade contemporânea ainda é mais comum esbarrarmos em posicionamentos tradicionalistas no que se referem aos cuidados dos filhos.¹⁹

Segundo Leite (1997, p. 40): “as famílias monoparentais advindas do divórcio, separação judicial ou dissolução das uniões estáveis, como quaisquer outras, podem ser formadas por homens ou mulheres separados ou divorciados cuidando de seus filhos.”

Deste modo, mesmo havendo uma parcela considerável de pais que requerem para si a responsabilidade integral da prole, as famílias monoparentais na sua maioria são constituídas pela figura materna.

Leite complementa:

Apesar de saber que alguns homens tendem a buscar efetivar sua função paterna, ainda predomina, na sociedade, a idéia de que a criança ou o adolescente permanece melhor com a mãe, o que significa dizer que a maioria das famílias monoparentais consecutivas ao divórcio ou separação judicial são formadas por “mulheres chefes de família”. (LEITE, 1997, p. 40 – 41, grifos do autor).

¹⁸ Brasil. Constituição Federal. Rev. dos Tribunais, 2000. (art. 226, § 4º).

¹⁹ Hedwig Dohn (apud KOLONIAI, 2005, p.25): “[...] os novos pensamentos já nasceram em nós, mas os antigos ainda não morreram.”

A idéia arcaica de que a mãe, em comparação ao pai, tem capacidades inatas de melhor criar os descendentes permanece culturalmente impregnada no imaginário de uma sociedade que convive ininterruptamente com a colisão/construção de valores em mutação.

Contudo, gradualmente os novos acontecimentos ganham significações aceitáveis e a guarda da prole passa a ser revista considerando o bem estar dos dependentes. O Novo Código Civil (2002, art. 1.584) determina que a guarda filial seja dirigida ao cônjuge que apresenta melhores condições de exercê-la – chegando até a ocorrer compartilhamento das responsabilidades.

Neste ano de 2008, a Câmara dos Deputados aprova o projeto de lei que prevê a guarda compartilhada de filhos de casais divorciados, de uniões estáveis ou de relações eventuais.

Por guarda compartilhada, entende-se um sistema onde os filhos de pais separados permanecem sob a autoridade equivalente de ambos os pais, que continuam a tomar as importantes decisões na criação de seus filhos conjuntamente.

As restrições preconceituosas em relação ao sexo do genitor responsável pelos encargos dos filhos estão sendo amenizadas, assim, famílias monoparentais masculinas e femininas paulatinamente são vistas equiparadamente.

A antiga marginalidade em relação à monoparentalidade tem que ser repelida e, cada vez mais, devem ser elucidados os aspectos positivos encontrados nos mais diversos núcleos familiares, independente de configuração ou sexo do genitor.

Para isto, é necessário que todos os segmentos da sociedade civil reflitam sobre essa nova tendência familiar, para que assim sejam evitadas comparações e tentativas de ajustamentos dando lugar ao respeito das especificidades de cada organização familiar.

2.3 Família monoparental feminina

A existência da família monoparental que não detém a presença cotidiana do cônjuge masculino sempre se fez presente na história, porém, podemos considerar que essa estrutura familiar por vez esteve ocultada na historiografia brasileira já que ia de encontro com os padrões familiares de um contexto social centrado na nuclearidade como sendo o modelo da família brasileira.

Entretanto, as complexas transformações sociais, ao longo dos séculos, possibilitam que os diversos tipos familiares tenham maior visibilidade, entre eles, a monoparentalidade feminina – mulheres com filhos - que apresenta na realidade atual um crescimento significativo. (ANEXO B).

Apesar de não ser uma organização familiar recente, a configuração monoparental chefiada apenas pela mulher permanece, por muito tempo, sem estudos mais aprofundados, contudo, o apontamento das estatísticas para o aumento destas famílias no Brasil, conseqüentemente, desencadeia uma ampliação das pesquisas sobre essa temática.

Este fenômeno ainda é polêmico, podendo acarretar inúmeras formas de preconceitos, pois, aliados a esse tema emerge outras discussões, entre elas, a mudança social da mulher que, inevitavelmente, amplia as investigações referentes ao gênero feminino e masculino, assim como, as alterações da estrutura familiar e a derrocada de muitas ideologias.

Portanto, falar de famílias monoparentais, em especial, as chefiadas por mulheres, é um tanto delicado já que envolve uma teia de acontecimentos sociais, juntamente com diversos posicionamentos e opiniões a respeito do assunto.

É importante ressaltar que nem todas as famílias chefiadas por mulheres são monoparentais. (VITALE, 2002). Podemos considerar que chefia, em geral, refere-se ao cônjuge que apresenta maior rendimento no núcleo familiar ou aquele que é o único provedor, podendo, ou não, existir a presença de um companheiro. Já a chefia familiar monoparental é considerada como a constituição familiar que tem necessariamente a presença apenas de um dos genitores.

Deste modo, é preciso nos atentarmos para algumas pesquisas ou recenseamentos que apresentam dados enfocando a figura do chefe familiar, haja vista que, nem sempre há a caracterização da monoparentalidade, podendo nesta categoria estar embutido tanto as chefias com o cônjuge ou sem ele.

Sendo assim, ao considerarmos a chefia feminina ou a monoparentalidade feminina estamos nos referindo ao convívio familiar onde engloba apenas a mulher e seus descendentes. Este fato é gerado por mulheres que detêm a guarda dos filhos, seja pelo rompimento de uma união conjugal ou por simples opção.

Existem inúmeras formas de ruptura das uniões, contudo, a viuvez, o divórcio e maternidade “solteira” (ou seja, sem o estabelecimento de uma relação conjugal estável) constituem as causas mais freqüentes monoparentalidade.

Alguns fatores podem ser apontados como condicionantes do crescimento das famílias monoparentais femininas, entre eles citam-se o aumento da expectativa de vida da mulher brasileira, o que pode ocasionar um maior número de viuvez feminina; o crescimento do número de divórcios e separações, sendo que em grande parte dessas situações a guarda dos filhos permanece com a mãe; e as mudanças de valores tradicionais em relação ao casamento e aos valores sexuais. (ÁLVARES, 2003, p. 70).

As famílias monoparentais advindas do divórcio e separação judicial, como quaisquer outras, podem ser formadas por homens ou mulheres separados ou divorciados que cuidam dos descendentes. Entretanto, apesar de alguns homens efetivarem a guarda filial, ainda predomina na sociedade, a idéia de que a criança ou o adolescente permanece melhor com a mãe.

Sendo assim, destacamos que a maioria das famílias monoparentais é formada por mulheres que se responsabilizam pela guarda da prole: segundo estatísticas do IBGE (2005), após o divórcio, 89,5% das crianças ficam com as mães.

As organizações monoparentais femininas que advêm do fim – por separação, abandono ou viuvez - de uma relação familiar tradicional como o casamento, ou mesmo a união estável, pode ser considerado na modernidade o acontecimento mais comum.

Entretanto, ocorrem situações onde a mulher deseja ter e criar um filho apenas por ela própria, sem qualquer pretensão de constituir uma relação conjugal duradoura, ocorrendo à participação masculina somente no ato da concepção ou nem isso - pois, a adoção ou mesmo os recursos disponibilizados pela medicina genética, como a inseminação artificial, torna ínfima a presença masculina.

A idéia de “mãe solteira” estava estritamente ligada à imagem de adolescentes ingênuas e imaturas que engravidavam e assim passavam a ser vítimas de uma situação social desfavorável, ou remetia à mulheres que, contrariando costumes sociais da época, mantinham relações sexuais antes do casamento e engravidavam involuntariamente, sendo condenadas a sofrerem eternas discriminações do meio social em que viviam.

A revolução sexual, a independência da mulher e inúmeros outros acontecimentos sociais contribuem para que, paulatinamente, a monoparentalidade feminina perca o caráter de “situação indesejável” ou imposta por circunstâncias alheias, uma vez que começam a surgir famílias monoparentais por opção.

Por isso, não é raro encontrarmos mulheres bem sucedidas nas suas profissões que pretendem realizar o desejo de serem mães, sem se vincular ao pai desse almejado filho - todavia, este é um assunto ainda conflitante que gera diversos posicionamentos.

As situações de monoparentalidade são as mais variadas, assim como são diversos os condicionantes históricos que induzem a constituição destas famílias, mas, de qualquer forma, voluntária ou involuntariamente, essas mulheres aceitam vivenciar o modelo familiar monoparental.

Tal postura, conseqüentemente desencadeia transformações não apenas na mulher-mãe mas também na prole. Deste modo, a constituição de um ambiente familiar monoparental inevitavelmente empreende variadas mudanças: estruturais, financeiras, psicológicas, relacionais, etc., que envolvem todos os membros da família.

Nesta estrutura monoparental, a figura da materna é colocada em relevância sendo o sustentáculo do núcleo familiar, assim, ela passa a conciliar questões relativas a condições econômicas, convenções sociais, encargos domésticos e, principalmente, a criação dos filhos.

Em geral, a fonte de renda provém do trabalho da genitora, deste modo, grande parte das mulheres são profissionalmente ativas e socialmente autônomas, entretanto, esta é uma condição que muitas vezes traz sobrecarga para elas, afinal, junto as atividades externas estão as obrigações domésticas e a responsabilidade pelos cuidados integrais com os filhos.

Esta é uma situação que pode estar presente em muitas realidades monoparentais e, em alguns momentos, pode inclusive acarretar certas dificuldades.

A mãe que se vê sozinha é confrontada, na maioria dos casos, com uma queda em seu nível de vida. Então acabam aparecendo os problemas financeiros, obrigando-a a investir mais na atividade profissional. Mas diminuir o tempo dedicado aos filhos acentua as dificuldades de administrar a vida doméstica. (GARBAR; THEODORE, 2000, p. 139).

A vivência da monoparentalidade naturalmente envolve perdas e ganhos, podendo ser considerada uma faca de dois gumes: a responsabilidade materna pelos cuidados dos filhos e a realização dos demais encargos vem acompanhada de sobrecargas, em contrapartida, também trazem benefícios, entre eles, o fato da genitora estar na companhia da prole.

Embora essa experiência aparenta ser potencialmente estressante, por outro lado, pode ser precursora de um crescimento pessoal, especialmente para as genitoras que encontram formas de transformar a realidade monoparental em algo satisfatório.

2.4 Família monoparental masculina

É fato que ainda uma considerável parcela masculina está aprisionada aos estereótipos tradicionalistas, em contrapartida, podemos evidenciar que muitos homens estão demonstrando comportamentos mais diferenciados.

O enorme processo de mudanças sociais instiga o gênero masculino a procurar meios de ampliar as interações no âmbito familiar, com isso, o homem expande suas atividades para além da provisão.

Os encargos das tarefas familiares, aos poucos, se tornam rotineiros na vida deste homem do século moderno, assim como o relacionamento com a prole ganha maior abertura e força no trato diário.

A vivência paterna mais ativa nos cuidados com os descendentes suscita no pai sentimentos que potencializam o desejo de responsabilidade em criar e amar esses filhos – até mesmo antes do nascimento.

O despertar dessa imensidão de emoções gradativamente desvela uma nova forma de exercitar a paternidade. Deste modo, o caráter de obrigação é substituído pelo prazer que uma relação paterno-filial pode proporcionar a ambos os envolvidos.

O anseio destes pais em estarem cotidianamente convivendo com filhos, os fazem sentir encorajados em criar a prole mesmo sem a presença feminina no lar, formando assim uma família monoparental.

Tem aumentado o número de pais divorciados que solicitam judicialmente a guarda dos filhos, sem precisar recorrer a avós e tias para demonstrar que a criança será bem cuidada, mostrando que a 'paternagem' pode ter a mesma qualidade da 'maternagem'. (TRINDADE, 1991, p.65, destaque do autor).

Em tempos mais remotos, quando o homem encontrava-se compelido a monoparentalidade, muitas vezes por não se sentir capaz ou obrigado a tal tarefa, em geral, transferia a responsabilidade dos filhos para alguma figura feminina.

Na atualidade, mesmo perante a ausência de uma companheira, é mais corriqueiro evidenciarmos a existência de homens que aceitam facilmente os encargos decorrentes da monoparentalidade.

Principalmente nas últimas décadas, cresce vertiginosamente o interesse dos homens em manter contato cotidiano com os filhos levando-os a lutar mais pela possibilidade de estar com a prole e assumir totais responsabilidades.

Aumenta cada vez mais o número de pais que solicitam a guarda dos seus descendentes. Dados do IBGE (2005) demonstram que a proporção de divórcios cujo pai se responsabiliza pela guarda filial é de: 6,1% no Brasil e 5,1 no Estado de São Paulo.²⁰

“[...] É motivo de reflexão o crescente número de homens/pais que tem se mostrado disponíveis e desejosos de ficarem com a responsabilidade da criação dos filhos, inclusive solicitando judicialmente sua guarda.” (WAGNER, 2002, p.29).

As próprias pressões da vida moderna (juntamente com a vontade própria) exigem certo tipo de organização que muitas vezes leva o homem a assumir sozinho à família.

A morte da esposa ou a dissolução do casamento, por exemplo, pode deixar o homem (voluntária ou involuntariamente) como o único protetor dos filhos.

“As circunstâncias sociais podem impedir que um pai biológico se preocupe com os próprios filhos, da mesma maneira como o podem obrigar a cuidar deles.” (COLMAN; COLMAN, 1991, p.55).

A guarda paterna torna-se cada vez mais possível, podendo encontrar maior abrangência inclusive na legislação brasileira, pois, o Novo Código (2002) evidencia que a guarda filial cabe ao genitor, seja ele o pai ou a mãe, que tiver melhores condições (não somente financeira) para exercê-la.

As relações intrafamiliares foram se tornando mais complexas, ou como defendem alguns, se tornando mais aparentes, o que redundou em uma gama cada vez maior de aspectos a serem considerados na abordagem do tema. Por exemplo, a busca de saber quem é o mais capaz dos genitores está levando juizes americanos a pesquisar quem é que terá mais tempo, estabilidade e desejo de ser um guardião responsável e um bom modelo para se filho. (ASHLEY, 1994 apud BARRETO, 1997, p. 133).

Embora ainda não sejam muitos os casos de homens que ficam com a guarda dos filhos também estão deixando de ser raridade: “As mães ainda costumam obter a responsabilidade primária pelos filhos, mas parece haver um número crescente de batalhas pela guarda que são ganhas pelos pais.” (COLMAN; COLMAN, 1991, p. 217).

Este fato mostra que a tradição brasileira vem mudando, pois, usualmente os cuidados em relação a prole ficava sob responsabilidade da mãe sendo destituída apenas em situações irregulares,

²⁰ Ver ANEXO C

por exemplo, diante de um adultério ou insanidade mental. Entretanto, a clássica guarda materna, tendo o pai o direito de visitação, j a não   mais a regra predominante.

Estas transforma es demonstram a figura de um pai responsável pelos cuidados dos filhos inserido num território que antes considerado historicamente feminino.

Deste modo, podemos considerar que a imagem masculina ultrapassa a cria o paternal inicial para se dedicar as “novas” potencial a floradas da paternidade, com isso, emerge um comportamento mais ativo onde o pai apresenta plenas capacidades em assumir a responsabilidade de cuidar, a um só tempo, das necessidades exteriores e interiores da família.

Se tiverem posses, podem contratar babás, empregadas domésticas ou outros preceptores para tratarem de aspectos específicos do cuidado dos filhos, mas essas pessoas cumprem apenas tarefas profissionais.

“Os pais reais podem precisar delegar algumas das responsabilidades pelos cuidados dos filhos a outras pessoas, mas seus auxiliares de maneira alguma são iguais a eles [...]” (COLMAN; COLMAN, 1991, p. 76).

Eles começam a combinar experiências integrais nos cuidados domésticos e nos encargos com a prole ao seu trabalho externo e responsabilidades comunitárias, para isto, eles estão dispostos a acrescentar diversas mudanças em seu estilo de vida.

A figura do pai monoparental   de suma importância para a família, pois, além de ser o único recurso econômico também   o apoio emocional dos filhos. A fun o deste genitor envolve incríveis exigências não são em termos de energia física como de energia psíquica.

O genitor solteiro (ou o genitor que relega o(a) parceiro(a) a dependência) deve tomar a si todas as complexas tarefas práticas da condi o de genitor, bem como atender as necessidades emocionais e receber todas as proje es dos filhos. Isso parece ser mais do que uma única pessoa   capaz de fazer - e, no entanto,   feito todo o tempo – no entanto, estão mostrando desempenhar que dão conta do recado. (COLMAN; COLMAN, 1991, p.88, destaque do autor).

O papel de genitor ativo na vida dos filhos tem mais a ver com uma escolha pessoal do que com os instintos sexuais, demonstrando que determinadas fun es não necessariamente precisam ser vinculadas ao sexo.

Os monoparentais combinam polaridades e dissolvem as distin es entre masculino e feminino, assim, demonstram que a capacidade de ser pai   mais profunda do que o rótulo social.

Contudo,   necessária uma constante prepara o psicológica para a paternidade ativa, pois, tais potenciais podem ser progressivamente suprimidos   medida que ele aprende a ser um “homem”, tal como a sociedade define o termo.

Afinal, este homem não é socialmente preparado para agir na posição de um pai ativo no cuidado com os filhos, em geral, este papel está vinculado à mulher.

Na maioria das vezes, o pai monoparental não pode encontrar imagens anteriores de genitores masculinos que são efetivamente participativos na vida dos filhos e, para tal experiência, recorrem a figuras femininas. Por isso, muitos dos homens que se posicionam ativamente diante da paternidade sentem antes “maternando” do que “paternando”.

“Quando ao pai se sente nutridor e amoroso, ele pode considerar-se uma ‘mãe’, visto que sua imagem de ‘pai’ está demasiado afastada dessas qualidades.” (COLMAN; COLMAN, 1991, p. 75, destaque do autor).

Os autores Colman e Colman (1991) declaram que os pais que decidem ter um contato próximo ao filho, participando ativamente dos seus cuidados, podem ter bons resultados, no entanto, essa postura pode levá-lo a comparar-se com uma mãe, segundo eles, isto se dá devido à falta de uma imagem masculina participante.

Apesar de alguns pais acolherem aspectos femininos e exercerem as funções tradicionalmente entendidas como maternas e assim fundir em si os papéis de pai e de mãe, contudo, mas nunca substituirão a figura da mãe.

O que estes pais podem fazer é dar carinho, estar próximo, educar, orientar, criar seus filhos; e com paciência, força de vontade e dedicação pode aprender a serem pais integrais e desempenharem um papel positivo a partir da sua própria paternidade.

O importante é explorar os recursos para formar uma família harmônica que propicie um favorável desenvolvimento emocional, físico e espiritual para os filhos, afinal, não deixam de formar um núcleo familiar e ter responsabilidades como qualquer outra.

Independentemente dos sacrifícios que o homem faça para criar seus filhos e dificuldades que eventualmente possam encontrar no caminho, a máxima desta família é o amor: o pai não cuida dos filhos porque isso é fácil, mas porque os ama:

“[...] se o predomínio da capacidade de amar prevalecer, o sujeito encontrará meios de lidar com os conflitos de tal modo, que terá mais facilidade em experimentar prazer e gratidão.” (VIZZOTTO, 1994, p. 152).

É na adição desse amor e com a segurança que o pai tenta transmitir o conforto necessário para que os filhos encontrem a maneira mais eficaz para lidar melhor com os sentimentos e novidades que chegam no decorrer da formação da monoparentalidade para assim, viverem da melhor forma.

CAPÍTULO 3 FAMILIAR MONOPARENTAL EM CONSTRUÇÃO

3.1 Organização do núcleo familiar

Até pouco tempo, acreditava-se que a família legítima começa pelo casamento, no entanto, os vários acontecimentos ocorridos na sociedade no decorrer da história, abrem espaço às famílias contemporâneas formadas não apenas pela união tradicional, ou até mesmo desencadeadas pelo fim de um relacionamento estável:

O que deixa de existir após o divórcio é a família nos moldes anteriores à separação, isto é, usualmente no modelo mais conhecido: pai, mãe e filhos reunidos. Passa a existir, a partir da separação, uma nova configuração familiar. A estrutura do sistema muda, podendo até, mulher e homem recasarem-se, mas a família enquanto organização mantém-se. (CERVENY, 2004).

Deste modo, a realidade dinâmica comporta uma heterogeneidade de conformações particulares de relações, além da família fundada pelo casamento, outros núcleos domésticos cumprem as funções familiares.

Os diversos tipos de agrupamento familiar, portanto, deixam de ser comparados ou qualificados como melhores ou piores uns que os outros, pois são, acima de tudo, diferentes, com características distintas e competências particulares. (COSTA, 1992 apud SATIR, 1996, p. 63).

Neste contexto, evidenciamos a monoparentalidade, esta organização como qualquer outro núcleo familiar, apresenta diversificadas possibilidades de funcionamento.

Afinal, cada família lida com a monoparentalidade de uma forma bem peculiar, pois, possui sua própria dinâmica, história, contexto, economia, crenças, formas de ver o mundo e enfrentar as dificuldades. Por isso, não devemos estigmatizar qualitativa ou negativamente estas peculiaridades, mas sim, conferi-las legitimidade.

Mas, independente dos contextos e enredos familiares específicos, todos estes lares experimentam processos transacionais no qual sinalizam etapas vivenciadas de acomodação a situação monoparental.

Obviamente que no decorrer da estruturação familiar envolve dificuldades de toda a natureza, momentos de “aparente desorganização”, questionamentos, revisões de valores e crenças que conseqüentemente marcam perdas e ganhos, contudo, desencadeia diversas renovações.

“Construir a família ao longo de tantas vicissitudes, crises de crescimento, acontecimentos insólitos e nunca imaginados, idas e vindas, nascimentos e mortes... é um trabalho para sempre.” (ICETA, 1999, p. 163).

O andamento familiar se torna favorável quando as vitórias sobressaem aos problemas, isto é possível a partir do momento que a família valoriza as possibilidades paupáveis através da visualização dos limites e do que está ao alcance dos recursos da família.

“Cada família tem por sua própria natureza o direito de reclamar para si a responsabilidade sobre tudo o que está dentro do limite de suas possibilidades.” (BACH, 1983, p. 49).

Gradualmente a família conquista uma capacidade, até mais otimista, de transformação e flexibilidade para lidar com as tensões e mobilidades da vida cotidiana propiciando o fortalecimento das suas estruturas.

Não só o núcleo familiar como todos que fazem parte dele passam por processos acomodação à nova situação, culminando num crescimento conjunto.

A esperança é um poderoso fator de sustentabilidade das famílias, assim como o companheirismo e a parceria são imprescindíveis para o enfrentando das vicissitudes inerentes a todo processo de amadurecimento familiar.

A cumplicidade familiar vai sendo ampliada e, assim, o genitor juntamente com a prole organizam formas particulares de viver e interagir dentro da família (na divisão do trabalho, nos valores e afetos, na construção de rotinas diárias, nas relações) e fora dela (no mundo profissional, nos relacionamentos em gerais) para de fato funcionar do modo mais conveniente ao universo habitual.

No decorrer das experiências em família, as soluções/estratégias apropriadas às necessidades familiares paulatinamente são acomodadas de forma a atender às demandas familiares e extrafamiliares.

Os filhos participam diretamente da rotina doméstica - independente da condição social da família - como uma forma de amenizar, auxiliar, contribuir com o genitor nos encargos diários, ou mesmo como uma forma de camaradagem. Entretanto, o genitor monoparental não deixa de ser a figura responsável pelos cuidados da prole como também pela segurança financeira do lar.

Mas, pais e filhos se colocam juntos para manter a família num clima agradável. A maior proximidade entre os membros familiares gera uma crescente comunhão onde todos se sentem responsáveis pelo bom andamento da célula familiar, deste modo, buscam manter vínculos essenciais e estruturantes que tornam o sistema parental mais unido e solidário.

Este fator se torna muito importante no desenvolvimento familiar, já que a essência da estrutura familiar é a harmonia das consciências e a coesão interna, afetiva e espontânea que se constrói na convivência social intensa.

Como Cervený e Berthoud (1997) afirmam: “a família constrói sua realidade a partir da história compartilhada de seus membros”.

Sendo assim, a estruturação da família monoparental constitui objetivo comum, por isso, depende de amplas negociações, repousa sob a participação responsável e integral de todos.

Isto implicitamente leva os membros da família a fortalecerem sua criatividade e capacidade de exercerem seus papéis (até mesmo reformulá-los) integrados com as necessidades reais e com as diversas alternativas de estruturar uma dinâmica mais adequada às necessidades da família.

A adaptação familiar exige o estabelecimento de um sistema de relação flexível para ser negociado e firme o bastante para proteger e orientar os membros, além de concordante com o momento vivenciado.

É preciso estar disposto e assumir responsabilidades e decisões, embora permanecendo aberto para, muitas vezes, pedir e aceitar ajuda. É preciso estar disposto a correr riscos, inclusive de errar e falhar, mas sem jamais perder a esperança. É preciso saber inovar quando as coisas não saem bem, desenvolver tolerância à frustração e aproveitar as oportunidades de aprendizagem, adaptação e crescimento [...]. (GONÇALVES, 2000, p. 17).

Aos poucos, o núcleo familiar adquire sua autonomia criando um sistema específico de ações e possibilidades, este fato, em sua maioria, funciona positivamente já que a família para atuar na cotidianidade precisa construir características próprias, significados compartilhados, ou seja, padrões específicos de comunicação, regras, rotinas e rituais.

Com isto, a família conquista o direito de decidir sobre o seu próprio destino e de criar para si uma identidade familiar própria e específica, sem que seus membros se sintam coagidos orientarem-se de acordo com modelos oficiais estereotipados.

Essa busca de novas possibilidades se torna extremamente enriquecedora, pois, além de exigir flexibilidade e coragem para se adaptarem às mudanças e disponibilidade para aprender também promove a transformação através da descoberta de aspectos mais diferenciados de si mesmo.

3.2 Ausência x presença do genitor que não detém a guarda filial

Numa família monoparental o contato com a rotina doméstica e com os encargos em relação aos cuidados e a educação dos filhos estão apenas sob a responsabilidade diária de um dos pais, em contrapartida, a convivência cotidiana com outro genitor é de certo modo até reduzida ou distanciada.

A influência deste genitor pode dar-se de diversas formas como, por exemplo, através de sua presença ativa ou eventual - o fato dele não deter a guarda da prole não exclui necessariamente a participação na vida dos mesmos – contudo, pode também ocorrer uma ausência acentuada.

Deste modo, o genitor que não obtém a guarda pode se tornar uma figura ausente ou até mesmo desconhecida, mas também existem casos onde a participação deste pai ou mãe é regularmente ativa ou, ao menos, periódica, podendo inclusive desempenhar frente a prole uma ação disciplinar ativa.

As supostas causas que podem provocar a diminuição ou a distância efetiva entre pais e filhos podem ser de cunho pessoal ou circunstancial, algumas delas são: a constituição de nova família e o nascimento de outros filhos por parte do genitor ausente, a residência em outras cidades, a distância local, o desentendimento entre os genitores, o falecimento, a falta de afetividade, a opção (de uma das partes envolvidas) de não manter o contato diário, entre outras possibilidades.

“Às vezes, o cônjuge que partiu casa-se novamente, e seu novo marido, ou mulher, recusa-se a receber os filhos do casamento anterior, ou o próprio pai, ou mãe, rejeita seu passado para poder recomeçar tudo novamente.” (GARBAR; THEODORE, 2000, p. 151).

Mas, independentemente da situação posta como fator de distanciamento, a falta de interesse em manter um contato próximo com os filhos é, sem dúvida, a condição mais preocupante.

Também é válido destacar que o falecimento de um dos pais é uma das causas irremediáveis de perda, ou seja, não há esperança de retorno, em contrapartida, a ausência pode ser amenizada através das diversas formas de lembranças.

A questão da ausência não faz somente referência a existência física, pois, o fato do genitor estar vivo essencialmente não condiciona seu interesse em manter proximidade com os descendentes, muito menos provoca emoções efetivas.

O afastamento do genitor frente suas responsabilidades cotidianas consequentemente reflete no exercício do seu desempenho educativo e amoroso: torna-os incompatíveis com as expectativas projetadas pelos filhos sobre sua imagem. Em muitos casos, isto gera dificuldade mútua para o estabelecimento de uma confiança básica no relacionamento parental-filial.

Talvez como uma forma auto-proteção ou por quaisquer outros motivos, o distanciamento do genitor pode provocar variadas reações nos descendentes, dentre elas, a indiferença (chegando a ignorar por completo ou considerar aparentemente insignificante a figura do genitor que não está presente), ou evidenciam a insatisfação em não manter contato contínuo, também podem apresentar um comportamento ambivalente em relação à figura distante: resistem às aproximações e tentativas de contato ao mesmo tempo em que ocorre a busca.

Em decorrência, o envolvimento entre estes pais e filhos pode ser prejudicado, afinal, os sentimentos predispostos no relacionamento entre eles se tornam mais superficiais e até mesmo complexos, pois, podem fundir em seu âmago lembranças ternas e resquícios de amargura.

Mas, independente do formato das relações, o fato é que o vínculo é eterno, isto torna a figura materna e paterna sempre presente na vida da prole seja no plano real ou imaginário ou mesmo por meio dos sentimentos que sua simples significação provoca.

O filho projeta ou polariza imagens positivas e/ou negativas do genitor ausente, dependendo do tipo de experiência vivenciada entre eles, sensações de amor e ódio são ativadas em certos momentos – podendo inclusive ser direcionadas ao genitor que está presente diariamente.

Vale destacar que as significações transmitidas pelo ambiente familiar são válidas, mesmo sabendo que cada descendente tem uma dinâmica individual, ainda sim eles estão susceptíveis às diversas influências externas.

Este genitor responsável pela prole, por sua vez, também contribui positiva ou negativamente na construção da imagem do outro; sua influência se torna prejudicial quando deteriora a figura do ausente, muitas vezes, isto se dá por dificuldades de relacionamento, por medo ou insegurança, por se achar auto-suficiente, por querer descartar a participação do outro ou qualquer outro motivo.

Os pais que ficam com a guarda filial devem trabalhar interiormente os inúmeros sentimentos em relação ao outro genitor para que isto não afete a qualidade do relacionamento com os filhos e para que não acentue ou configure os conflitos entre eles.

Os genitores presentes não podem neutralizar a existência do outro pai ou mãe, afinal, houve necessariamente a união de duas pessoas para que a criança fosse concebida, ela possui uma bagagem genética originária de ambos, ou seja, há sempre um casal, mesmo que concretizado, mas que deu origem à criança.

Segundo Garbar e Theodore (2000, p. 157) ignorar a existência do outro genitor é favorecer na criança a criação de um ser mítico e idealizado que será, então, um modelo de identificação inacessível: “já que secretamente há uma vida afetiva que está inscrita no inconsciente e continua a existir na relação com esta mãe ou o pai.”

A simples existência do outro genitor já suscita reações diversas nos filhos, portanto, qualquer interação desenvolvida entre eles é significativa.

Spitz (1998), estudiosa sobre o tema, acredita que a privação da convivência diária de um dos pais pode acarretar na criança diversos problemas e distúrbios, entre eles, um retardamento ou alterações em seu desenvolvimento físico, mental e emocional.

Outros especialistas descrevem efeitos diversos diante da privação parental como: personalidade psicótica e sociopática, depressão, delinquência, atrasos educacionais, incapacidade de manter vínculos, entre outros mais. Além de apontarem várias causas que podem provocar o desajuste ou desvio de conduta como: situação de conflito, frustração, inibição, impossibilidade crescente para realização dos desejos, instabilidade, elevada tensão emocional do ambiente doméstico, privação e sede de afeto.

Bowlby (1997) em seu livro “*Formação e rompimento dos laços afetivos*” apura algumas síndromes psiquiátricas e sintomas associados, que segundo ele, são precedidas por uma elevada incidência de vínculos afetivos desfeitos durante a infância, seja por morte, divórcio ou separação dos pais, ou por outros eventos que resultam na ruptura de vínculos afetivos.²¹

Em seu livro “*A Grande Ruptura*”, Francis Fukuyama (2007), tende a mostrar os custos sociais das disfunções na família. Outros trabalhos, como por exemplo, na França, ao analisar problemas que hoje afetam os jovens (drogas, álcool, indisciplina, violência escolar) colocam como fator de risco a educação filial por apenas um dos pais.

Adriana Wagner (2002), em seu livro: “*Família em Cena: tramas, dramas e transformações*”, elucida que já durante as décadas de 1970, e principalmente de 1980, muitos investigadores estavam interessados em dar respostas às inúmeras preocupações que

²¹ Ainda Bowlby (1997, p. 102) destaca autores que divulgam conclusões estatisticamente significativas para grupos de psicopatas e delinquentes persistentes: Naess (1962), Greer (1964a), e Brown e Epps (1966); e para alcoólatras e toxicômanos: Dennehy (1966).

surgiam com relação às consequências da ruptura do vínculo conjugal e o trauma da separação para o desenvolvimento socioemocional da prole.

“O divórcio é uma justificativa muito fácil para explicar os problemas encontrados pelos filhos, porém, é muito difícil avaliar o que foi, realmente, causado por ele.” (GARBAR; THEODORE, 2000, p. 131).

Neste contexto, a monoparentalidade é um tipo familiar que frequentemente aparece associada a patologias sociais como a marginalização, a precariedade, a delinquência juvenil, o fracasso pessoal, etc.

Há quem acredite que as crianças advindas de famílias monoparentais têm maior propensão a traumas psicossociais, pois, além de sofrerem experiências de privação e separação parental muitas vezes são alvos de discriminação.

Em contrapartida, muitos estudiosos acreditam que a disposição para disfunções ou alterações (imediatas ou mediatas) no comportamento dos filhos que não convivem com um dos pais são as mesmas do que os que são provenientes de lares nucleares.

“Acreditamos que as crianças criadas em ambientes familiares não tradicionais não serão mais saudáveis ou enfermas do que filhos de lares mais ‘tradicionais’.” (COLMAN; COLMAN, 1991, p. 243, destaque do autor).

Esta temática é polêmica e acarreta diversificadas opiniões; todos os estudos referente a tal temática são consideráveis, porém, o importante é nos atentar as idéias preconcebidas e preconceituosas, estas devem ser abolidas, assim como assimilações pragmáticas empíricas sobre as supostas patologias ou traumas correlacionadas a diversas estruturas familiares e, em especial, a monoparental.

Mesmo diante das mais variadas análises, ainda sim emitir conclusões referentes às consequências da falta de um dos genitores, sejam elas positivas ou negativas, se torna delicada.²²

Mas, é fato que nem sempre é possível viver numa estrutura familiar com um pai e uma mãe, neste caso, é importante visualizarmos o caminho de felicidade que cada família busca dentro daquilo que é viável; assim, outras variáveis - que não apenas a configuração familiar – mostram-se mais expressivas na definição e promoção do bem-estar dos filhos.

²² Contudo, um ambiente familiar agradável evita situações de conflito emocional e estado de desajuste do filho, este, por sua vez, pode transformar positivamente a situação de monoparentalidade.

3.4 Importância do genitor monoparental na formação da família e da prole.

As intensas e contínuas mudanças que ocorrem no núcleo familiar levam os monoparentais a experimentarem um novo modo de vivenciar a relação parental, inserindo-os num contato dinâmico com a paternidade ou maternidade:

Em meio ao processo de organização familiar o genitor (pai ou mãe) monoparental repensa seu papel parental adequando-o ao seu estilo pessoal e ao formato relacional que está sendo edificado.

“[...] pode lançá-los na direção de uma consciência ampliada de si mesmo, na direção de uma verdadeira experiência culminante, mesmo enquanto realiza as tarefas práticas cotidianas que seus filhos requerem.” (COLMAN; COLMAN, 1991, p.25).

O comportamento paterno ou materno ativo é ampliado para atender as necessidades postas pela realidade da família e, assim, percorrem o caminho da convivência.

Em conseqüência, estes pais descobrem novas possibilidades de encararem suas responsabilidades e enfrentarem as diversas situações cotidianas - isto gradativamente provoca um crescimento geral onde todos os membros da família são atingidos. Deste modo, a formação de um núcleo monoparental evidentemente desencadeia uma alteração da rotina.

Para os genitores, os filhos é a principal preocupação, por isso, a fim de serem bons pais, eles estão dispostos a imolar parte de si mesmos, suas ambições e sua liberdade para tornarem-se integrais, mesmo quando se vêem sobrecarregados pela dupla labuta do trabalho e do lar:

Mesmo quando estiver longe de casa, sua consciência estará com seu filho. No lar, suas atividades serão nutritivas, concentradas nos íntimos comportamentos parentais que sustentam as relações na família. Se estiver envolvido com coisas exteriores, será mais para ajudar a família do que como um fim em si mesmo. (COLMAN; COLMAN, 1991, p. 54).

Os pais monoparentais cuidam a um só tempo das necessidades exteriores e interiores da família, se envolvem inteiramente nos detalhes da vida familiar, com isso, assumem completo controle de todos os aspectos da vida rotineira, ou seja, todas as cátedras que se processam nas fronteiras familiares, incluindo as atividades nutritivas das crianças, além das funções de proteção e provisão.

Portanto, o exercício de todas as tarefas familiares ultrapassa o âmbito simplista do sustento para englobar outros aspectos, incluindo a ampliação das sensibilidades frente às necessidades da prole:

Cuidar de uma criança é uma tarefa complexa. Implica em protegê-la, alimentá-la, dar condições para que desenvolva seu pleno potencial, significa orientá-la, ajudá-la a organizar e conter seus impulsos, torná-la parte integrante de uma cultura e vida social específicas. Trata-se de uma tarefa extremamente árdua, a qual exige também uma enorme sensibilidade para avaliar do que a criança é ou não capaz em um determinado momento: não lhe exigir mais do que pode, mas também não subestimar sua possibilidade de conquistas e realização. (SOUZA, 1994, p. 48).

As alternativas encontradas para conciliar o trabalho externo aos cuidados com os filhos variam conforme a realidade familiar, contudo, problemas referentes, por exemplo, aos horários e participações nas reuniões escolares ou consultas médicas são comuns.

Dependendo a disponibilidade financeira, os monoparentais dispõem de profissionais remunerados: babás, empregadas domésticas ou preceptores para tratarem de aspectos específicos dos cuidados dos filhos; muitos deles também recorrem, quando necessário ou quando não estão integralmente a disposição, aos recursos presentes na rede familiar e na comunidade.

Deste modo, ao longo da convivência, as dificuldades encontradas na trajetória familiar são flexibilizadas e amenizadas podendo inclusive ser auxiliadas por outras pessoas, familiares ou sujeitos significativos.

O fato de muitos genitores terem que exercer atividades externas o dia todo e, quando preciso, obtém ao apoio de outras pessoas ou instituições, isto não exclui sua participação ativa nos encargos da prole e do lar.

Para o exercício competente das responsabilidades, estes monoparentais não tentam igualar-se a outras figuras ou mesmo ao genitor ausente, pelo contrário, eles buscam sua própria autonomia, para isto, recorrem aos meios mais variados de ensinamentos, colocando-os permanentemente em contato com a aprendizagem.

No decorrer das experiências, os genitores monoparentais desenvolvem inúmeras capacidades e potencialidades que os possibilitam enfrentar transitórios percalços da vida em família. Com isso, diversas possibilidades são vislumbradas assim os eventuais obstáculos se tornam desafios, isto proporciona aos genitores a superação de seus próprios limites ampliando sua autoconfiança e motivação para dar o melhor de si na busca de uma qualidade parental.

“Eles atuam da maneira no qual acredita que um pai ou mãe deva agir para buscar o melhor para a vida dos seus filhos e família, transformando a matéria-prima num estilo viável para a sua família.” (COLMAN; COLMAN, 1991, p. 147).

Mas, a melhor forma de desempenhar a parentalidade só é captada no trato diário com os filhos: “Acredito que os pais formam as crianças na medida exata em que os filhos formam seus pais.” (MONTEGOMERY, 1992, p. 62).

O êxito faz parte de uma construção edificada na aprendizagem do dia-a-dia, desta forma, estes pais estão igualmente propícios a erros e a acertos, afinal, além de serem pais e serem genéricos, também são seres humanos passíveis de perfeições e imperfeições.

O que realmente enaltece o valor do trabalho e a importância dos genitores constantemente ativos no ambiente familiar é sua abertura às transformações, haja vista que é irreal a existência de uma receita pronta do sucesso para educar os filhos e para manter uma família ideal, do contrário, exercer a paternidade ou a maternidade pode se caracterizar num mero sacrifício.²³

A disposição para a mudança evidentemente provoca o rompimento das barreiras dos conhecimentos tradicionais e a quebra dos paradigmas, sem isto, é impossível que aconteça a renovação, principalmente das condutas que devem ser desencadeadas por uma reflexão contínua das ações.

Para encarar a responsabilidade de criar os filhos é fundamental a completa entrega de si a fim de explorar os recursos dispostos em cada realidade, tendo como finalidade encontrar o caminho propício para o desempenho qualitativo do papel monoparental e assim formar uma família harmônica.

A estruturação satisfatória de um relacionamento familiar onde traga benefícios ilimitados para todos os envolvidos engloba diversos fatores interligados numa rede permanente de troca.

Deste modo, uma favorável formação emerge de uma construção diária e contínua onde os filhos são diretamente envolvidos, uma vez que, interagir numa nova situação exige a participação de todos no processo de edificação das normas, hábitos e rotina em geral.

A comunicação e compreensão desencadeiam um espaço relativamente democrático no qual é indispensável a autoridade do genitor diante da função de estabelecer limites.

²³ A conduta parental perfeita e correta não passa de idealização, entretanto, o que se torna preocupante são as expectativas idealizadas dos próprios pais ou suas tentativas em corresponder as expectativas imaginárias dos filhos ou da sociedade.

Encontrar o equilíbrio entre abertura e firmeza mediada pela ordem e o afeto nem sempre é tarefa fácil, mas, o diálogo ainda é um dos canais mais significativos para que a família compreenda suas reais necessidades e a melhor forma de lidar com os eventuais problemas.

Através do diálogo, o relacionamento entre pais e filhos deve buscar harmonia, respeito, compreensão e apoio, deixando de lado a rivalidade: autoridade (pai) x submissão (filho) que gera na família um clima de ameaça ao desenvolvimento dos filhos e a amizade que possa existir entre eles. (ABBADE, 1985, p. 34, destaque do autor).

O relacionamento estabelecido entre os pais monoparentais e seus descendentes ultrapassa o âmbito do simples contato físico para assentar-se na comunicação emocional, esta é uma das principais pilstras da relação familiar harmoniosa.

A valorização dos momentos em família e a preservação dos laços de amor, de afetividade e de amizade também podem funcionar em benefício futuro do núcleo familiar estreitando igualmente as bases da confiança.

Independente das vivências, crenças, normas, sentimentos e peculiaridades, o compromisso pelo desenvolvimento emocional, físico, educacional e espiritual dos filhos é outra das maiores premissas envolvidas no processo de organização da família.

“Nesse momento, além do cuidado consigo mesmo, ele terá um filho e, então, será encarregado do seu cuidado, durante muitos anos terá que sustentá-lo, responder por ele juridicamente até sua maioridade, educá-lo, etc.” (FARIA, 2003, p.113).

O compromisso com a prole é permanente: “eles nunca mais deixam de ser pais, assim como os filhos também nunca mais deixam a posição de filhos, e o vínculo formado entre eles se torna eterno.” (SOUSA, 2004, p.137).

Vale destacar, que os filhos tomam suas próprias atitudes, por isso, os genitores primeiramente devem dar mais valor ao processo do que ao resultado.

Para isto, é necessário os monoparentais buscarem uma dose de coragem, força interior, paciência, força de vontade e dedicação para desempenharem positivamente suas funções de pais, e juntamente com o amor, o respeito, a orientação é que eles concentram energias para fornecer um ambiente adequado para que os filhos descubram dinamicamente seus próprios caminhos.

3.4 Família monoparental feminina e monoparental masculina: encontros e desencontros

Muitos dos valores tradicionais já não têm a mesma simbologia dos tempos remotos, com isso, homens e mulheres contemporâneos descobrem atitudes mais flexíveis e convenientes diante da realidade vivencial.

Algumas representações sociais gradativamente são alteradas, podendo até mesmo quebrar padrões profundamente enraizados e, em certos contextos mais do que em outros, podem experimentar transformações das práticas relacionais entre os gêneros.

Os processos revisionais das posturas são experimentadas por ambos os sexos diante dos desafios atuais de conduzir uma família e estabelecer variadas formas de relacionamentos.

Neste contexto, as diversificadas configurações familiares ganham maior destaque, dentre elas, as famílias que são constituídas pela presença cotidiana de um único genitor em meio a prole, estas se tornam cada vez mais habituais. Deste modo, a monoparentalidade também deve ser compreendida sob a ótica dos tempos pós-modernos.

Inúmeros acontecimentos propiciam a formação destas famílias, sendo assim, elas podem apresentar grande variabilidade de causas.

Apesar de existir casos de adoção, inseminação artificial, opção em ter filhos sem o vínculo com o parceiro, etc, contudo, a ocorrência que se torna mais frequente para a formação de um núcleo monoparental é decorrente do rompimento de uniões conjugais que pode ser derivado tanto por iniciativa masculina quanto feminina, como também por uma fatalidade, á exemplo por situações de viuvez.²⁴

Com o término de uma união mesmo que atualmente seja possível vislumbrarmos situações de guarda compartilhada ou casos que onde o pai conquista a responsabilidade dos cuidados integrais dos descendentes, a guarda filial, em geral, ainda é atribuída às mães: segundo dados do IBGE (2005), no Brasil, 89,5% da responsabilidade referente a guarda filial é concedida as mulheres.²⁵

Todas as mudanças sociais, os discursos mais recentes sobre o fim do tradicionalismo e das igualdades entre os gêneros não pode eliminar tão facilmente os resquícios de uma cultura que está durante tempos sob a influência de padrões machista no qual coloca a mulher como naturalmente apta a cuidar da prole.

²⁴ A consolidação da Lei do divórcio nº 6515/77, a mudança de mentalidade, entre várias outras circunstâncias, facilitam o aumento das separações e divórcios. Vale destacar, que a monoparentalidade apresenta caráter de transitoriedade já que o genitor pode estabelecer uma nova união.

²⁵ Ver Anexo C

E esta condição feminina é aceita por muitas mulheres, deixando o sexo masculino numa posição secundária em relação aos filhos; mas o fato é que muitos destes pais, principalmente após o rompimento da vida conjugal, realmente não se sentem na obrigação de assumirem papéis paternos mais participativos.

Entretanto, no decorrer da história, a sexualidade feminina é ampliada para além das limitações referentes à procriação, deste modo, a maternidade passa a abarcar caráter opcional.²⁶

A paternidade também toma rumos mais amplos, entre outros fatos, permite ao homem expôr sua afetividade à família e demonstrar seu interesse em estar cotidianamente presente na vida dos filhos.

O envolvimento paterno na criação dos filhos é muito maior que ocorria antigamente. Os padrões estão mudando e o homem de hoje começa a reivindicar seu espaço e o reconhecimento da importância de seu papel na família, não apenas como provedor. (TRINDADE, 1991, p. 31).

Os homens estão mais a vontade em recusar padrões machistas de comportamentos - inclusive àqueles que os colocam na posição de simples provedores. O poder de dominação masculina em relação à mulher também já não apresenta o mesmo efeito, assim como a total submissão feminina não é mais imposta socialmente, com isso, homens e mulheres estão mais livres para buscarem seus próprios estilos de vidas.

Isto gera uma infinidade de comportamentos que podem ser desempenhados por ambos os sexos, tendo eles livre arbítrio para assumirem os encargos antes associados às figuras sexuais específicas.

Agora, quando os estilos de parentagem e o comportamento vinculado com o papel sexual estão sendo questionados, visto que os homens estão pensando na função nutridora e as mulheres nos avanços na carreira, cada vez mais casais estão considerando a criação dos filhos mais uma atividade a ser partilhada [...]. (COLMAN; COLMAN, 1991, p. 223).

A arcaica socialização que designa papéis e espaços diferenciados para os respectivos gêneros sofre imensas alterações, haja vista que na modernidade, ser homem ou ser mulher já não define com prontidão os exercícios das funções, desta maneira, é permitido para ambos os sexos manifestarem comportamentos e desempenharem atividades que vão além do que, até algum tempo atrás, estava estabelecido para cada um deles.

²⁶ Soma-se a isto a descoberta e o lançamento no mercado da pílula anticoncepcional, desvinculando o ato sexual da concepção. (COSTA, 1996; JABLONSKI, 1998 apud WAGNER, 2002).

“Nos últimos anos, a pressão econômica e a política sexual modificaram algumas das nossas atitudes com relação aos estereótipos familiares tradicionais [...]” (COLMAN; COLMAN, 1991, p.104).

Os atributos dos respectivos gêneros dentro e fora do lar ganham novas significações ao serem redimensionados de acordo com as possibilidades reais, desta forma, os caminhos de convívio se tornam mais flexíveis para suportarem as exigências da vida contemporânea.

Uma imensidão de alternativas relacionais são dispostas frente as circunstâncias modernas; a participação da mulher no mercado de trabalho, por exemplo, já não causa tanta estranheza, torna-se um fator corriqueiro inclusive para propiciar a estabilidade econômica, com isso, a responsabilidade pelo sustento familiar deixa de ser exclusividade masculina, assim como os cargos domésticos não são predominantemente executados por mulheres.

Apesar de toda a apregoada igualdade de gênero, sabemos que as discriminações entre os sexos ainda não chegou totalmente ao fim. É comum, por exemplo, encontramos situações de preconceitos sobre o acesso das mulheres no mercado de trabalho, ou no que tange os afazeres domésticos quando são desempenhados por homens. Mas, o diferencial é que tais questões estão sendo abordadas mais abertamente, abrindo margem para que resplandeça formas alternativas no desempenho dos papéis familiares.

Mesmo reconhecendo a força da herança cultural e das vivências pessoais, atualmente há uma maior permissão social para que paulatinamente os gêneros desenvolvam as aptidões no desempenho de qualquer tipo de tarefa - o que pode ocorrer são diferenças no modo de executá-las, mas as potencialidades sexuais existem para ambos os sexos.

Desta forma, pais e mães querem cada vez mais se responsabilizarem integralmente pela criação dos filhos, talvez por acreditarem nas suas próprias capacidades em assumir tais encargos.

Presumindo isto, a Constituição de 1988 prevê que a criança (prioridade absoluta – art. 227) fica com o cônjuge que a ela propicie melhores condições, independente do sexo do ascendente.

Qualquer um dos pais tem condições de assumir a guarda dos filhos, sendo assim, a responsabilidade monoparental pode ocorrer tanto por parte dos homens quanto das mulheres desde que haja disposição de encarar tais encargos dando o melhor de si.

Evidentemente não queremos deixar de reativar que ambos os genitores são devidamente importantes, mas também não podemos deixar de elucidar que existem famílias plenamente realizadas sem a presença de um dos pais, sejam eles o pai ou a mãe.

Afinal, nem sempre é possível a prole conviver numa estrutura familiar com um pai e uma mãe, neste caso, as experiências relativas a guarda monoparental desabrocham possibilidades de um outro caminho que igualmente pode ser favorável.

Creio que a família é uma estrutura social importante porque é o meio ideal para as crianças se criarem. Viver em família dá uma multidão de experiências que preparam seu filho para as responsabilidades que ocorrem mais tarde na vida. (SALK, 1982, p. 173).

Contudo, na nossa sociedade, por muito tempo, os “resultados adequados” em relação a educação e o desenvolvimento dos descendentes privilegiam ideologicamente a família nuclear ou ficam restritos apenas às mulheres.

Mas, acreditamos que o saldo positivo numa família monoparental, assim como, as eventuais dificuldades não podem se restringir ao tipo de configuração familiar ou ao sexo do genitor, pois estes fatores não são garantias de qualidade, pelo contrário, se tornam probabilidades que quaisquer estruturas familiares estão sujeitas no decorrer da cotidianidade e isto, vai além de fatores ideológicos e sexuais.

Embora um dos genitores não esteja cotidianamente presente na rotina familiar, o amor e a dedicação deve permanecer funcionando como princípio primordial para instaurar uma atmosfera agradável para o desenvolvimento emocional, físico e espiritual de pais e filhos, deste modo, um ambiente saudável pautado na convivência diária é propício para a integração de bons relacionamentos, podendo produzir um alto nível de satisfação pessoal e familiar.

O que realmente importa é a qualidade das relações entre os membros para que assim explorem diversos recursos, dentro daquilo que é viável, para formar uma família harmônica pautada no companheirismo e na comunicação.

Portanto, os lares monoparentais sejam eles masculinos ou femininos podem funcionar excepcionalmente bem, numa relação harmoniosa onde a prole é envolvida numa relação de carinho e amor com seu genitor.

Num certo sentido, todo o sistema familiar está ‘crescendo’ junto, adquirindo continuamente novas capacidades e novas formas de vinculação e comunicação entre si, assim, avançando rumo ao caminho que conduz à maturidade familiar. (CERVENY; BERTHOUD, 1997, p. 72, destaque do autor).

As experiências vivenciadas na família monoparental masculina ou feminina validam um processo gradual de aprendizagem que conseqüentemente culmina num crescimento de todos os membros familiares.

Entre erros e acertos as famílias buscam modos mais convenientes de se desenvolverem diante das conjunturas reais, com isso, desencadeiam uma permanente reflexão das condutas onde a cada dia as atitudes são repensadas em busca de uma melhoria coletiva.

“Acreditamos que estar em processo ou estar aberto para as transformações configura o que denominamos de ‘família possível’, aquele que não se considera perfeito ou imperfeito, mas humano.” (FARIA, 2003, p. 247, destaque do autor).

Neste contexto, a família perfeita não passa de idealização, o que realmente existe são seres humanos dispostos a formar um núcleo familiar, isto significa reconhecer as dificuldades e as limitações coletivas e individuais, mas também remete a valorização dos potenciais e da importância dos papéis, deste modo, é a força motriz chamada esperança que os levam a resultados vitoriosos.

“No fundo de cada ser humano está presente uma força poderosa, que impulsiona cada um a superar obstáculos, a construir no plano do concreto o projeto ideal, que traz dentro de si: essa é a força da esperança.” (GONÇALVES, 2000, p. 209).

A base há de ser sempre a família que é constituída por figuras que se relacionam numa permanente dinâmica vivencial cuja plenitude é plantada a cada dia, como uma semente que precisa de cuidados para crescer, desenvolver e dar frutos: “Ser semente significa que já somos família, mas uma família por fazer, por amadurecer e frutificar.” (ICETA, 1999, p. 7).

O fato é que independente do sexo do genitor, os monoparentais vão se posicionando para vencer, transformando o desafio desta vivência familiar numa rica experiência de vida.

CAPÍTULO 4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

4.1 Apresentando a pesquisa

A pesquisa qualitativa nos possibilitou conhecer os sujeitos de nosso estudo: as famílias monoparentais masculinas e as famílias monoparentais femininas, sendo estes núcleos familiares evidenciados na nossa realidade contemporânea.

[...] a escolha do um tema não emerge espontaneamente da mesma forma que o conhecimento não é espontâneo. Surge de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos. (MINAYO, 2000, p. 90).

Contudo, os estudos referentes a tais famílias ainda são escassos, principalmente aos lares monoparentais chefiados por homens, maior ainda é a ausência de trabalhos com a proposta de refletir sobre influência do gênero monoparental no desenvolvimento familiar. Em razão, é mais do que oportuna a realização de uma investigação específica e significativa sobre essas famílias que estão presentes na nossa realidade.

“É preciso tentar e ousar até o limite do possível” (CHARDIN apud, BACH, 1983, p. 95), para assim evidenciarmos as imensas riquezas e potencialidades que a vida familiar monoparental pode nos revelar.

Mesmo que a ocorrência da monoparentalidade seja mais expressiva na contemporaneidade, ainda podemos sentir a existência de idéias preconcebidas, muitas vezes, carregadas de diversos preconceitos. Este fato prejudica não apenas as análises dos especialistas que se propõem a pesquisar tal temática como também das variadas disciplinas que lidam diariamente com as formações familiares monoparentais.

Outra dificuldade é o de comparar as diversas famílias, como se todas as famílias funcionassem de uma só maneira, não possuindo suas próprias dinâmicas e padrões interacionais e de funcionamento. O resultado disso é que tendemos a trabalhar com as famílias desconhecendo as diferenças ou, pior, em muitas situações transformamos essas diferenças em desigualdade ou incompletude. (VTTALE, 2002, p. 46).

Basta haver uma melhor compreensão da realidade emergente para observarmos que nem sempre é possível a organização de lares nucleares, diante disto, não podemos deixar de perceber que independente da configuração, existe sempre uma família com necessidades peculiares, porém, com responsabilidades universais.

Deste modo, para o desenvolvimento do presente trabalho, elaboramos variados questionamentos que abrangem a formação da monoparentalidade, assim como, a cotidianidade, os sentimentos dela decorrentes, os relacionamentos internos e externos, a relação com o genitor que não detem a guarda filial, a importância ou prejuízos dos pais (ausentes e presentes), o desempenho dos genitores monoparentais, as dificuldades e recompensas advindas da monoparentalidade, com isso, procuramos observar se todas estas questões estão relacionadas com o sexo do genitor.

Buscamos nos subsídios teóricos fundamentações para a construção de pressupostos que contribuam na abordagem dos aspectos pesquisados. E, no decorrer das reflexões, muitos dos pressupostos levantados foram reavaliados, flexibilizados, reafirmados ou até mesmo negados.

Evidenciamos as famílias como organizações dinâmicas que apresentam formas e finalidades diversas estando constantemente sujeitas à mudanças; as relações de gêneros e os padrões tradicionais igualmente passam por transformações, portanto, nada permanece estático, mas sim, alterados de acordo com as necessidades reais.

Também consideramos que certas capacidades podem ser desenvolvidas por ambos os sexos, mas podem ser suprimidas por uma socialização que apregoa a rígida divisão sexual, - entretanto, na modernidade, diversificadas alternativas no exercício dos papéis parentais podem desabrochar.

Com isso, evidenciamos a possibilidade de homens e mulheres estarem aptos a desempenhar todos os encargos familiares e traçarem caminhos propícios para a qualidade familiar.

Para captarmos a riqueza de respostas encontradas pelos grupos familiares (dentro da cultura) diante das necessidades, projetos e soluções das vicissitudes vivenciais foi fundamental a realização desta pesquisa qualitativa.

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais aprofundado das relações, dos processos e dos fenômenos que podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21 - 22).

E, através desta pesquisa qualitativa buscamos uma amplitude no mundo dos significados, das ações e das relações humanas que englobam nossos sujeitos e, aos poucos, as trajetórias de vidas e experiências sociais deles foram sendo elucidadas:

Vale destacar alguns dados quantitativos referentes às famílias monoparentais; após o divórcio, por exemplo, o número de genitores que ficam com a guarda filial, segundo o IBGE (2005), seguindo a ordem Brasil, Sudeste e Estado de São Paulo é de:

Homens responsáveis pela guarda dos filhos: 6,1%, 5,3%, 5,1%;

Mulheres responsáveis pela guarda dos filhos: 89,5%, 91,4%, 91,4%.²⁷

Portanto, é fato a concretização destes lares na realidade de campo, todavia, é evidenciada com maior frequência a formação de famílias que tem a mulher como única responsável - principalmente após uma separação conjugal.

A monoparentalidade pode ser desencadeada por diversos acontecimentos, dentre eles, existem os mais comuns: divórcio, separação, viuvez, abandonado, adoção ou por simples opção.

Muitas causas que desencadeiam a formação de um núcleo monoparental acompanham o contexto histórico, deste modo, verificamos que na contemporaneidade o rompimento das uniões se torna uma das principais fontes de constituição das famílias monoparentais, sejam elas masculinas ou femininas.

A proposta no nosso trabalho foi analisar o processo de organização das famílias monoparentais masculinas e das famílias monoparentais femininas, compreendendo se a questão de gênero influencia nos resultados familiares.

Para isto, selecionamos para a pesquisa de campo seis sujeitos, sendo três deles homens e, igualmente, três mulheres.

“Concebemos o campo de pesquisa como um recorte que o pesquisador faz em termos de espaço representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação.” (MINAYO, 2001, p. 53).

Consideramos também para critérios de seleção dos sujeitos a vivência monoparental por pelo menos três anos, estando estes genitores residindo numa mesma casa apenas com os filhos, sem a presença de qualquer outra pessoa.

Portanto, o foco da pesquisa foi o período em que o núcleo familiar esteve efetivamente na situação de monoparentalidade, afinal, esta pode ser uma constituição temporária, ao passo que, as famílias deixam de ser monoparentais a partir do momento que o genitor responsável pela guarda dos filhos estabelece uma união.

Isso porque a manutenção da própria família monoparental consiste em uma situação que se tem constatado ser transitória, ou melhor, as famílias monoparentais, em sua maioria,

²⁷ Ver ANEXO C

são constituídas e mantidas transitoriamente, caminhando para uma nova união desse pai ou dessa mãe que vive com os filhos, apesar de vivenciarmos uma época em que o número de adeptos da vida solitária tem aumentado.

Outros aspectos como: escolaridade, classe social, raça não foram critérios seletivos, sendo articulados apenas como dimensões complementares (vinculadas na realidade) para enriquecer a observação sobre as peculiaridades familiares.

Como lembra Goody (1995) “é importante não perder de vista a base de dados, o trabalho de campo original, as variações locais que levaram à construção do modelo familiar.”

Elegemos famílias cujos genitores estivessem na faixa etária atual entre 35 a 55 anos no intuito de captarmos elementos de uma geração que traz em seu âmago as influências da geração antecedente e das transformações mais modernas.

Segundo Cerveny (1994), as histórias familiares têm como escrever suas vivências fatos de maneira diferente, de uma geração em relação à outra. O passado, em certa medida, oferece orientação para o futuro quanto às mudanças de padrões relacionais.

A tradição da manutenção do casamento ainda é mais forte entre as classes mais abastadas, por isso, há maior facilidade em encontrar família monoparentais nos setores mais populares, entretanto, é significativa a ocorrência destes lares em todos os segmentos sociais.

Através de uma seleção aleatória detectamos alguns núcleos familiares e, para o alcance destas famílias contamos com o apoio do Serviço Social da cidade de Ribeirão Preto e dos próprios munícipes que tinham algum laço de intercâmbio com os sujeitos monoparentais. Devido à maior facilidade de contatos, todas as entrevistas se deram famílias residentes na cidade de Ribeirão Preto.

O contato foi realizado por uma visita domiciliar, estando os genitores previamente avisados pela pessoa que disponibilizou a indicação. Houve uma boa receptividade das famílias monoparentais selecionadas, demonstrando interesse em compartilhar suas histórias para finalidade científica.

Depois de agendado o dia e horário, retornamos ao domicílio para realizarmos a entrevista. Optamos pela entrevista semi-estruturada entendida, por Triviños (1987, p. 146) como:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas dos informantes. Dessa maneira, o informante seguindo espontaneamente à linha de pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conceito da pesquisa.

Abordarmos as experiências e as interpretações da história de cada entrevistado a partir do seu ponto de vista (relacionado com a realidade vivencial), porém, não significando uma conversa despreziosa e neutra, mas sim, um meio extremamente valioso para reflexão e obtenção de informes significativos contidos na própria fala dos sujeitos.

Segundo Walsh (1998 apud CERVENY, 2004), cada vez que contamos nossas histórias, revelamos alguns segredos, os quais possibilitam que nossa vida se torne mais clara e se abra para novas possibilidades.

Elaboramos o Roteiro da Pesquisa assim como o Termo de Consentimento, ambos foram aprovados pela *Comissão de Ética* da presente faculdade.²⁸ Deste modo, os sujeitos da pesquisa puderam autorizar por escrito a gravação das entrevistas e a utilização deste material na presente dissertação.

Também tivemos a preocupação de ressaltar nossa plena disposição em socializar com os sujeitos os resultados da pesquisa, compartilhando as sensações e impressões deste trabalho. Afinal, a colaboração dos sujeitos da pesquisa foi fundamental para atingirmos o conhecimento necessário a respeito das vivências monoparentais e assim relacionarmos a construção teórica, desenvolvida ao longo da produção, com a realidade prática.

Não pretendemos estabelecer diálogos genéricos e rígidos, pois, a família é uma organização dinâmica em constantes mutações para adaptar-se ao ambiente particular e as exigências da vida moderna. O que desejamos é compartilhar nossas análises para que um leque de outras possibilidades de investigação possam se abrir.

Como resultado de nossas reflexões, elaboramos a presente dissertação de mestrado na certeza de termos percorrido esse caminho buscando, sempre com muito respeito, um olhar investigativo rumo ao desvelamento de novos conhecimentos.

²⁸ APÊNDICE A (Roteiro da Pesquisa), APÊNDICE B (Termo de Consentimento).

4.2 Os sujeitos da pesquisa

4.2.1 Visualização dos sujeitos

Utilizaremos nomes fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

Dados dos Entrevistados	Cidade de residência	Profissão	Idade atual	Sexo da prole (F)eminino, (M)asculino/ Idade atual	Tempo de Monoparentalidade	Monoparentalidade
Carla	Ribeirão Preto	Auxiliar de Serviços	49 anos	(M) 25, (F) 26 anos	10 anos	Separação conjugal
Cleonice	Ribeirão Preto	Doméstica	37 anos	(M) 20, (M) 22 anos	12 anos	Separação conjugal
Raquel	Ribeirão Preto	Conselheira Tutelar	38 anos	(F) 10, (M) 12 anos	07 anos	Viuvez
Antônio	Ribeirão Preto	Pedreiro	56 anos	(M) 10, (M) 22, (M) 23 anos	07 anos	Separação conjugal
Luis	Ribeirão Preto	Segurança	50 anos	(M) 23, (M) 24, (M) 26 anos	16 anos	Separação conjugal
César	Ribeirão Preto	Empresário	41 anos	(F) 06 anos	04 anos	Viuvez

Quadro 1 - Visualização dos sujeitos

4.2.2. Síntese dos entrevistados

Antônio

(56 anos – pedreiro)

Antônio descende de uma família nuclear com costumes tradicionais onde o pai trabalha fora para trazer o sustento da casa e a mãe cuida de todas as tarefas familiares; entretanto, ele declara interesse pelas atividades do lar.

Antônio teve duas uniões, a primeira delas dura dezesseis anos, gera quatro filhos (dois homens e duas mulheres) sendo que a guarda filial destes, ocorre através de

um acordo comum entre o casal, onde o genitor se responsabiliza pelos cuidados diários dos meninos (doze e treze anos) e a genitora das meninas.

Na segunda união de Antônio, apenas um menino é concebido, e quando o garoto tinha aproximadamente três anos, os pais se separam, ficando a guarda filial sob encargo do pai.

O sujeito apesar de estar habituado com os encargos domésticos, teve que organizar sua rotina para conciliar a provisão familiar com os cuidados do lar e dos filhos.

Ele não estabelece nova união, atualmente os descendentes mais velhos constituíram família e o mais novo (dez anos) é estudante.

Luis

(50 anos – segurança)

A família de origem de Luís apresenta estrutura nuclear, com descendência nordestina. A divisão do trabalho entre os gêneros é rígida e seguida tanto pelos genitores quanto pelos filhos: a mulher cuida da casa e o homem sustenta a família.

Luís por dez anos mantém um casamento embasado nas posturas rigorosas da divisão de tarefas. Todavia, a esposa rompe com o relacionamento conjugal optando em sair de casa e deixar os três filhos - na época entre dez e treze anos de idade - sob a guarda do genitor.

Ele, por sua vez, teve que adequar seu horário de trabalho à rotina familiar, além de ter que aprender todas as questões referentes aos cuidados familiares.

Atualmente, um dos filhos constituiu família, os outros dois (com vinte e três e vinte e seis anos) trabalham e continuam residindo apenas com o pai.

César

(41 anos – empresário)

César vem de um núcleo familiar com costumes tradicionais das antigas famílias do Japão.

Ele se casa aos trinta e quatro anos, durante a união, as tarefas domésticas são divididas, assim como, a manutenção financeira da família - já que ambos trabalham fora.

Contudo, dois anos após o casamento, César fica viúvo, pois, sua esposa falece alguns dias após o nascimento da primeira descendente do casal.

Os inesperados acontecimentos da vida não impedem este pai de lutar pela guarda da filha, para isto, altera sua rotina: diminui a carga horária de trabalho, transfere o escritório para mais próximo da sua residência e contrata uma pessoa para auxiliá-lo enquanto trabalha.

Atualmente a filha tem seis anos e frequenta uma escolinha no período em que realiza atividades externas, contudo, o genitor não deixa de exercer uma paternidade ativa, além de ter, entre outras responsabilidades, o compromisso com os encargos do lar - mesmo contando com o apoio de uma funcionária e com a ajuda da atual esposa (cerca de dois anos ele constitui uma nova união).

Carla

(49 anos – auxiliar de serviços)

Carla descende de um núcleo familiar constituído no parâmetro nuclear, contudo, ambos os genitores trabalham fora, mas apenas a esposa - assim como as filhas - é responsável pelas tarefas domésticas.

Carla contrai o matrimônio aos vinte e dois anos, seu relacionamento perdura por dezesseis anos, gerando um casal de filhos. Apesar dela ter experiências anteriores no mercado de trabalho, após o nascimento do primeiro filho, ela interrompe o vínculo empregatício e assume todos os encargos do lar enquanto o marido trabalha fora.

Somente depois de sete anos Carla retorna ao trabalho externo, entretanto, continua desempenhando todas as obrigações domésticas.

Com a separação conjugal, a guarda da prole fica sob a responsabilidade materna, esta por sua vez amplia sua jornada de trabalho para poder sustentar a família e se distender para conciliar os encargos externos aos cuidados com os descendentes.

Atualmente os filhos estão com vinte e cinco anos e vinte e seis anos, os dois estão empregados, mas, apenas o rapaz reside com a mãe.

Cleonice

(37 anos – doméstica)

Cleonice até os dez anos de idade vive numa família nuclear, onde ambos os pais trabalham na lavoura, mas apenas ela (única filha em meio a quatro irmãos) e a mãe têm a responsabilidade maior com as atividades domésticas.

Após dez anos de idade, Cleonice vivencia a monoparentalidade familiar, pois, seu genitor abandona o lar, com isso, as mulheres da família têm seus encargos ampliados: a genitora aumenta a jornada de trabalho externo, o que a carrega a ampliação das responsabilidades domésticas para a filha. E os rapazes trabalham intensamente para contribuir com o sustento familiar; Cleonice na adolescência também vai trabalhar fora.

Mesmo após casar-se, aos vinte e três anos, continua no ritmo de trabalho, todavia, experimenta várias alterações na provisão doméstica: ora somente ela ou o marido e ora ambos. Com o nascimento dos filhos (dois meninos), Cleonice interrompe por alguns anos as atividades externas.

A separação conjugal ocorre após dez anos de união, a guarda filial é direcionada à figura materna. As necessidades vivenciais levam Cleonice a ampliar sua carga de trabalho e conseqüentemente a convivência com os filhos fica mais reduzida.

Atualmente ela ainda vive com os dois filhos (vinte anos e vinte e dois anos), todos os membros familiares trabalham e dividem as despesas do lar.

Raquel

(38 anos – Conselheira Tutelar)

A família de origem de Raquel é constituída nos moldes nucleares, contudo, o genitor vem a falecer quando ela tinha doze anos.

Até então, os pais trabalham na lavoura e a mãe é responsável pelo trabalho doméstico, entretanto, a genitora, por complicações físicas, recebe ajuda intensa dos três filhos caçulas (principalmente de Raquel e um outro irmão) nos afazeres do lar. Com a morte do genitor, todos os filhos (seis homens e três mulheres) vão trabalhar fora, mas as tarefas domésticas continuam de responsabilidade de Raquel e do irmão.

Após seis anos de namoro, aos vinte anos, Raquel se casa, tendo dois filhos (um menino e uma menina). O esposo participa ativamente das atividades do lar e ambos

trabalham fora, contudo, ela interrompe seu trabalho com o nascimento dos filhos e o marido se torna o único provedor familiar - mas ainda auxilia a esposa dos afazeres do lar.

Quando os filhos completam as idades de cinco e três anos, o genitor sofre um acidente de trânsito e Raquel fica viúva aos trinta e um anos.

Ela teve que se adaptar a nova situação, torna-se provedora do lar e adapta sua rotina entre trabalho e cuidados com os filhos. Atualmente os descendentes estão com dez anos e doze anos, são estudantes e vivem apenas com a mãe no lar.

**CAPÍTULO 5 A MONOPARENTALIDADE: REFLETINDO SOBRE A REALIDADE
DE NOSSOS SUJEITOS**

5.1 Família de origem: estrutura e relações de gêneros

A organização familiar pode ser assinalada como uma instituição social que sofre constantes processos de transformações e adaptações que são desencadeados conforme os vários momentos históricos. Por isso, definir apenas um modelo linear de família ou um conceito definitivo é engano, afinal, convivemos com uma dinâmica pluralidade de composições humanas que apresentam características específicas - porém, não podemos deixar de evidenciar a existência de traços semelhantes entre elas.

Falar da família brasileira, de modo geral, é uma tarefa complicada, pois existem estruturas familiares coexistindo dentro de nossa sociedade, com diferentes especificidades. Apesar de toda essa diversidade interna, é possível estabelecer alguns traços predominantes, sobretudo com relação às famílias vinculadas aos grandes centros urbanos. (DIAS, 2001, p.62).

Durante muito tempo e ainda hoje, a tradicional composição familiar no modelo nuclear, apesar de não ser predominante, é cultuada como o padrão familiar ideal a ser seguido.

O arquétipo familiar cuja formação base se encontra nas figuras de pai, mãe e descendentes é encontrada nas famílias de origem dos nossos entrevistados e, posteriormente essa estrutura conjugal também é constituída por eles. Sendo assim, todos os sujeitos da pesquisa têm uma ascendência nuclear:

Na minha família era meu pai, mãe e meus irmãos. (Carla).

Nos casos de Raquel e Cleonice, além da experiência nuclear, elas puderam ainda vivenciar a monoparentalidade na família de origem:

Eu morava com os meus pais e mais nove irmãos... Ai meu pai veio falecer eu tinha doze anos. (Raquel).

Eu fui criada sem o pai desde os dez anos [...]. Nós fomos criados só com mãe, somos em cinco filhos, minha mãe criou nós cinco. (Cleonice).

Nestas famílias, mesmo que tenha ocorrido constituição da monoparentalidade onde a figura materna torna-se central, elas experimentam um período em que os protótipos da família nuclear são predominantes.

Desta forma, a divisão sexual do trabalho, em especial dos genitores, é bem definida: o pai é o provedor econômico do lar e a mãe é a responsável pelos encargos domésticos.

Meu pai não fazia nada dentro de casa [...]. O meu pai trabalhava, sempre trabalhava, naquela época era trabalho rural, e meus irmãos cada um trabalhava num lugar, só os mais novos que era eu e mais dois que eram os caçulas, os menores não, mais os maiores sempre trabalhavam... minha mãe sempre ficou em casa, nunca trabalhou fora. (Raquel).

A mãe cuidava de casa e o pai trabalhava, é assim porque o pessoal do Nordeste é um pessoal meio machão, né. Costuma manter a muié em casa, a mãe é que costuma fazer o trampo. E os homens tem que trabalhar ou estudar, né, realmente nós sempre trabalhamos. (Luís).

Minha família é uma típica família de origem oriental, meu pai é nascido no Japão e minha mãe é a segunda geração de japoneses no Brasil. Assim, eles possuem costumes tradicionais das antigas famílias do Japão. Como toda sociedade oriental, o machismo predomina nas relações da sociedade, assim como a submissão feminina. Não é difícil concluir que o meu pai quase não contribui com as atividades da casa, exceto quando se vê necessário - minha mãe viajando ou doente, por exemplo. (César).

Na minha casa era meu pai trabalhando e minha mãe sempre na casa. (Antônio).

As tarefas da casa era mais só eu e minha mãe, na época, a gente dividia, eu e ela trabalhava fora também, só ficava nós duas para fazer o serviço da casa. (Cleonice).

Todos os entrevistados destacam a figura do pai como aquele que trabalha fora e não contribui na divisão dos afazeres domésticos (apenas em caso de extrema necessidade, tal como relata César) e a mãe como tendo o papel de cuidadora das tarefas do lar (mesmo que exerce alguma atividade externa).

Apesar de o Brasil ser um país de dimensões continentais que contém costumes diversos, o modelo nuclear burguês deixa requíscios consideráveis na organização da família brasileira.

Dentro de um contexto sócio-cultural, os padrões comportamentais são reproduzidos e transmitidos às gerações posteriores, desta maneira, as funções sexuais são delimitadas não simplesmente para figura de pai e mãe, mas engloba o ser genérico: homem e mulher.

Outros sujeitos também explicitam que, de acordo com os costumes familiares, o trabalho doméstico é referenciado às figuras femininas - sejam elas mãe ou filha.

Nos finais de semana cada irmão tinha sua tarefa, mas só as mulheres limpavam a casa, os homens... não fazia nada. Minha mãe fazia tudo em casa, meu pai nunca lavou uma louça, machista do jeito que ele era!. (Carla).

Os cuidados diários com os filhos também são tidas como especificamente femininas:

Os cuidados com os filhos... isso era tarefa para a minha mãe, não me lembro de nenhum relato da minha mãe dizendo que o meu pai ajudava a dar banho ou trocar fraldas das crianças... Posso ver nitidamente essa situação agora que ele é avô. (César).

Com isso, a figura paterna acaba sendo distanciada do universo familiar para dedicar-se aos negócios e interesses externos - o que lhe investia de poder e de autoridade.

Um outro fator observado pelos próprios sujeitos é a questão do machismo existente nas relações sociais, de certo modo, tal postura masculina contribui para legitimar a divisão sexual onde a mulher é colocada num patamar de submissão ao homem, este por sua vez é considerado o chefe familiar.

Luís e César atribuem as características machistas nos relacionamentos entre os gêneros aos fatores tradicionais das suas culturas:

Como toda sociedade oriental, o machismo predomina nas relações da sociedade, assim como a submissão feminina. (César).

A mãe cuidava de casa e o pai trabalhava, é assim porque o pessoal do Nordeste é um pessoal meio machão, né. (Luís).

Entretanto, os elementos machistas encontrados nas relações entre os gêneros fazem parte de uma tradição que engloba as mais diversificadas culturas e organizações familiares, cujo intuito maior é garantir a supremacia masculina.

Entre os genitores dos entrevistados os papéis sexuais são mais delimitados, contudo, podemos apontar certas alterações nas famílias de Carla e Cleonice, entre elas: o fato das genitoras exercerem atividades externas remuneradas.

Minha mãe fazia tudo em casa, meu pai nunca lavou uma louça, machista do jeito que ele era!. Só que os dois trabalhavam fora e dividiam as contam, sempre foi assim. (Carla).

Eu e ela trabalhava fora também, só ficava nós duas para fazer o serviço da casa [...]. (Cleonice).

No caso de Cleonice, a genitora já labuta na lavoura, mas quando o marido deixa o lar, sua carga horária é ampliada.

Já a mãe de Carla, mesmo mantendo a relação conjugal, vai trabalhar fora passando a compartilhar com o esposo os gastos domésticos. Arriscamos analisar que as circunstâncias vivenciais colocam certas necessidades que levam as matriarcas buscar trabalho remunerado como forma de auxiliar o orçamento familiar, todavia, a figura dominante ainda continua sendo o marido:

Em uma família nuclear, geralmente, o provedor é o homem, sendo seu salário complementado, na maioria das vezes, pelo salário da mulher, o que revela uma tendência de que a mulher é subalterna ao homem. (ÁLVARES, 2003, p. 71).

Entretanto, apesar de algumas mulheres participarem ativamente no orçamento familiar ou até mesmo serem as provedoras predominantes, a responsabilidade pelas tarefas do lar ainda são delas, isto é, o trabalho doméstico não se tornou igualitário.

O vínculo empregatício materno não é detectado em todos os casos, mas a geração feminina subsequente demonstra uma inserção considerável no mercado de trabalho.

Todas as mulheres entrevistadas, ainda convivendo na família de origem, exercem atividades remuneradas, assim como as outras irmãs, mas, os fatores para a inserção destas mulheres no mercado de trabalho podem ser os mais variados.

Nos relatos de Cleonice e Raquel, a ausência paterna leva todos os membros a auxiliarem financeiramente a matriarca (representante familiar), com isso, buscam juntos atingir o objetivo de adquirir um lar próprio.

Nós fomos criados só com mãe, somos em cinco filhos, minha mãe criou nós cinco, todos trabalhavam e dividiam o salário entre nós. E cada um pagava alguma coisa, nós não tinha casa, daí juntamos todos, reunimos nós cinco e dividia os gastos, ai nós conseguimos ter nossa casa, sair do aluguel. (Cleonice).

[...] meu pai veio falecer eu tinha doze anos, ai meus irmãos trabalhavam para sustentar a casa, por isso, que eu comecei a trabalhar logo com quatorze anos, porque ai não dava a gente pagava aluguel, então, todo mundo teve que ajudar minha mãe... e minha irmãs já trabalhavam de domésticas. (Raquel).

Os descendentes têm papéis preponderantes para a geração de renda constituindo um grande apoio econômico para a família, deste modo, eles se unem não somente em prol da sobrevivência como também das conquistas.

Inserir-se neste contexto não apenas a figura do filho como executor das atividades remuneradas como igualmente as filhas que buscam suporte financeiro no mercado de trabalho.

Contudo, assim como a responsabilidade das tarefas domésticas são associadas às mulheres, os homens também carregam ideologicamente o encargo do sustento familiar, isto fica implícito num trecho da fala de Raquel: “meus irmãos trabalhavam para sustentar a casa”.

As posturas específicas para o sexo feminino e o masculino são reproduzidas socialmente como leis inexoráveis, mas, ao longo das gerações, podemos detectar gradativas alterações nas funções sociais dos gêneros, sendo estas modificadas ao ponto de perderem, mesmo que sutilmente, suas características mais intransigentes.

Os papéis tradicionais já não dão conta das necessidades que a vida contemporânea exige. A mulher prendada, com dedicação total aos filhos e a organização doméstica e o pai varão responsável por trazer o sustento pra a casa, já há muito tempo, não passam de espécies de mitos [...]. (GRANT, 1995, p. A16).

As convenções tradicionalistas dos modelos sociais impostos pela ideologia machista dominante vai sendo enfraquecida diante das novas circunstâncias. Podemos notar, na fala de Lino, que os costumes tradicionais já não são tão rígidos, pois, inevitavelmente sofrem influências das características mais modernas:

Machista eu sou, viu, até hoje, mais sobre serviço eu não sou machista não viu. Mas machismo é comigo eu ignoro muita coisa, só não crio problema com ninguém, mas o machismo é meu mesmo, muitas coisas eu não abro mão não. Sou machista em outros sentidos, mas sobre essas coisas de cuidar da casa não, eu até acho normal. (Luís).

Na contemporaneidade, em meio aos vários acontecimentos sociais, observamos que os comportamentos vêm sendo flexibilizados para adequarem-se aos complexos modos de coexistência.

Aos poucos, os padrões mais tradicionais de convívio familiar são ajustados às próprias estratégias de vida, ou seja, as organizações familiares adaptam sua realidade sócio-cultural e sua identidade peculiar ao contexto histórico atual.

O que ocorre no bojo das contínuas e intensas pressões do processo de mudanças é o surgimento de novas alternativas de relação entre os sexos, isto faz com que as gerações posteriores recebam uma educação mais maleável.

Ainda na família de origem dos entrevistados detectamos que a mulher é a figura com maiores responsabilidades sobre a educação filial no ambiente familiar, este é um dado integrante da cultura tradicionalista.²⁹

Todavia, mesmo que o patriarca tenha uma postura pessoal mais calcada nas convenções tradicionais, ele aparentemente não demonstra nenhum tipo de resistência no que diz respeito à autonomia materna em educar a prole, principalmente no que se refere ao exercício das funções domésticas.

A maioria dos entrevistados tem uma educação baseada em princípios mais participativos ou, até mesmo, igualitários:

Minha mãe sempre distribuiu tarefas domésticas pra mim e pra a minha irmã: lavávamos louça, quintal, banheiro, limpávamos armários, passávamos roupa, aspirador, etc. Isso era muito chato quando eu era criança! Era uma tarefa a mais que as outras crianças não tinham. (César).

No trabalho de casa era só as mulheres, apenas um dos meus irmãos mais novos ajudava, porque ele gostava, ele sempre gostou e também pelo fato da minha mãe ter problemas na perna, minha mãe teve um problema de ferida nas pernas, então a gente dividia, nós dois trabalhava no mesmo lugar, numa fábrica de calçados, então chegava os dois em casa e dividia, eu limpava a casa e ele lavava a roupa e também fazia comida, então era sempre nós dois. (Raquel).

Minha mãe falava fulano um lava as louças, outro lava as cadeiras, varre quintal, nós morava em fazenda, ajudava a tratar dos animais, sabe assim... ela (mãe) que determinava. Cada semana trocava, cada um fazia alguma coisa, não gostavam muito, quando pequenos até faziam. Mas depois de homem não, ninguém fazia nada... depois que ficaram adultos não, era só eu mesmo e minha mãe. (Cleonice).

Na família de Carlos, apesar de terem costumes tradicionais, a forma como sua mãe educa os descendentes em relação às tarefas domésticas nos leva a notar um pequeno princípio de equidade entre os filhos de ambos os sexos.

Contudo, César acredita que essa divisão de tarefas é um estilo educacional ainda pouco usual para a época: “Era uma tarefa a mais que as outras crianças não tinham.” (César).

Já na família de Raquel, pelo fato dos irmãos mais velhos trabalharem fora e a mãe apresentar condições físicas restritas, os afazeres domésticos são divididos entre ela e dois irmãos caçulas, entretanto, apenas um deles é que assumia a responsabilidade de dividir com a irmã os encargos do lar.

²⁹ A educação filial no âmbito interno é obrigação materna, enquanto que ao pai cabia os ensinamentos sob preceitos do mundo externo.

Raquel acredita que essa atitude do irmão se dá pelo fato dele ter mais afinidade com tais tarefas, mas, a cobrança maior gira em torno dela - principalmente após o casamento das irmãs, pois, Raquel se torna a única descendente feminina residindo com a mãe:

[...] então era eu e ele que fazia tudo, minhas outras irmãs trabalhavam fora, logo que o meu pai faleceu, nessa época, a maioria dos meus irmãos já tinham casado, Então, tinha os três caçulas em casa e tinha dois homens solteiros... Mas, sempre se cobrava mais de mim, igual casa sempre era eu que fazia mais do que meus irmãos.

Por mais que exista a contribuição masculina nos afazeres do lar, o peso da responsabilidade ainda é da mulher, afinal, estamos considerando que está é uma condição feminina histórica.

Até bem pouco tempo nem o homem nem a mulher se insurgiam contra este evidente desequilíbrio, o que pode ser imputado às diferenças de educação preconizadas como necessárias para meninos e meninas [...]. Os meninos eram educados “para a vida” e as meninas para o lar. (TRINDADE, 1991, p. 25, destaque do autor).

No caso de Cleonice, ela é a única filha dentre quatro irmãos, por isso, sempre esteve em contato com os encargos do lar. A genitora, ainda na infância dos filhos, tenta organizar as tarefas domésticas, entretanto, tal distribuição só ocorre enquanto há uma determinação materna, haja vista que os garotos não demonstram iniciativa nem para realizar as pequenas funções e, após alcançarem maior idade tais obrigações do lar se tornam exclusivas das mulheres.

O grosso sempre foi eu, porque eu era a única menina, os outros era homem, naquela época geralmente a mãe sobrecarregava em cima da menina, ela não tava muito preocupada com o filho homem, porque ela achava que o filho homem tinha que trabalhar na roça, fazer o serviço dele lá fora e a mulher tinha que cuidar da casa. E mesmo depois eu que eu ia pra fora, trabalhando, ela continuava no mesmo regime. (Cleonice).

Na família de Cleonice percebemos uma ampliação nas funções masculinas que passam a englobar o trabalho doméstico, porém, tais encargos não deixam de ser mais fortemente direcionado à figura feminina cabendo ao homem apenas o auxílio.

Sendo assim, ambos desempenham serviços externos, mas somente às mulheres não é permitido renunciarem os afazeres do lar para dedicarem-se exclusivamente ao trabalho remunerado.

No núcleo familiar de Carla, o pai divide com a mãe a provisão do lar, todos têm suas ocupações, mas apenas as mulheres têm tarefas cogentes no lar:

Nos finais de semana cada irmão tinha sua tarefa, mas só as mulheres limpavam a casa, os homens... não fazia nada.

Os resquícios do modelo tradicional de comportamento ainda permanecem introjetado dentro da cultura, contudo, deparamo-nos com uma geração de homens que realizam com mais frequência os encargos domésticos.

É válido destacar que, em alguns aspectos, a educação vai conquistando formas diferenciadas das anteriores. Os filhos podem demonstrar com maior liberdade o interesse em aprender e até realizar as tarefas domésticas sem necessariamente serem apontados como afeminado, ou até mesmo homossexual:

Eu sempre gostei de arrumar a cozinha, isso aí eu sempre gostei, lavar a roupa, a minha roupa eu sempre cuidei. Minha mãe ensinava fazer almoço, é bom aprender memo porque ninguém sabe o dia de amanhã, ai foi indo, foi indo, fui acostumando. Fui aprendendo, café, cuar café, levantar cedo, quando ela ia levantar o café já tava pronto. (Antônio).

Ocorre uma gradativa autorização social para que os homens participem das atividades, até então, consideradas exclusivas das mulheres, isto possibilita que a figura masculina entre em contato com situações familiares cotidianas. Tal fato, pode inclusive contribuir para a formação masculina futura, além de servir de referência nas relações matrimoniais.

O momento histórico-social no qual o ser genérico está inserido influencia no molde de seu comportamento, seja como forma de adaptação, sobrevivência, costume, valores, opção ou por qualquer outro motivo, entretanto, cada indivíduo vê sua transformação em tempos diferentes, indeterminados, de formas variadas, parciais ou completas de acordo com as circunstâncias, mas, as mudanças existem e contribuem de maneira mais sutil ou mais evidente na formação da identidade de gênero.

5.2 Relação conjugal: cotidianidade e conflitos

Face aos processos de transformações, a conjugalidade sofre impactos no seu caráter tradicional, assim como, as formas de organizações e de vivências também estão sendo profundamente alteradas.

Contudo, a conjugalidade ainda permanece central nos projetos dos indivíduos: “A relação conjugal continua a revelar todo o seu poder atrativo, reparador, regenerador, e até transcendente como promessa.”

Eu ia fazer vinte e três anos naquele mês que eu casei, ele tinha vinte e quatro, uma coisa assim, a diferença era pouca. (Cleonice).

Eu comecei a namorar com quatorze anos, eu namorei seis anos e casei. (Raquel).

Eu tinha vinte e dois anos e ele vinte e quatro quando casei, namoramos três anos e ficamos casados dezessete. (Carla).

Fomos casados por dois anos, mas nos conhecíamos a mais de um ano e meio. (César).

Deu dez ano que a gente ficou juntos [...]. (Luís).

Destacamos que Antônio apesar de romper com o primeiro casamento, ainda obteve um segundo relacionamento nos padrões nucleares.

Eu casei a primeira vez com vinte e seis anos, fiquei casado dezesseis anos, tive quatro... Eu sou separado da primeira muié, aí, arrumei a mãe do mais novo, neste casamento eu só tive um filho. (Antônio).

Todos os entrevistados estabelecem relacionamentos nucleares, porém, destacamos que a família moderna exprime um grau variado de desenvoltura social e moral tendo características próprias, direções e interpretações particulares já que não corresponde apenas a um único modelo e sim, a uma pluralidade de formas familiares.

Com isso, nos deparamos com uma diversificação das relações sociais onde a estruturação da rotina entre o casal não é totalmente rígida ou ligada a um molde familiar uniforme.

[...] depois de sete anos eu fui trabalhar fora e o serviço de casa continuava meu, trabalhando fora, em casa e no serviço, cuidava de casa dos filhos, tudo. (Carla).

[...] eu falava “a gente tem que trabalhar, né, porque as coisa tá difícil, os meninos estão crescendo, eles pedem as coisas”, ele “mas o que eu ganho dá o suficiente”, ela “o suficiente pra passar fome né, porque daqui a pouco nos vamos começar a passar fome”. (Cleonice).

Os cônjuges vão se adaptando às novas condições da economia social e para isto, na maioria dos núcleos familiares, as esposas exercem (pelos menos em determinado período) alguma atividade no mercado de trabalho. Apenas no caso de Luís que a mulher permanece incumbida somente pelas atividades referentes ao lar e a prole:

Ela não trabalhava, ela só ficava em casa, porque os meninos eram pequenos, né, eram novinhos. E ela e que ficava cuidando da casa e eu trabalhava. (Luís).

A mudança existe, porém, constatamos que em alguns casos, existe a busca da conservação de algumas formas antigas de relacionamento, em outros, ocorre a inclusão de novos conteúdos ou a oscilação destes.

Na família de Luís, percebemos a tentativa de manter o modelo tradicional de divisão sexual do trabalho; nos casos de Carla e Cleonice, o fato delas trabalharem fora – podendo ser inclusive provedoras únicas da família, como relata Cleonice - não as isenta da responsabilidade integral perante as tarefas domésticas.

Ele era bem folgado, né (risos). Eu já casei com ele desempregado, eu tive que carregar a responsabilidade da parte financeira e tudo em cima de mim. Depois ele conseguiu um emprego. Mas, as tarefas de casa sempre foi minha. (Cleonice).

De algum modo, elas deixam transparecer suas insatisfações em relação à postura omissa dos esposos perante as tarefas do lar, afinal, estas mulheres desejam um contraponto de apoio uma vez que se lançam no mercado de trabalho para contribuir financeiramente no lar.

Mas, geralmente ocorre uma sobrecarga feminina, pois, a função de provisão do lar, antes atribuída ao homem, é compartilhada, entretanto, os encargos domésticos não passam pela mesma divisão.

Para muitos maridos esta situação é cômoda, para outros, é apenas uma vivência que faz parte de um modelo cultural familiar visto por eles, inclusive, na relação de seus pais.

Às vezes eu até tentei falar com ele, mas ele não tava afim não, não tava acostumado também, ele foi criado também na mordomia que a mulher faz tudo e o homem fica de boa. (Cleonice).

Por isso, perder esse referencial não é tarefa fácil, pois, os levam a rever seus próprios hábitos familiares e a enfrentar possibilidades de mudanças que conseqüentemente traz em seu âmago ganhos e perdas.

No que diz respeito à inserção feminina no mercado de trabalho, esta condição pode significar para muitos homens, além de uma fragilidade masculina em suprir com suas “funções”, também pode representar a perda da sua “pseudo-superioridade”, haja vista que a mulher passa a ter uma posição econômica mais atuante, em detrimento, o marido deixa de ser considerado o chefe incontestável da casa.

Ele é o tipo de homem que ele tem que ter o domínio sobre você, ele ia no supermercado e eu fazia tudo, ele só fazia a parte lá fora, sabe, ele gostava de fazer essa parte. (Cleonice).

O matrimônio vai sofrendo paulatinas modificações em meio aos arcaicos padrões tradicionalistas que permeiam as relações de gênero.

Deste modo, não é incomum encontramos homens como Antônio, por exemplo, que apesar de realizar as tarefas do lar, implicitamente acredita desempenhar obrigação da esposa:

A mãe do mais novo, ela bebia demais, né, ah... já chega eu que gosto de uma cervejinha. Eu achava gozado que quando eu chegava não tinha janta, ela tava tomando cerveja ai na esquina, falava que não tinha mistura, os outros pensava que era eu que não comprava as coisa... depois a desculpa era que todo dia tinha carne, que eu não comprava um legume, cada vez ela arrumava uma desculpa pra não fazer janta. (Antônio).

Ele declara que, em muitas ocasiões, prepara a refeição da família pelo fato da esposa não estar em casa, mas demonstra certo descontentamento ao perceber que a companheira não corresponde com as funções clássicas de uma esposa, além de ter vícios que socialmente destoam da figura feminina: “ela bebia demais... já chega eu que gosto de uma cervejinha.”

Podemos assemelhar traços do comportamento da esposa de Antônio ao de muitos homens; à exemplo, o esposo de Carla:

[...] foi ficando complicado, porque... ele começou beber muito. (Carla).

Carla por diversas vezes relata o incômodo diante da conduta de seu marido em freqüentar bares e ter problemas com bebidas alcoólicas.

A realidade concreta engloba uma infinidade de procedimentos comportamentais que envolvem os relacionamentos contemporâneos. Deste modo, é transitável na modernidade ocasiões em que a mulher assume uma rotina de vida que antes era associada à figura masculina ou homens que exerçam encargos tidos como femininos.

Eu que chegava do serviço tinha que fazer janta. Tinha vez que eu não fazia, porque chegava cansado do serviço e ela tava no bar. (Antônio).

Contudo, situações como estas, ainda causam estranheza para a maioria das pessoas, inclusive para as que estão inseridas nela - pois, por maior que seja o nível de modernidade ou da apregoada igualdade de gênero que nossa sociedade tem alcançado, não podemos deixar de descartar, a sutil influência do modelo ideal de comportamento.

Mas, também assinalamos a impossibilidade de copiar a família de ontem em nossos dias, afinal, momento histórico atual influencia nas relações familiares gerando situações novas e específicas.

As tendências de comportamento entre casais modernos se tornam variadas, cada organização familiar encontra o caminho mais conveniente para se adequarem aos impactos das transformações sociais.

Em geral, detectamos que os aspectos de mutualidade se tornam mais visíveis na vida conjugal, assim, a participação masculina nas atividades do lar são mais expressivas.

Eu casei com vinte anos e ele tinha vinte e dois, os dois trabalhavam, então era assim: ele trabalhava de madrugada, chegava em casa onze horas da manhã, então quando eu vinha do meu trabalho pra almoçar, eu deixava o almoço pronto de manhã, eu chegava ele tinha esquentado pra mim, então, eu almoçava e voltava trabalhar e ele ficava em casa, então quando eu chegava à tarde em casa, ele já tinha limpado casa, as vezes ele deixava só a roupa pra eu lavar, então ele sempre me ajudou nos afazeres de casa... Eu nunca cobre ele sempre se dispôs, no entanto, até minhas amigas que trabalhavam comigo brincava: “eu quero um marido deste”, porque chega em casa ta tudo prontinho, né. (Raquel).

Desde que casei comecei a dividir a casa com a minha esposa, sempre a ajudei nos afazeres domésticos, e eu não me refiro aqui a simplesmente fazer agrados de final de semana fazendo o almoço e lavando os pratos, me refiro a ajudá-la todos os dias na cozinha e limpeza da casa... (César).

Nos relatos de César e Raquel evidenciamos uma participação masculina cotidiana nos afazeres do lar, mesmo que estes esposos trabalhem fora, eles optam por uma atitude mais participativa, não apenas para agradar a esposa nos finais de semana, mas, como uma forma de colaboração mútua.

Os encargos domésticos estão sendo efetivamente aceitos pelos homens, com isso, gradativamente perdem o caráter eminentemente feminino.

Os estereótipos e valores atribuídos como específicos de cada sexo são transformados, assim, contribuem para o estabelecimento de uma nova relação de poder intrafamiliar, ou seja, de novas relações conjugais e familiares.

“No mundo de hoje, quando a mudança é tão rápida e constante, a flexibilidade é absolutamente necessária – e flexibilidade significa, entre outras coisas, desvencilhar-se de papéis sexuais rígidos e das expectativas que os acompanham.” (LASCH, 1991, p. 180).

Aos poucos, os papéis sexuais e as obrigações dos membros familiares deixam de ser pré-estabelecidos e distintos por gêneros para se adequarem à rotina familiar dos casais. O exercício da autoridade e todas as questões relativas aos direitos e deveres na família são objeto de negociações.

Lá em casa sempre foi bem dividido as tarefas, porque, por exemplo, tinha os dias de fazer as coisas em casa; na quarta-feira, por exemplo, era o dia de limpar a casa, se ele chegava primeiro que eu, quando eu chegava ou ele tinha acabado ou ele tava adiantado pra mim, nunca precisou de eu falar pra ele que tinha que limpar a casa, ele tinha aquela consciência. E quando eu não podia limpar, ou que não dava, ele ficava preocupado e já chega pedindo desculpa e se explicava, então, ele tinha também aquela preocupação. (Raquel).

A inserção das mulheres no mercado de trabalho e o maior envolvimento dos homens em funções que antes eram prioritariamente das mulheres, contribuem para o aparecimento de novas alternativas familiares e de relacionamento entre o casal.

A mulher que ajuda o marido é o principal, acho que um tem que ajudar o outro... porque começa daí. (Antônio).

Com essa transformação no âmbito familiar, o homem diminui ou até mesmo perde o seu papel de provedor absoluto, passando a dividir com a mulher as questões financeiras; com isso, a esposa amplia sua importância na família, intervindo inclusive nas decisões relativas aos gastos e controle de dívidas. Desta forma, as despesas referentes ao lar são rateadas ou negociadas entre o casal:

E a divisão de gastos de casa era dividido, né. Um gastava em depósito para construir a casa e eu assumia as outras contas. (Carla).

A gente recebia sempre no mesmo dia, então chegava em casa, a gente já tinha a relação do que tinha que pagar, sentava os dois, juntava os dinheiros e pagava o que tinha que pagar, e o que sobrava ficava em casa, quem precisava pegava. Nunca teve aquela divisão cada um com o seu, você paga esse você paga aquilo, era sempre os dois juntos. (Raquel).

Ele sempre quando trabalhava ele fazia aquela despesa do mês, eu tinha que me virar até varar o mês, então, aquilo que sobrava eu nunca sabia, ele falava que não sobrava... ganhava uma mixaria também, mas mesmo assim a gente não pagava aluguel. (Cleonice).

Minha esposa era recém-formada de veterinária e trabalhava em uma clínica veterinária em Campinas em regime de meio-período, com o pouco que ganhava, contribuía sempre com as compras necessárias pra manter a casa. (César).

Ajudava a mulher cuidar da casa ela também trabalhava fora o dinheiro era mais pra ela, eu não pegava, era muito difícil eu pegar. Porque teve uma época que eu ganhava bem, então, eu não precisava pegar dinheiro dela, então eu falava, o dinheiro que é seu é pro ce [...]. Mas quando via o dinheiro em vez de gastar dela que gastava tudo, ela gastava muito, eu falei, ai meu Deus, desse jeito não tem jeito, não dá certo porque eu queria economizar de um lado, mas ela ta destruindo, ai num diante, ter uma mulher pra destruir na cerveja. (Antônio).

Pode acontecer na divisão orçamentária da mulher utilizar a maior parte do seu salário para os gastos pessoais e com a prole, enquanto o homem com as despesas gerais da casa.

Também, observamos casos que tanto o marido quanto a esposa contribuem equiparadamente, ou a partir de negociações, para que as dívidas mensais familiares sejam sanadas.

Respeitando a estrutura vivencial das famílias, podemos pontuar algumas características de cada casal na divisão dos gastos familiares:

Carla expõe um acordo feito com o esposo, sendo que ambos têm pré-direcionadas as atribuições das rendas, em prol da sobrevivência e conquistas familiares..

Raquel relata uma divisão na qual não existe direcionamento fixo para cada um dos salários, mas sim, um compartilhamento dos gastos gerais.

Cleonice mostra um esposo que apenas se preocupa em arcar com as despesas alimentícias, sendo que o restante é critério da esposa, e ela não tem conhecimento sobre a finalidade de todo o salário do marido.

César evidencia ter uma renda mais elevada que a da esposa, contudo, ela não deixa de contribuir, mas seu rendimento é mais direcionado às compras cotidianas da casa e, quando necessário, fornece maior suporte financeiro.

Antônio relata que num período da conjugalidade, ele apresenta um salário maior que a esposa, tendo esta o salário mais direcionado para gastos pessoais, todavia, Antônio demonstra insatisfação no fato da esposa não demonstrar preocupação de economizar em prol do casal.

Uma larga parte das obrigações que se impõem ao casal se inscreve dentro das exigências criadas pelo fato de se tornarem pais, ou seja, a vinda dos filhos emerge uma nova situação familiar, revolucionando a vida dos genitores.

A partir do momento em que a criança está sendo gerada, a dinâmica familiar já sofre alterações na sua organização e estrutura para se adequarem à uma outra rotina e receberem um novo integrante.

O nascimento de um filho é um acontecimento importante num casamento, haja vista que o casal precisa lidar com uma nova e enorme responsabilidade e com demandas intensas sobre seu tempo, bem como pressões adicionais causadas por expectativas sociais a respeito dos respectivos papéis de pai e mãe.

A cobrança social sobre a responsabilidade dos cuidados básicos dos filhos ainda é maior para a figura feminina, espera-se que os filhos sejam prioridades em sua vida, deste modo, são geradas expectativas em relação às funções maternas, no qual socialmente espera-se que exista uma renúncia, pelo menos temporária, principalmente enquanto as crianças são pequenas, para ocorrer a dedicação integral à maternidade.

Depois ele conseguiu um emprego... trabalhou, depois eu engravidei, tive os meninos, daí que eu sai do serviço, ele já tava trabalhando no Correio, daí já deu uma controlada na nossa vida. Mas, as tarefas de casa sempre foi minha, ele nunca deu uma mamadeira pros filhos, nunca trocou uma fralda, nunca perguntou que remédio ele vai ter que tomar porque esta com febre, ele nem sabia. (Cleonice).

Quando nós casamo eu fiquei sete anos sem trabalhar, porque veio os filhos. Sempre eu cuidava dos filhos: reunião, levar em médico, participação de escola ... sempre eu. (Carla).

Quando meu filho nasceu ele já não deixou mais eu trabalhar, eu ficava em casa, como ele mudou de emprego começou a ganhar mais, tinha uma moça que me ajudava, então, nessa época fazia cinco anos que eu não trabalhava mais. (Raquel).

Ela não trabalhava, ela só ficava em casa, porque os meninos eram pequenos, né, eram novinhos. E ela é que ficava cuidando da casa e eu trabalhava. (Luís).

Enquanto eu trabalhava ela não tava nem ai não com o menino, ele ficava na rua e ela no bar e não dava cumida pra o menino. Eu falei, ah! Não serve não. (Antônio).

A relação conjugal de Luís desde o início carrega o propósito da esposa dedicar-se aos cuidados exclusivos do lar e da prole, enquanto o marido busca o provimento da família.

Antônio, ao longo do relacionamento, percebe que a esposa exerce atitudes associadas, por ele, como sendo respectivas de uma mãe, entre outros motivos, acredita que o relacionamento não se torna conveniente.

César não chega a vivenciar experiências de acordos sobre o encargo filial pelo fato da viuvez ocorrer dias após o nascimento da primeira filha do casal.

Carla e Cleonice mostram que toda a responsabilidade referente aos cuidados dos filhos são delas, em contrapartida, os maridos se posicionam de modo omissos – seja por conveniência ou por suas crenças -podendo sentir-se limitados no propósito de uma paternidade mais ativa ou realmente porque atribuem às suas mulheres todos os cuidados referentes aos filhos.

No relato de Carla, Cleonice e Raquel, evidenciamos que antes dos nascimentos dos filhos, elas exercem trabalhos externos, mas há uma pausa nas profissões para se dedicarem exclusivamente a tudo que diz respeito aos cuidados da prole.

Cleonice e Raquel também expõem o fato dos maridos terem aumentos nos rendimentos, com isso, o trabalho da esposa para auxiliar economicamente nos gastos do lar já não é totalmente relevante para a sobrevivência familiar.

Deste modo, aumenta a pressão em torno da mulher para que ela ocupe seu “respectivo lugar” de mãe e esposa e o homem se torne o provedor absoluto.

[...] até que um dia eu falou que eu tinha que escolher entre meu serviço ou ele, minha família, porque ele falava que eu tava querendo mais o meu serviço, vida que eu tava levando do que a minha família... e logicamente eu deixei de trabalhar, eu não queria separar porque eu tinha meus filhos. (Cleonice).

A mulher acaba sendo cobrada pela maternidade em detrimento à vida ativa no mercado de trabalho. Mas, devemos destacar que muitas destas mães também podem se colocar como únicas responsáveis pelo bem-estar da família, e acabam aceitando suas funções domésticas.

Rocha-Coutinho (1994, p.20) discute o quanto a mulher hesita em abrir espaço para a divisão de tarefas, ainda que deseje adentrar nos espaços públicos:

“Parecia haver uma tentativa de continuar mantendo o controle do terreno doméstico, o que causava sobrecarga pelo evidente acúmulo de tarefas.”

Na contemporaneidade espera-se que o casal moderno embase o relacionamento nos princípios de igualdade, liberto de qualquer preconceito, aberto e flexível, tendo firmado o respeito pela individualidade e crescimento pessoal de cada um, entretanto, subjetivamente, alguns comportamentos parecem que não são tão diferentes assim daqueles cultuados décadas atrás, haja vista que, existe uma constante dualidade entre os preceitos arcaicos e os modernos.

Os jovens casais, hoje em nossa sociedade vivem na verdade no meio de um turbilhão de conceitos, preconceitos, mitos, crenças, emoções e sentimentos tão contraditórios e inusitados, que não é de se estranhar os conflitos e dúvidas tão profundas que cercam as relações entre homem e mulher. (CERVENY; BERTHOUD, 1997, p. 53).

Cleonice, por muito tempo, mantém o marido em situações cômodas, tendo ela acumulado, além das atribuições integrais maternas, todos os encargos domésticos, inclusive os referentes ao marido.

Ele tinha tanta mordomia que quando os meninos nasceu que foi crescendo, que eu fui percebendo que o cara era folgado; eu punha comida no prato pra ele, quando eu passei a não por, ele achava ruim, falava que eu tinha cortado a mordomia dele. (Cleonice).

Mas, em certos momentos, ela sente-se sobrecarregada, isto possibilita que ela analise as funções conjugais que o casal tinha moldado no decorrer da vida em comum; com isso, aos poucos, busca seguir o seu próprio estilo de vida.

Nos relacionamentos contemporâneos, as obrigações exclusivas de cada sexo podem ser questionadas mais abertamente, assim, eclodem necessidades onde colocam homens e mulheres como iguais perante as relações de poder.

Algumas esposas sentem a necessidade de retomarem ao mercado externo, não ficando restritas apenas ao lar: “depois de sete anos eu fui trabalhar fora.” (Carla).

Para muitas mulheres, o trabalho remunerado vai além das motivações estritamente econômicas, representa a condição para sua autonomia, seu desenvolvimento pessoal, reconhecimento e realização de suas ambições fora do ambiente familiar.

O papel da mulher em mutação circunscreve uma situação na qual, apesar de ter saído de casa para buscar sua identidade profissional, ela ainda ocupa o cargo de provedora oficial de cuidados da família. O seu lugar tem sido o de se responsabilizar pelo suporte emocional para todos os outros membros da família, em todos os estágios da vida familiar. (CERVENY, 2004, p. 42).

O fato das mulheres exercerem atividades profissionais não torna inacessível o apego à família. Contudo, muitos homens sentem certa dificuldade em aceitar a ampliação das obrigações da esposa decorrentes do trabalho:

Daí quando eu comecei a fazer as minhas coisas, eu falei que vou no supermercado, eu queria comprar as coisas, este tipo de coisa diferente... ele começou a achar que eu tava querendo mandar em mim, porque eu tava mudada, porque eu não gostava mais dele, sabe, aí ele começou a por um monte de coisas, ele fez muita coisa que me magoou bastante... Ele sempre falava que quando a mulher quer ficar trabalhando, ganhando dinheiro, é porque ela não tá nem aí pro marido. (Cleonice).

Guimarães (2000, p. 108) acredita que há ainda homens inseguros no exercício de sua missão de esposo e de pai e que pensam lograr êxito na medida em que manifestam poder, elevam a voz, criam certo ambiente de terror e impõem caprichos.

Com isso, a maioria dessas esposas buscam estratégias para manter uma coesão familiar que lhes permitam conciliar sua participação ativa na vida social e profissional e a ligação afetiva e simbólica que elas mantêm com as famílias.

Para isto passam a adequar seus horários para assim, administrarem uma carreira em sintonia com as funções maternas, por isso, as vezes é preciso inclusive trocarem a área de trabalho.

Quando eu parei de trabalhar, eu não fiquei assim parada sem fazer nada, eu sempre fui batalhadora, daí eu comecei a fazer, unha, eu aprendi a fazer um monte de doces, daí eu vendia. Depois, com o tempo eu voltei a trabalhar, fui trabalhar de doméstica, antes eu trabalhava no shopping, antes de ter meu filho mais velho, depois eu tive que sair porque os horários eram bem complicados, ônibus, eu demorava muito para chegar em casa. (Cleonice).

O fato da mulher ter que conciliar emprego, tarefas domésticas, cuidados com as crianças e manutenção do relacionamento conjugal pode trazer obstáculos para sua inserção no mercado regular de trabalho.

Tais responsabilidades não são necessariamente incompatíveis mas, para tanto, é necessário que a mulher obtenha um esforço permanente de conciliação entre o espaço social e o espaço familiar, introduzindo no seio familiar novas normas de funcionamento: isso implica que

os maridos devam aceitar, ou pelo menos levar em conta, outros sistemas de valores e outras maneiras de relacionamento.

Sem que haja a coesão familiar, se torna complicado conquistar uma margem de manobra e de liberdade para renegociar as normas familiares, por isso, sem tais concessões as tentativas de mudança estão susceptíveis ao conflito.

Daí quando eles cresceram mais eu comecei assim a vender roupa, vender jóia, fazer unha... quando eu comecei a crescer, vender as coisas, eu juntava dinheiro, sabe, daí ele começou a ficar assim com inveja, eu senti inveja da parte dele ou ciúme, não sei... daí ele quis fazer a mesma coisa que eu, daí ele ficava brigando o tempo todo comigo, porque eu sai, porque eu tava atrás de homem, porque eu tava desocupada, aonde eu fui o que eu tava fazendo. (Cleonice).

Segundo Garbar e Theodore (2000, p. 31) o homem de hoje deve encontrar seu lugar diante dessa nova mulher, muitas vezes vista como uma rival.

Deste modo, o casal começa a definir distâncias, cristalizam conflitos, aumentando assim as tensões em torno de aspirações de vida que, com o tempo, podem se tornar incompatíveis e ser fatores contribuintes para potencializar períodos com que as crises matrimoniais se sucedem.

Ai eu falei pra ela, vamos tomar um limite pra você tomar cerveja na hora que você gosta. Eu vou dar 18 cerveja por mês pro cê, eu falei pra ela. Ela bebia mais que isso, uai! Ai, ela acho ruim, disse que era pouco. Ai foi indo, foi indo, eu vi que não deu certo, eu já tava tomando rarva dela... só bebendo, bebendo, cumida não fazia. (Antônio).

Eu achava que tava normal minha vida com ele, ele não falava pra mim porque ele tava com raiva, ele só foi fechando, e outra eu não tinha tempo pra ficar atrás dele, ele tinha tempo porque ele tava desempregado... ele foi mandado embora do Correios e ficou em casa, mas daí em vez dele batalhar e procurar outro emprego, não, ele ficou lá sabe, fez um curso de cabeleireiro e ficava lá cortando os cabelinhos, e ficava pegando no meu pé, mas eu nem ligava para aquela coisas... ele me seguia, ele sabia até com quem eu tinha conversado, quanto tempo eu demorei para entrar dentro do meu serviço, tudo ele sabia. (Cleonice).

No relato de Antônio detectamos que certas expectativas em torno da cômpute ou do matrimônio não são supridas, desta forma, alguns valores individuais entram em contradição na cotidianidade da relação conjugal.

“As dificuldades, a insatisfação e a decepção de muitos casais com o relacionamento envolvem expectativas idealizadas de como o (a) parceiro (a) seria ou deveria ser.” (KARPEL, 1994, p. 24).

Geralmente ocorre avisos, usualmente de um dos cônjuges que exprime seu descontentamento. Observamos na fala de Cleonice e Antônio tentativas em estabelecer um diálogo com os respectivos companheiros.

Contudo, pode ocorrer dos projetos em comuns não serem mais compartilhados, provocando uma desarmonia na convivência marital, em decorrência, são gerados diversos conflitos, desconfianças e sentimentos, inclusive carregados de características destrutivas, que contribuem para ampliar a insatisfação diante do relacionamento.

Tudo que às vezes eu até conservada com ele, porque a gente sempre conversou muito, brincava, falava coisa que às vezes nem deveria, e ele começou levar aquilo para o lado do mal. Eu falava sem malícia, sem maldade e ele punha pra maldade. (Cleonice).

Percebe-se que um mundo paralelo de imagens em relação a parceira é criado, com isso, emerge períodos na relação conjugal onde a comunicação se torna praticamente ausente.

[...] daí ele começou a me seguir, daí eu comecei a perceber que ele não falava comigo, ficava de mau de mim dias. (Cleonice).

As relações humanas não se realizam num campo neutro, estão todas elas carregadas de afetividade, emoção e tensão, mas, a sucessão de tensões internas e conflitos gerados na vida em comum - concomitantes com vários fatores - quando não resolvidos trazem conseqüências desfavoráveis à união.

O casamento não é necessariamente colocado em xeque quando surgem a instabilidade e a insegurança, o que se torna ameaçador é o fato de não serem solucionados, podendo então levar a um rompimento conjugal.

5.3 Rompimento conjugal

Quando as negociações se tornam cada vez mais dificultadas na dinâmica cotidiana, conseqüentemente, situações conflituosas podem surgir e causar desentendimentos, pequenas e grandes agressões, mágoas que culminam no demoramento da vida conjugal, inclusive podendo levar à separação conjugal.

Foi ficando complicado, porque... ele começou beber muito, começou a ter agressões de palavras, ai chegou num ponto de agressões físicas. Eu quis me separar, tomei a iniciativa. (Carla).

O final do relacionamento foi terrível, uma perseguição terrível, ele ficava mesmo no meu pé, me acusou [...]. (Cleonice).

Carla e Cleonice optam pela separação, uma vez que, o comportamento dos respectivos cônjuges se torna persistentemente impróprio e violento, isto acaba por transformar a vida conjugal em algo penoso e insuportável.

Entretanto, o processo que leva ao rompimento dos laços maritais detém variados estágios, pois, compreende não só na separação propriamente dita, mas todo o periodo anterior que vem acompanhado do pensamento e a vontade cada vez mais intensas..

Segundo estudos desenvolvidos por Wallerstein e Blakeslee (1996 apud CERVENY, 2004, p. 33) mostram que o cônjuge que toma a iniciativa, já começa o processo de desligamento dois anos antes de propor a separação.

Cleonice demonstra momentos conjugais de experiências apreensivas do divórcio, até que a dedicação seja definitiva:

[...] um dia ele falou “o que você acha de nós separar”, daí eu falei “vamos separar que desse jeito não dá mais para viver”, daí ele falou que levou um susto por eu ter aceitado, como ele é machão ele achou que tinha que seguir aquilo ali, como se diz ela não quer separar, então vamos separar, e eu tornava a repetir “vamos separar, eu não sou sua escrava, eu não quero viver dessa forma”, até que um dia chegou ao fim mesmo, não teve mais jeito, não teve volta. (Cleonice).

Numa época anterior, a mulher era literalmente prisioneira de seu marido, mas, atualmente, ela pode optar em se divorciar e recomeçar sua vida.

Juridicamente os liames matrimoniais são solúveis, se ainda há alguns anos, o divórcio era visto como uma transgressão, em nossos dias é considerado como uma nova forma de vida familiar. “A partir dos anos 1980 começa a surgir com vigor a idéia de que o divórcio era a saída para uma relação infeliz.” (CERVENY, 2004, p. 32).

Muitos cônjuges, apesar de todas as dificuldades que podem encontrar com o rompimento conjugal, acreditam que a separação representa uma melhoria do ambiente familiar e das relações com os que permanecem no lar, uma vez que colocam fim a uma situação de conflito que se torna penosa tanto para os genitores quanto para os filhos.

Melhorou porque o ambiente muda, quer dizer, um ambiente que era pesado se tornou assim um ambiente calmo, um ambiente gostoso. (Carla).

Eu me senti bem melhor, principalmente hoje que passou tudo, eu acho assim que se eu não tivesse nem casado, só tivesse tido os meus filhos e ter feito isso tudo que eu fiz de dez, doze anos que eu fiz sozinha teria sido melhor, aquele dez anos que eu fiquei com ele eu perdi, se eu tivesse catado desde lá e tivesse vindo sozinha só com eles eu acho que eu teria tido mais proveito. (Cleonice).

O mais difícil já passou... Pra mim tá bem melhor do que quando tava com a mãe dele (última esposa). Foi até bom nós separa, porque se eu tivesse com a mãe dele, acabava sendo pior. Porque eu já sei minha obrigação, a hora que eu tenho que dar janta pra ele, a hora que eu tenho que dar banho. Quando eu tava com a mãe dele, não... eu só ficava nervoso, era direto, chegava do serviço a mulher no bar, tinha coisa de comer mais ela não fazia. (Antônio).

Entretanto, mesmo as separações desejadas - que ocorrem depois de anos de insatisfação do casal - trazem junto à sensação de alívio sentimentos intensos de sofrimento e ressentimentos.

[...] ele me deprimiu tanto, eu fiquei assim meio paradona quando a gente se separou mesmo, que acabou tudo eu fiquei meia assim... me sentindo culpada, uma sensação horrível; depois que eu fui pensando que a separação seria o melhor. (Cleonice).

O desenlace final do casamento provoca uma imensidão de sensações ambivalentes, como descreve Garbar e Theodore (2000, p. 33): “Medo de ficar só, culpa por querer sair do casamento, raiva do parceiro que não é capaz de garantir felicidade, e assim por diante.”

Afinal, a maioria dos entrevistados vivenciaram resquícios de uma época em que a união era considerada compromisso de amor e companherismo para a vida inteira, sendo o divórcio uma dolorosa exceção. Deste modo, a maioria dos casais esperam que a profecia do “viveram felizes para sempre” se cumpra em seus relacionamentos:

Na realidade, eu fiquei assim um pouco chateada, porque a gente quando casa pensa que vai ter um relacionamento até o fim da vida. Então, quando chega esse ponto de não acontecer isso aí, a gente fica um pouco até revoltada com a situação, mas depois com a ajuda de amigos, parentes, conversaram muito comigo, eu tive muito apoio, aí eu fui superando .Carla).

É importante considerar que quando separação acontece - seja por iniciativa de um deles ou acordo mútuo - é porque os dois tinham problemas juntos. Sendo assim, cada um deles é responsável

pelos sucessos e insucessos vividos nesse casamento, deste modo, não é possível atribuir a culpa da separação a um dos dois somente, pois, ambos colaboraram para este desenlace.

Mas, o divórcio advindo de uma crise repentina, ou não, é um momento de grandes transformações, entre outras coisas, culmina numa diferenciada organização familiar.

No caso de Luís, a separação acontece de modo inesperado: após dez anos de casamento sua esposa decide sair de casa, é feito um acordo entre o casal – no qual não é revelado na entrevista – e ela deixa os três filhos (dez, oito e sete anos) com o pai:

Sou separado... deu dez ano que a gente ficou juntos, os meninos tava pequeno, ela foi embora e largou eles... fizemos um acordo e ela foi embora [...]. Não tinha planejado foi tudo de repente, na hora foi decidido.

César e Raquel também vivenciam separações repentinas, entretanto, ocasionadas por fatalidades, pois, ambos são viúvos e perdem seus companheiros em situações trágicas.

O parto teve de ser cesária, pois o bebê não estava na posição para um parto natural... A infecção foi fulminante, embora ela tivesse uma saúde de ferro, nenhum médico e nenhuma tecnologia foi capaz de detectar a tempo aonde encontrava-se a infecção, cheguei a transferi-la para um dos melhores hospitais do país, o Albert Einstein, e nem lá conseguiram salvá-la. (Carlos).

A gente tava com doze anos de casado, foi quando aconteceu o acidente com ele, foi inclusive no dia do aniversário dele. Como nessa época ele já era gerente do trabalho, ele não almoçava mais em casa, então, ele almoçava lá, e nesse dia, ele me ligou falando que ia almoçar com a gente, então, vindo pra casa pra almoçar de moto, ele bateu num caminhão e morreu na hora. (Raquel).

César é casado por dois anos, sua esposa tinha trinta e dois anos quando falece de infecção hospitalar - a filha do casal tinha seis dias. É de se concluir, que o acontecimento não faz parte dos planos do casal essa que a tragédia é um susto enorme para Carlos que, na época, não espera ter que acolher sozinho em seu lar a primogênita:

[...] Obviamente se conclui que não havia nenhum planejamento a esse respeito, foi um momento muito difícil e delicado da minha vida, onde o momento de alegria de ver a minha filha vir ao mundo se misturou com a terrível dor de ver a minha querida esposa nos deixar aqui sozinhos.

Raquel espera o marido para comemorar o aniversário dele com a família, quando recebe a notícia do seu acidente; esta ruptura repentina provoca um misto de sensações, nem sempre coerentes.

Para Raquel perder esse vínculo é um processo doloroso, pois, ela está extremamente ligada ao marido e, em certos momentos, entre outros sentimentos, tem o pressentimento de não conseguir continuar sua própria vida:

Eu achei que não ia conseguir... minha primeira reação foi isso, porque na minha casa por mais que era tudo dividido, compras e supermercado tudo eu dependia dele, não dava pra gente ir fazer compra, eu esperava o dia que ele podia pra ir comigo, ir no açougue e tudo mais; eu tinha carta e carro mas não era por medo é que eu era dependente dele, eu precisava dele pra tudo. Eu perdi tudo, perdi o marido, os braços e as pernas.

As famílias que vivenciam o rompimento conjugal por situações trágicas, de certa forma, carregam o sofrimento de quererem continuar algo que é interrompido indesejadamente.

Contudo, toda separação tem consequências que provocam muita turbulência, e não envolvem apenas os cônjuges como também a prole que sentem diretamente o desentendimento familiar e a ruptura, progressiva ou brutal, dos laços que os uniam, afinal, os descendentes estão fortemente ligados à vivência afetiva dos pais.

Alguns filhos podem encontrar dificuldade em aceitar as circunstâncias de separação dos pais; outros mostram-se relativamente neutros deixando a decisão a critérios dos genitores, para assim não tomarem partido de nenhuma das partes; também podemos observar posicionamentos filiais em favor da dissolução do casamento, para eles, isto pode significar o fim de um dia-a-dia violento e repleto de insegurança - já que a insatisfação dos pais perante o casamento é visível. Por isso, os conflitos se tornam constantes e insuportáveis também para os descendentes.

Durante muito tempo, as palavras separação e divórcio evocaram quase sistematicamente, sofrimento, dor, mal-estar. A pais separados associava-se, automaticamente, filhos traumatizados. Sabe-se hoje que, para os filhos, é preferível uma separação a uma situação por demais conflituosa que se cristaliza. (GARBAR; THEODORE, 2000, p. 106).

A opinião dos filhos pode de certo ponto influenciar no processo de separação, ou até mesmo retardar, mas não é o bastante para impedi-lá. Enfim, com maior ou menor explicitação dos sentimentos, com o tempo, os descendentes reconhecem que a decisão relativa a separação cabe aos seus pais.

Teve uma vez que a gente ia se separar, sentamos com os filhos, mas ela (a filha), chorou tanto, não queria que o pai saísse de casa, e a gente resolveu não separar, mas depois não teve mais jeito, não dava pra continuar assim, não existia paz, até os filhos concordaram. (Carla).

A formalização da separação cabe ao casal, contudo, a prole manifesta com propriedade sua intenção em residir com um dos genitores.

Ele (filho) não queria a mãe, ele é muito apegado comigo, desde pequenininho foi assim onde eu vou ele quer ir junto. (Antônio).

Todos os dois filhos, não queria o pai não, na época eles queriam ficar comigo. (Cleonice).

Os próprios filhos que optaram em ficar comigo, eu e meus filhos sempre conversamos muito, eu tive apoio deles na época da separação. Ele (genitor) até disse que eu tava pressionando os filhos pra que eu ficasse comigo, aí sentamos nós quatro, e os próprios filhos que decidiram que queriam ficar comigo. (Carla).

Observamos que no caso de Antônio o interesse do filho em residir com a mãe é nulo, e este apesar da pouca idade – quatro anos na época da separação – manifesta ativamente sua opinião.

Cleonice e Carla expõem a decisão dos filhos em residir com a mãe; entretanto, o ex-companheiro de Carla interpreta o posicionamento da prole como uma forma de coerção materna, ou seja, a mãe diante da circunstância da separação, aproveita de seu maior contato com os descendentes para persuadi-los a ficar com ela.

Mas, Carla realça que tais desavenças são esclarecidas através de um diálogo familiar democrático, onde todos expõem seus sentimentos e suas decisões sobre quais dos genitores desejam residir.

Em nenhum momento Luís relata a interferência dos filhos sobre a decisão dos pais no que diz respeito à guarda filial, uma vez que esta se torna um acordo comum somente entre os pais, onde a prole apenas acata tal combinação.

A “aparente” aceitação filial (sob o prisma das falas dos genitores), entre tantos fatores, pressupostamente pode se dar pelo fato dos filhos sentirem, mesmo que intimamente, o desejo dos pais em assumir, ou não, a responsabilidade de seus cuidados, haja vista que a prole nunca é neutralizada dos climas instaurados no ambiente familiar.

Já os filhos de Raquel assim como a filha de César vivenciam o processo de rompimento parental ocasionado pela morte de um dos pais, restando-lhes apenas um dos genitores, além de apresentarem pouca idade, inclusive para o entendimento daquela situação de falecimento.

Vale destacar que não somente a prole como também o círculo de relacionamento familiar pode exprimir formas diversas de opiniões e juízos sobre o término da união marital podendo, de certa maneira, exalar reflexos, tanto positivos como negativos, nos cônjuges.

Enquanto eu trabalhava ela não tava nem ai não com o menino, ele ficava na rua e ela no bar. Eu falei, ah! Não serve não. Muita gente admirou, a maior parte dos vizinhos aqui falou, oh, cê tá de parabéns. (Antônio).

Antônio demonstra que a apreciação positiva das pessoas que fazem parte do seu meio social, sobre a atitude dele em pôr fim ao seu relacionamento conjugal fornece-lhe certo amparo para firmar a idéia de que a decisão da separação é a melhor escolha diante do comportamento (classificado por Antônio) como insatisfatório da companheira:

Para Carla, apesar de ter uma opinião formada sobre sua separação conjugal, o apoio dos familiares, fornece relativo respaldo à sua decisão.

Não senti nenhum tipo de pressão, quando eu tomei a decisão, eu já tava certa de que aquilo seria melhor, mas, graças a Deus, eu tive muito apoio da minha família, meus filhos que acharam que a decisão deveria sair de mim. (Carla).

Esse amparo familiar encontrado por ela, fortalece o núcleo de relacionamento e, de certa forma, lhe disponibiliza mais segurança diante de eventuais comentários sobre sua situação de separada:

Eu nunca me preocupei o que os outros iam falar lá fora, o que me preocupava era eu e meus filhos lá em casa, e não o que a pessoa alheia lá fora ia falar ou deixar de falar, nunca me preocupei com isso. (Carla).

Já Cleonice mostra uma sutil preocupação com a aparência do seu relacionamento conjugal perante aos filhos e aos vizinhos; há uma preocupação em preservar os membros familiares mesmo diante do abalo matrimonial.

[...] a gente não briga assim para as crianças ouvir, portanto, nem meus vizinhos ouviam, eles não acreditavam quando a gente separou porque achava que a gente não brigava. (Cleonice).

Quando ocorre a separação de fato, observamos que Cleonice anuncia uma postura alheia aos comentários - talvez como um recurso de auto-preservação:

Eu acho que eu nunca liguei para isso, eu nunca me preocupei, às vezes a gente sente sim, mas eu não fiquei ligada muito nisso porque é até ruim; as pessoas já falam que ficam se sentindo mau porque as pessoas rejeitam por você é separada, porque ela não tem marido... eu nunca fiquei pensando muito nessas coisas não. Pode até ter acontecido comigo, mas eu nunca dei muita bola para isso.

No caso de Raquel os comentários alheios interferem bruscamente na sua vida, pois, além dos sentimentos relativos ao luto do marido, ela ainda tem que lidar com julgamentos negativos:

Eu senti preconceito, na verdade, eu tive um episódio de viuvez muito triste, já é triste você ser sozinha com os filhos. Que nem quando meu marido morreu, a cidade na época, falava absurdos da morte dele, que ele tinha se matado por eu havia o traído, sabe... inventou muitas coisas minhas que me afetou muito emocionalmente, eu entrei em depressão, em um mês eu perdi quinze quilos, na época. Porque a gente tinha um relacionamento muito bom pras pessoas falarem dele o que falou, então, me abateu muito, foi dois sofrimentos: a difamação que tavam fazendo dele e a perda.

Em tempos mais remotos, as famílias que não contavam com a presença do genitor no ambiente doméstico eram alvos de preconceitos e de marginalização: “A presença da figura masculina em um lar era necessária para garantir a idoneidade moral das mulheres.” (ALVARES, 2003, p. 36).

O povo inventa horrores da gente! Eu senti assim também preconceito, em relação aos amigos do meu marido, depois que eu fiquei viúva, os amigos deles me ligando, não pra me confortar, mas pra me chamar pra tomar vinho, você tá vendo que isso é uma cantada. E isso me magoa muito: “Poxa vida! O que eles acham que a gente é, só porque é viúva vai virar uma prostituta, vai ficar saindo com um e com outro?.” E ainda às vezes acontece da pessoa falar “você tá sozinha” ou alguém chegar e falar “oh, fulano falou que você é ajeitada, não quer sair com ele um dia?”. Então, são essas coisas assim, e isso me magoa, porque eu fiquei muito decepcionada na época que falaram de mim. O padre até falava “deixa filha, porque viúva realmente é perseguida”. Eu sempre falo que a gente não tem que sair brigando com aquele que falou de você, só o tempo vai dizer quem você é. (Raquel).

Raquel demonstra que com o tempo, ela aprendeu a lidar com os preconceitos e assim, seguir sua vida de acordo com os seus próprios valores e verdades, buscando o caminho que acreditou ser o mais favorável.

A forma com que cada genitor monoparental lida com as opiniões externas, durante e após o processo de rompimento conjugal, é uma condição pessoal que vai sendo amadurecida ao longo dos acontecimentos e das relações sociais.

5.4 Guarda filial e formação do núcleo familiar monoparental: motivações e sensações

A decisão da guarda filial é um ponto importante, pois, em meio à turbulência do rompimento conjugal paira os questionamentos sobre o elo eterno entre os casais: os filhos. Deste modo, junto à postura de responsabilizar-se ou não pela prole existe uma infinidade de elementos que respaldam as atitudes de cada genitor, entre eles estão às crenças, vivências, enlances emocionais e características individuais.

Eu achava assim, que eu era mãe e que eu tinha responsabilidades sobre eles, eu tinha essa grande responsabilidade, porque eu tinha posto eles no mundo e eu tinha que cuidar, nem que eu fosse morar debaixo de uma ponte eles iriam comigo, se fosse passar fome, a gente ia passar juntos, mas eu tinha que estar junto com meus filhos porque eu fui criada assim com minha mãe, nós passamos dificuldades, necessidades, mas nós tava perto da nossa mãe, então eu sentia que eu tinha que ficar com meus filhos, eu já tinha tido um exemplo antes, né. (Cleonice).

Cleonice carrega uma experiência de vida onde a imagem materna é central para os filhos, com isso, ela acredita que a figura da mãe é a principal fornecedora do amparo aos descendentes, coloca-se inclusive como sendo a responsável pela existência dos filhos, por isso, não podendo negar, em quaisquer situações, sua condição de guardiã basilar da prole.

Desde a concepção da criança, o lugar principal é destinado à mãe. Ela recebe o dom da gestação em seu ventre, sentindo em seu corpo as transformações advindas da criação de um novo ser. Para a mãe são dedicados os cuidados médicos, psicológicos e as pequenas atenções. Já o pai é visto como um mero contribuidor biológico. Em seu corpo não há transformações, permanecendo com o papel de coadjuvante. (ALVARES, 2003, p. 77).

Por um longo tempo, essa postura feminina de lutar pela maternidade e em manter o vínculo afetivo que a liga incondicionalmente com a prole é visto como socialmente correto, já que a mãe está biologicamente preparada para esse papel, ficando o pai num papel secundário nesta relação.

O imaginário coletivo concebe que a responsabilidade principal pelos cuidados com os filhos cabe a mãe, sendo ela a figura mais indicada no trato diário com os descendentes, desta forma, a ausência paterna na relação familiar é mais tolerada socialmente do que a ausência materna: “Poxa vida! Tem tantas mulheres que abandonam os filhos e vai viver sua própria vida, acabam com tudo.” (Raquel).

Acontece que a mulher, despertada pelo ambiente social a possibilidade de uma vida conjugal diferente, procura um caminho de auto-realização e de aperfeiçoamento pessoal diferente daquele que tinha seguido até então, no cuidado e devotamento exclusivo ao marido, aos filhos e ao lar; diante das dificuldades encontradas, muitas vezes o marido, outras vezes ela mesma, vê como única solução o abandono da vida a dois. (BACH, 1983, p. 11).

Cleonice parte de uma concepção pessoal, construída a partir das suas vivências, para demonstrar que a figura materna tem maiores vantagens para oferecer amparo à prole:

Geralmente, os filhos sentem mais firmeza com a mãe; eles, mais apoio, sei lá, um pai não dá muita segurança pra um filho, eu acho, né, em certos casos, mas não é todos não. (Cleonice).

Entretanto, ela tem consciência de que não são em todas as situações familiares que o pai não oferece segurança ou suporte para a prole.

Carla também, num certo momento, relata acreditar que a mulher apresenta vantagens psicológicas em zelar pelos encargos dos filhos:

Eu acho que a mulher tem mais condições em termos psicológicos, apesar de que têm vários pais que assumiu a guarda total dos filhos, educação, tudo e se dá muito bem com os filhos e com a responsabilidade que ele assumiu. Cada caso é um caso, no meu caso eu achei que eu tinha mais condições. (Carla).

Em seguida, ela esclarece que, dentro de sua vivência familiar, a guarda materna foi mais favorável, pois, existem situações onde é o pai que assume integralmente toda a criação dos filhos, com isso, ela demonstra que a obtenção de resultados satisfatórios pode ocorrer independente do sexo do genitor.

Devemos ressaltar que ainda paira em nossa cultura as influências a respeito do mito materno no qual faz muitos genitores sentirem uma aparente vantagem feminina nos cuidados com a prole.

Obviamente que a mulher tem uma preparação social voltada à maternidade, isto é, desde a mais tenra idade a mulher é condicionada a receber, educar e estabelecer maiores contatos com os filhos, mas, o trato com a prole pode ser adquirido na convivência cotidiana, a partir de experiências práticas, podendo então ser executada por mulheres ou homens desde que haja uma disposição pessoal para tais atividades, com isso, ultrapassa fatores biológicos naturais de gêneros.

Assim, pode-se perceber que os indivíduos não nascem com a determinação de serem pais ou mães, ou sabendo exercer a maternidade ou a paternidade. Essa construção é socialmente produzida através da convivência social, da observação dos modelos familiares, das relações entre pais e filhos e das heranças culturais. (ALVARES, 2003, p. 82).

Aos poucos, o exercício da maternidade, perde a rigidez do seu caráter tradicional, a companheira de Luís, por exemplo, se sente mais a vontade em exibir sua determinação em romper o relacionamento conjugal de dez anos e sair de casa:

[...] Ela foi embora e largou eles, fizemos um acordo e ela foi embora. Não tinha planejado foi tudo direpente, né, na hora tinha decidido, não tinha que sai de casa ninguém. (Luís).

Luís nunca teve contato cotidiano com as atribuições da esposa, até então, a vida conjugal é baseado em costumes onde a mulher tem total responsabilidade pelos encargos domésticos e pelos filhos, mas as novas circunstâncias ativam a determinação paterna em assumir a responsabilidade de criar os três filhos.

Sou separado... deu dez ano que a gente ficou juntos, os meninos tava pequeno, ela foi embora e largou eles... fizemos um acordo e ela foi embora... Não tinha planejado foi tudo direpente, na hora foi decidido. (Luís).

A regra sobre a guarda atinge patamares que vão além da questão de gênero para firmar num acordo comum ou opção pessoal. Desta forma, o papel de genitor ativo na vida dos filhos tem mais que ver com a escolha pessoal do que com os instintos ou sexo.

César, por exemplo, relata que a decisão paterna em assumir a prole não é fácil para um homem, caracterizando sua postura em assumir integralmente a paternidade como “um desafio de vida”:

Não foi fácil chegar a esta conclusão, pois você deve saber muito bem que os homens não têm o instinto materno que todas as mulheres tem, e portanto, seria muito mais natural que eu “terceirizasse” a criação da minha filha para os meus pais, ou os pais da minha esposa, ou minha irmã, ou qualquer outra pessoa para poder ser apenas um pai biológico que visita a filha nos finais de semana. Seria muito mais cômodo, seria muito mais fácil para a minha vida. Mas sabia que o meu desafio de vida, seria exatamente esse, criar a minha filha sem a presença da mãe dela. (César).

Afinal, cuidar de um filho trata-se de um conjunto complexo de atividades que muitas vezes o homem não se sente preparado por isso sair do tradicional comodismo em

transferir os encargos dos descendentes a outras pessoas é uma característica masculina mais diferenciada.

Meus amigos homens não souberam expressar os seus sentimentos quando souberam do que havia acontecido comigo e da decisão que havia tomado, pois, eles sempre repetiam: “Eu não consigo me imaginar nesta situação!” Quanto às minhas amigas, a maioria delas acharam que a minha decisão foi a mais acertada e começaram a me considerar mais como uma pessoa diferente. (César).

Deste modo, os homens também estão sendo reconhecidos, e assim se reconhecem, como aptos para providenciar todos os cuidados necessários para o bem-estar dos filhos, inclusive aqueles antigamente restritos às mães.

Eu nem deixo ele com ela não, nem quero deixar; deixo ele fazer uma visitinha, agora falar assim ela vai cuidar, ela não cuida, ela não cuida dele não. Porque se esse menino fica com ela, se ela for cuidar, ele só vai ficar na rua. É a mesma coisa de não ter mãe e pai. Então, tano comigo, não, ele já tá mais seguro. (Antônio).

Antônio prefere cuidar do filho, por acreditar ter melhores condições para criá-lo e para disponibilizar maior segurança ao menino, já que o empenho materno em assumir os cuidados integrais da prole aparentemente é mínimo.³⁰

É interessante notarmos, que está ocorrendo uma perda no sentido da tradição, isto é, os homens já não aceitam facilmente a idéia de somente as mulheres assumirem os cuidados e a educação dos filhos e, muitas vezes, sentem-se mais capazes para realizarem estas tarefas do que a própria mãe da criança.

Antigamente era muito difícil ficar sabendo de casos igual ao meu, também porque a família era muito fechada, isolada em fazendas distantes e quando acontecia, geralmente porque o homem ficou viúvo, era a avó que cuidava, ou repartia um pouco pra cada família. (Luís).

Mais recentemente, podemos perceber uma paulatina alteração no comportamento dos gêneros, desencadeando uma libertação feminina perante a maternidade e uma autorização para que os homens tenham uma posição atuante perante a prole.

³⁰ Vale destacar que no primeiro relacionamento de Antônio há um acordo mais pacífico com a ex-mulher sobre a solução mais adequada para a guarda dos quatro filhos, com isso, o casal opta em dividir as responsabilidades: “[...] dois fica com ela e dois fica comigo, pra ninguém ficar sentido. Ela ficou com as meninas e eu com os dois meninos.” (Antônio).

Ela (ex-mulher) falou pra mim: se quiser ficar com ele, fica. E eu preferia que ele ficasse comigo, porque eu sei que se ele ficasse com ela, o menino ia sofrer. (Antônio).

Desta maneira, o sentido restrito dos papéis de gênero é gradualmente ampliado para integrarem-se ao contexto real de cada família, onde o que prevalece é a melhor alternativa para o bem-estar dos filhos.

No seu caso, em especial, Carla acredita que o genitor mesmo obtendo a guarda filial, independente de ter ou não ter certas condições, ele não apresenta predisposição em firmar um compromisso integral com a prole, com isso, acabaria por depositar os cuidados dos filhos para outras pessoas.

Um dos elementos preponderantes para a decisão de Carla em ficar com os filhos é o vínculo afetivo estabelecido entre ela e a prole, desta forma, o clima instaurado antes da monoparentalidade, de certa forma, se torna um dos artifícios importantes para a formação da família:

Nas outras coisas, eu também acho que daria certo, eu tinha mais condições ficar com eles; tinha muita amizade em conversar abertamente com eles, então, a gente tinha assim aquele vínculo mais unido de amizade, conversa, participação... eu sempre participava... e eu acredito que isso é importante... Já ele tava muito ausente, geralmente chegava do serviço tava sempre no bar com os amigos, então ele era muito ausente. (Carla).

O ambiente de cumplicidade com os filhos é formado antes que ocorresse a separação conjugal, em contrapartida, ao relacionamento parental que é ausente perante a família, pois, entre outros fatores, passa a maior parte do tempo fora de casa: no trabalho ou no bar.

Carla apresenta uma postura mais independente levando-a a assumir todos os encargos filiais e colocando o ex-companheiro numa situação cômoda ao ponto de após a separação, para que certos compromissos paternais fossem estabelecidos é necessária a intervenção judicial:

O acordo que teve lá no juiz foi que ele daria a pensão, que era muito mínima, muito pouco, que praticamente não ajudava em nada o que dava (ele nem dava) porque era escola, alimentação, roupa, calçado, ai no caso ficou tudo pra mim, eu assumi tudo. (Carla).

A estabilidade financeira fornece suporte para Carla acreditar na sua capacidade de manter integralmente os filhos, mais especificamente, de mantê-los com recursos próprios sem pretensão de contar com o auxílio do ex-cônjuge.

Eu achei que seria capaz de conseguir, porque eu tinha um emprego estável, na época eu já tinha esse emprego, então, quer dizer eu acho que.. eu acho não eu tinha certeza que eu conseguiria manter eles. (Carla).

Cleonice também evidencia uma imagem mais ausente do ex-cônjuge perante a paternidade em detrimento à sua postura materna mais atuante, desta forma, o direcionamento da guarda da prole se mostra embutida no ato da separação conjugal.

Eu que fiquei com os filhos, ele já tranquilamente “para você”, como se diz. Eu acho que ele nem queria, nem pensou nessa possibilidade de falar assim “olha eu vou ficar com os filhos, você vai e eu vou ficar na casa”... não ele nem pensou nisso, ele sabia que simplesmente eu ia pegar os meus filhos e ia embora... eu é que sai da casa. (Cleonice).

Sendo assim, a determinação da matriarca em ficar com os filhos apenas evidencia a condição paterna de comodismo.

Podemos considerar que os genitores que optam em assumir a guarda da prole demonstram ter um impulso que os levam a querer estar com os filhos, lutando pela sua sobrevivência, dando-lhes um lar seguro e aconchegante para sua educação e disponibilizando todo sentimento amoroso favorável ao seu desenvolvimento.

Para César a dor em perder a esposa logo após o nascimento da filha não é o suficiente para fazê-lo desistir dos planos do casal, por isso, decide em criar a filha, mesmo sem a presença materna.

Mas, assim que a tragédia aconteceu, fiquei totalmente perdido, não sabia o que fazer, muitas pessoas ao meu redor me cobravam posições, meus pais chegaram a afirmar que eram eles que iriam cuidar da minha filha, mas não deixei que as opiniões externas me abalassem, pois a decisão teria de vir de mim mesmo. E o que havia decidido fazer naquele momento era que eu não iria alterar em nada os planos da minha esposa, levaria a minha filha para a minha casa. Parecia que a minha esposa havia previsto a tragédia, pois ela já havia organizado tudo para receber a pequena Alessandra lá em casa. (César).

O sentimento da perda da esposa juntamente aos diversos tipos de sugestões e cobranças de comportamento por parte de terceiros, de alguma forma, influe para que César defina uma postura perante a nova situação, com isso, sente solidificada a certeza de não querer privar-se da presença de sua primogênita.

O desejo dos genitores em estar junto aos filhos e a constituir um lar monoparental é intenso, porém, vem naturalmente acompanhado de uma mistura de sentimentos.

Eu olha as crianças, ela tinha três anos e ele cinco anos, então eu olhava neles e falava “eu não vou dar conta!”, eu cheguei a falar pra minha cunhada “você pode ficar com eles, cria eles pra mim porque eu não vou dar conta”, Porque a gente fala isso num momento de muita dor, achar que você não vai conseguir cuidar, depois você para pra pensar e olha aquelas duas criaturas que nem eu olhava neles e falava “poxa vida! Só me sobrou os dois”, então, agora é só eu e os dois. (Raquel).

Raquel expõe a sensação inclusive de impotência diante da responsabilidade em assumir os filhos - ainda muito pequenos (três e cinco anos) - sem a presença do companheiro, chegando a acreditar que outras pessoas teriam melhores condições em desempenhar tais encargos.

A decisão da guarda se torna uma disposição forte, pois, abarca questões que vão além dos cuidados cotidianos que envolvem a participação do casal, afinal, requer a formação de um núcleo monoparental tendo o compromisso integral perante a prole sem que haja a presença diária do outro genitor.³¹

Tais responsabilidades acarretam inúmeras inseguranças no genitor monoparental acionados ao enorme desejo constituir um ambiente familiar que beneficie a prole.

No início tudo parece desesperador, pois, é uma situação completamente nova e tinha a impressão que eu não ia conseguir. Dá uma insegurança danada, quase não dormia quando a Alessandra ficava resfriada ou doentinha. (César).

No início a gente sente assim aquela sensação de certo vazio às vezes a gente fica com pouco de medo de não conseguir aquele objetivo que a gente pretende de dar uma boa educação, o que o filho vai sentir com a ausência do pai. (Carla).

Na hora é um chute no escuro, né. Porque mesmo tendo apoio das pessoas que vem pra te ajudar, você pensa assim que nunca vai ser capaz de dar uma boa educação, isso eu sempre pensava comigo. (Raquel).

Evidenciamos a angústia destes pais em enfrentar uma situação diferenciada da rotina até então vivida, deste modo, paira a dualidade de sentimentos, onde existe o medo do desconhecido em meio a uma realidade concreta que exige atitudes que terão reflexos futuros, principalmente na vida da prole.

³¹ Consideramos família monoparental quando apenas um dos cônjuges encontra-se vivendo (numa mesma casa) com a prole.

De todo modo é preciso assumir nossas limitações, reconhecer que nem sempre faremos todo o bem que gostaríamos, que há momentos difíceis, tempos de dor, circunstâncias tremendas, até mesmo trágicas. A vida envolve tudo isso. Mas até o pior pode ser vivido de uma maneira ou de outra. (ICETA, 1999, p. 08).

Antônio declara não ter medo da nova situação, porém, ressalta certa apreensão referente ao sofrimento do filho.

Medo eu não tive, a gente faz de tudo pra não deixar o filho sofrer... Então pensei que tá entregue pra Deus, ele me olha... meu pensamento era esse 'se Deus quiser nós vence. (Antônio).

As sensações que esse momento traz são inúmeras e podem aflorar independente do gênero dos pais. Mas, o modo com que cada genitor reage ao enfrentamento das diversas situações, depende de uma dinâmica própria.

Na época eu me apeguei muito com Igreja, com Deus... as crianças também me deram muita força, sei lá, eu não sei te explicar o porque que a gente sente essa força, mas eu acho que é mãe. (Raquel).

A intensificação da fé, dos laços familiares e do amor à prole passa a pairar na cotidianidade familiar funcionando como uma fonte de apoio para que os genitores monoparentais enfrentem períodos turbulentos tendo tais motivações como elementos de fortalecimento para que eles não desistam desta caminhada.

É na luta diária, que os pais buscam a maneira mais eficaz para lidar com a responsabilidade da guarda filial juntamente com os sentimentos e as novidades desta formação monoparental:

Eu senti medo, muito medo, medo mesmo, mas eu tinha minha mãe, né, eu me sentia um pouco segura por causa dela, mas eu sabia que a responsabilidade inteira era minha, eu tentava assim trabalhar bastante pra ocupar bem a minha cabeça, eu não gostava de ficar pensando muito em que eu ai fazer, eu falava assim "tá nas suas mãos Deus", e eu vou levando, e as coisas foi acontecendo na minha vida, e tudo aconteceu. (Cleonice).

Demorou bastante para eu me recuperar, foram uns seis meses, durante esse tempo eu não dormia sozinha na minha casa, não é que eu sentia medo, eu sentia uma insegurança. Foi quando eu comecei a falar "eu tenho que acostumar, eu tenho que ir porque eles são meus filhos, eu tenho que seguir, eu não tenho mais marido, mas eu tenho eles pra criar. Sabe, depois vai passando, eu cai na real, ai você aprende a lutar, hoje que eu sou mais segura. (Raquel).

O enfrentamento das vivências emocionais que afloram nessa situação são aspectos importantes na recuperação da família, isto requer, muitas vezes, a revisão das posturas e compreensão das emoções e incertezas para que, aos poucos, ocorram adaptações às novas exigências e um direcionamento do projeto de vida.

Cada genitor monoparental, ao seu tempo, tomam consciência da sua situação emergente e da importância do seu papel como único responsável pela família, com isso, conquistam mais confiança nas próprias capacidades e passam a buscar estratégias para se adaptarem conforme as necessidades familiares reais.

A gente nunca sabe se tá fazendo certo ou errado, você fica com aquele medo, mas você vai em frente, a única coisa que você tem é Deus, que você confia que vai dar tudo certo, e você vai. É tipo uma balança um dia tomba para baixo demais, depois volta, depois tomba para o outro lado e você vai firmando como se fosse um equilíbrio, não tem muito como você dizer, você não sabe nunca se você está fazendo certo ou se tá fazendo errado, vai sentindo, as coisas vão acontecendo e você vai crescendo dentro daquilo ali, você vai amadurecendo, você vai sabendo como fazer, parece que as coisas vão se encaixando. (Cleonice).

[...] quando eu me peguei saindo pra comprar as coisas pra construir a minha casa, a lidar com pedreiro... isso daí me ajudou muito, porque eu cresci. Quando a minha casa tava pronta, que eu entrei nela, aí eu senti que realmente e tinha possibilidade de tocar minha vida sozinha com meus filhos. (Raquel).

É da trajetória que as esperanças e as forças são reativadas mediante ao estabelecimento de uma nova caminhada. Mas, vale destacar que os medos e as inseguranças nunca deixam de existir, contudo, passam a ser calcados numa base sólida do dia-a-dia.

Portanto, com o tempo, os acontecimentos tomam significados mais sensatos, o genitor monoparental vai descobrindo suas capacidades para ministrar a família e criatividade para superar qualquer dificuldade, com isso, eles aprendem a confiar no próprio potencial; no decorrer deste processo, aparece a possibilidade de crescimento engrenado ao amadurecimento que traz a segurança necessária para que possam analisar as falhas e potencializar as conquistas.

5.5 Cotidianidade monoparental

O rompimento da união conjugal traz uma nova situação familiar que requer uma reestruturação do cotidiano já que o genitor monoparental torna-se responsável por todos os cuidados em relação às necessidades dos filhos, os encargos domésticos, além da condução das atividades externas.

Na medida em que relações vivenciais e cotidianas se firmam, estes pais encontram alternativas para adequar às transformações no meio familiar à nova realidade, assim, a rotina vai sendo estabelecida da maneira com que cada um acredita ser melhor para o bem para todos.

A simples presença do filho no relacionamento cotidiano familiar provoca nos genitores diversos sentimentos que vão desde responsabilidade, proteção, amadurecimento pessoal, até o desejo que buscar certa estabilidade financeira.

Desta forma, o trabalho remunerado dos genitores é um elemento fundamental para a manutenção familiar sendo o veículo de sobrevivência e conforto dos membros familiares. Deste modo, existe um esforço por parte dos genitores monoparentais para que a família não enfrente nenhum tipo de dificuldade decorrente dos agravantes financeiros.

Graças a Deus nunca fartou, até hoje também, a gente ganha pouco, mais dá um jeito. (Antônio).

Eu comecei trabalhar um pouco mais, com uma carga horária maior, para que eu pudesse ajudar nos estudos dos filhos. (Carla).

Uma parte financeira minha nunca foi boa, mas depois foi pior, então eu continuava sempre trabalhando, eu trabalhava bastante mesmo [...] O pai deles andou dando um dinheiro, mas depois ele ficou sem trabalho, sem dinheiro, sem nada, aí eu larguei para lá, deixei quieto e isso foi assim olha quanto tempo já faz. (Cleonice).

Nos casos de Carla e Cleonice, o genitor que não convive diretamente no lar, acaba por se esquivar das preocupações econômicas que envolvem inclusive a manutenção básica da prole.

Observamos que principalmente as mulheres entrevistadas ampliam a carga horária de trabalho ou se inserem no mercado para estabilizar o padrão econômico uma vez que existe a falta de apoio financeiro por parte dos ex-maridos.

Raquel havia interrompido o trabalho após ter seu primeiro filho, com a morte do esposo teve que buscar um recomeço profissional para assim atender as necessidades concretas da família.

Então eu não sabia o que fazer... eu pensava “como é que eu vou conseguir alguma coisa?”, ai que veio o pensamento de continuar com as jóias, porque meu marido também era ourives, ele fazia jóias, então, eu continuei por um bom tempo, uns seis anos eu continuei nesse ramo, ele deixou muita jóia,... ai eu vi que eu podia continuar pra poder recomeçar a minha vida. Mas isso demorou uns meses, mesmo com os cheques caindo no banco eu sabia que eu tinha que enfrentar, mas eu ia protelando, depois de uns seis meses que eu acho que me reergui, que eu comecei a querer sair de casa pra trabalhar, pra fazer as coisas. Com o dinheiro eu fui repondo o que faltava e fui tocando, até eu entrar nesse emprego atual. (Raquel).

Com o passar do tempo Raquel entende a real complexidade do que havia ocorrida na sua vida, assim, ela enxerga possibilidades aonde até então não tinha visto.

De alguma forma, a situação de monoparentalidade requer algum tipo de alteração no emprego, sempre em prol da família.

Quando ela saiu de casa a primeira coisa que eu fiz foi trocar de profissão, eu era mecânico de indústria de uma usina, ai eu fui servir pra segurança, porque se eu trabalhasse a noite podia ficar de dia em casa pra ficar mais tempo com os meninos e a noite eles estariam dormindo. (Luís).

Até então, a minha vida profissional era muito mais atribulada que hoje, mas havia decidido que queria a minha filha perto de mim e estava disposto a sacrificar meus afazeres profissionais, mas teria de dar um jeito de cuidar de minha filha e ao mesmo tempo ser o dono de uma empresa, assim, contratei uma babá para ficar full-time em casa e decidi abrir um escritório perto da minha casa para que pudesse atender somente às minhas necessidades profissionais. (César).

Estes pais passam a organizar suas rotinas de trabalho a partir dos cuidados adquiridos ao se responsabilizarem pelos filhos. Deste modo, de acordo com as possibilidades postas a cada realidade familiar, os monoparentais paulatinamente encontram alternativas para conciliar os cuidados com os descendentes aos seus outros encargos, principalmente ao trabalho externo.

Luís para dedicar-se mais aos filhos tem de reestruturar profundamente toda sua rotina ao ponto de ocorrer uma mudança de profissão, horários e até uma alteração orgânica: “A mudança foi essa mesmo, foi mudar de profissão, de comportamento e de trabalho;

trabalhava de dia, tinha outro sistema de vida ai teve que mudar... mudou até o organismo da gente.”

Para ter uma participação mais ativa na vida da filha, César também tem de adaptar sua antiga rotina de trabalho: diminuindo a intensidade e transferindo seu escritório para mais próximo do lar, além de solicitar uma pessoa para auxiliá-lo no período em que está fora de casa.

Antônio é pedreiro e não tem emprego fixo, porém, por muitas vezes sentiu dificuldades para conciliar seus horários aos encargos com o filho, pois, por questões financeiras não tem como disponibilizar o trabalho de um profissional para auxiliá-lo com a prole, assim, dentro de sua realidade, encontra soluções para conciliar suas responsabilidades:

Dependendo o serviço, quando ele (filho) era mais novim eu levava junto comigo depois da hora do almoço, por não ter com quem ele ficar. Eu explicava como que é a situação e que eu não tinha com quem deixar... eles (patrões) me autorizando, ai eu levava ele, levava uma roupa pra ele dormir, ponhava uma cobertinha, pegava uma garrafa de leite com café, então quando ele dava sono, ponhava ele lá na sombra e ele ia dormir.

Para não perder o meio de sustento familiar, quando possível, Antônio estabelece um acordo com os patrões para que haja uma autorização dele levar o filho para o trabalho em horário inverso ao da escola do menino, entretanto, nem sempre tal alternativa é viável sendo assim, o genitor recorre ao apoio dos familiares:

Agora quando eu não posso levar ele junto eu tenho que deixar ele na casa de outra pessoa, mas minha filha (que já é casada) tá morando longe, não tem ninguém pra cuidar ele e vai ficar difícil, até pra trabaia vai ficar difícil agora; ainda tem a escola, vai ficar difícil agora.

Conciliar o trabalho externo aos cuidados dos filhos não é tarefa fácil, por isso, estes pais podem identificar certas dificuldades, mas, que ao longo da cotidianidade vivenciam experiências que os levam a solucionar de alguma maneira os obstáculos.

Para serem pais integrais é necessário que hajam conseqüências práticas: levar ao médico, freqüentar reuniões de escola e serem o provedores econômicos. Deste modo, o horário de trabalho também pode dificultar os genitores monoparentais a atender todas as atribuições que os cuidados com a prole requer, como por exemplo, participar de reuniões escolares ou acompanhamentos médicos.

Sempre eu tive que fazer, então, eu fazia um acordo com o chefe, faz uma mudança de horário para que acontecesse de levar um filho num médico, participar de uma reunião de escola... eu procurava sempre participar. Eu sempre gostei de participar da vida dos meus filhos, perguntar as coisas, eu gosto de saber como foi o dia, como estava lá na escola... e eu não me sentia sobrecarregada com isso. (Carla).

Eu sempre olhava caderno, eu sempre ia na escola, em todas reuniões que dava, quando não dava pra eu ir nas reuniões por causa dos horários do meu serviço, eu iam em outro horário, a diretora já até me conhecia, ela falava “essa mãezinha mãe veio porque ela não pode, mas ela sempre vem”, ela sempre tava falando de mim. (Cleonice).

Sou eu quem acompanha as reuniões escolares e sempre estou em contato direto com a professora e a diretora da escola. (César).

Eu participava da reunião escolar, acompanhava o estudo dos meninos, porque eu trabalhava de noite, então eu ia. (Luís).

Eu precisei levar meu filho no médico em outra cidade, e eu ligava pra um ligava pra outro, ninguém podia, não tinha ninguém pra levar. Pensei “seja o que Deus quis”, coloquei ele no banco de trás do carro e fui, depois disso daí, nunca mais... me virei sozinha. (Raquel).

Carla apesar de dizer sempre ter sido responsável por estes acompanhamentos, quando necessário flexibilizar seu horário de trabalho para atender tais compromissos, contudo, atesta não sentir-se sobrecarregada porque ela gosta de participar da vida dos filhos.

Outros genitores optam em manter contato direto com o círculo escolar para assim acompanhar constantemente o desenvolvimento da prole. Quando não é possível conciliar o horário de trabalho, estes pais buscam horários que estejam ao seu alcance.

Todos os genitores demonstram ter uma participação ativa e um grande comprometimento com o acompanhamento integral dos filhos, já que este também é uma das suas responsabilidades.

Desta forma, a preocupação maior é com o desenvolvimento da prole, apesar de todas as atividades se tornarem fundamentais para o andamento familiar. Cleonice revela que tais competências adquiridas requerem certas mobilidades por parte dos genitores para lidarem principalmente com o comprometimento em relação aos filhos e a necessidade de realização das obrigações externas.

Você tem que ter um jogo de cintura, eu sempre pensei assim eu tinha minha obrigação lá fora, mas eu tinha meus filhos que eu tinha também que cuidar, eles precisavam de mim; é igual eu por um filhos na escola e abandonar ele lá, não ia resultar em nada. (Cleonice).

Mas, de alguma forma os monoparentais encontram auxílio de outras pessoas para conciliar com o trabalho externo as suas outras atribuições.

Cleonice relata contar com o apoio da mãe, que mora perto de sua residência, para que as regras cotidianas sejam cumpridas: cuida para que os netos não fiquem na rua.

Minha mãe ajudou muito assim com coisa de rua, deles ficaram na rua, eu pedia para ela por eles para dentro, no horário. (Raquel).

Raquel encontra apoio na sogra para assim poder conciliar o trabalho aos cuidados dos filhos, principalmente enquanto são pequenos: “Até então pra eu trabalhar eu tinha que deixar meio período com a avó. Então, a ajuda que eu tive foi da avó paterna, sempre foi ela, e até hoje se eu precisar.”

Esse apoio recebido é importante para que os pais paulatinamente enquadrem sua rotina de trabalho e compromisso com a prole de acordo com a realidade e as condições, de certa forma este auxílio é inserido na rotina da família.

Supomos que esta ajuda é prestada apenas pelas pessoas que têm uma ligação forte com a família, onde o rompimento não é previsível.

Eu pude desenvolver um pouco mais as minhas atividades profissionais que exigem viagens, depois que a minha namorada passou a nos apoiar, ela fica responsável por a atividade de buscar e levar minha filha na escolinha por exemplo, posso dizer ela tem participado muito de nossas vidas... E, graças a Deus, as duas se dão muito bem. (César).

César também em alguns momentos, necessita do apoio da sua namorada – atual esposa - para os cuidados com a filha, em especial, nos períodos em que precisa se ausentar temporariamente devidos aos encargos do trabalho, nestes momentos, ele solicita apoio de alguém mais íntimo e familiar.

Antônio demonstra a existência de uma cumplicidade das pessoas que fazem parte do seu círculo de relacionamentos para que ele possa realizar suas atividades externas.

Se for ver minha primeira mulher gosta mais dele (o filho mais novo) do que a própria mãe dele. Sábado ela me falou: “Se precisar, se você arrumar algum serviço fora, pode deixar ele aqui que eu olho ele”... Agora o outro meu filho, o casado, vai morar no fundo de casa, ai vai ficar mio ainda, porque ele gosta dele demais. (Antônio).

Os laços afetuosos e de confiança que o filho mais novo estabelece com os irmãos e a ex-mulher do pai chega a ser maiores do que com a própria genitora do garoto. Em contrapartida, Antônio não encontra uma fonte de apoio e de confiança para o estabelecimento de laços mais firmes com a mãe do seu filho caçula.

É importante observamos que este apoio é solicitado apenas às pessoas do círculo de convivência da família monoparental, ou seja, pessoas que estabelecem um relacionamento de confiança com o núcleo familiar, além de uma relação afetiva com a prole.

No entanto, mesmo que estas famílias monoparentais recorrem a outras pessoas para auxiliarem, de algum modo, ou nos cuidados dos filhos ou em outras das suas funções, ou mesmo que os genitores apresentem uma posição econômica melhor, e que eventualmente possam disponibilizar de mais recursos, seja como for, eles participam ativamente dos cuidados com os filhos.

Eu conheço um jogador do São Paulo que tem uma história um pouco parecida com a minha, só que ele tem dinheiro pra contratar babá e empregada, no meu caso eu tive que me virar sozinho sem ajuda de ninguém, mas a história de abraçar a responsabilidade dos filhos e cuidar é a mesma.... Quando ele tinha que viajar pagava uma babá pra olhar os meninos, mas todo tempo que ele tinha livre era pra ficar com os filhos, igual a eu. (Luís).

Os encargos com a prole passam a ser uma atribuição constante do dia-a-dia dos genitores monoparentais, e, independentemente da situação, eles não deixam de participar ativamente de todo o desenvolvimento familiar.

Aos poucos, a prole cria certa autonomia em relação aos seus próprios cuidados, facilitando inclusive a sobrecarga dos genitores.

Quando eu tava vendendo jóia eu deixava a manhã livre, na época eu não tinha ninguém que me ajudava, eu me organizava pra na ficar o tempo todo mexendo com casa porque se não, não ia dar tempo de ficar com eles. porque eles ainda eram pequenos, eu tinha que dar atenção, eu tinha que auxiliar no banho. (Raquel).

Raquel também expõe que algumas alterações na rotina é modificada conforme os filhos se tornam mais velhos:

Agora do ano passado pra cá, eles estudam a tarde. Então, eu saio pra trabalhar eles ficam em casa, quando dá um certo horário eu ligo acordo os dois, quando tem tarefa faz quando não, então, deixa quase tudo arrumado, toma banho que daí a pouco eu chego pro almoço. (Raquel).

Observamos que os filhos conquistam mais autonomia no sentido de ter que estar com a presença maior de um adulto com eles, contudo, a figura do genitor ainda é fundamental para que a rotina seja seguida em prol deles próprios, ou seja, existe uma dependência em torno do genitor para o estabelecimento de regras, contudo, estas são cotidianamente construídas em conjunto.

Os pais dependem dos horários e das atividades dos filhos. Ninguém ignora ninguém. Há um jogo de atenções. Há manifestações de interesse que criam uma sadia e necessária dependência. Essa dependência não diminui, mas enobrece, ajuda e fortifica a vida de uns e de outros. No fundo uns contam com os outros. (GUIMARÃES, 2000, p. 36).

Mas, vale observar que as adequações também são estabelecidas conforme a idade da prole, ou seja, os menores requerem uma atenção maior para seus cuidados básicos, todavia, mesmos os filhos adquirindo certa autonomia é necessária a edificação de outras normas:

Eles não gostavam na época porque quando dava quatro hora, cinco hora eu colocava eles pra dentro, trancava o portão, trancava a casa e ficavam dentro de casa, até hoje quando eles jogam bola eles fala, pó era só nois começa a quere joga bola o pai colava nois pra dentro que dava essa hora que o sol ia quietando... mas era assim. (Luís).

No inicio os dois eram adolescentes não trabalhavam, era aquela preocupação minha com o estudo, ver eles progredirem na vida. (Carla).

Apesar dos filhos de Luis conquistar a maior idade, ainda existe um envolvimento do pai quando constata que há uma extrapolação das normas de funcionamento dispostas no lar: “eu tô pegando com eles, porque muitas coisas eles fazerem por conta deles, ai faz a hora que quer.”

Notamos que independente da idade da prole o genitor sempre está na função de responsável, com isso, a relação de cuidado significa um compromisso na qual todas elas estão envolvidas.

Além das preocupações referentes à prole também é necessário os genitores realizarem outras atividades práticas dispostas no cotidiano, para assim atender variadas necessidades da família, contudo, sempre contemplando os cuidados com os descendentes:

Eles iam pra escola de manhã, eu já levantava, deixa eles na escola e ia trabalhar. Na hora do almoço eu pegava eles na escola, levava eles pra casa, dava o almoço e arrumava tudo, quando eu voltava pra trabalhar eu deixava eles na avó, depois do trabalho eu pegava eles e ia pra casa. (Raquel).

Então fui servir pra segurança pra ficar em casa de dia com eles, por que se fosse de dia pra ir pra escola mesmo que eu tivesse dormindo mais naquele horário eu acordava levava eles na escola. (Luis).

Enquanto eu ia trabalha, os meninos iam pra escola, deixava a cumida deles arrumada. Chegava tarde também já fazia a janta. A mesma coisa com o mais novo, eu levanto cedo arrumo a roupa dele, lavo a cozinha, lavo tudo, deixo tudo prontinho e levo ele pra escola. (Antônio).

A organização das atividades domésticas vai sendo disposta como parte integrante da rotina familiar. Aos poucos, os monoparentais vão estabelecendo modos de funcionamento para que todas as suas atribuições sejam realizadas.

Sou o responsável por cuidar da casa, as compras da casa, limpeza do quintal, cozinhar (à noite e nos finais de semana), lavar loças , lavar roupas (de vez em quando). A faxina da casa, lavar e passar roupas ficam sendo atividades da empregada. (César).

Mesmo que César conte com o auxílio de uma profissional, notamos que existe um compartilhamento deste afazeres do lar, sendo que ele também tem suas obrigações.

De acordo com suas realidades, os genitores buscam apoio para se adaptarem a rotina de um lar monoparental, com isso estabelecem regras de funcionamento onde possam adequar o trabalho doméstico:

Hoje na minha casa tem quem faz, mas, os dias que ela não vai, lá em casa tem suas regras. (Raquel).

As famílias dos setores com maior formação escolar e rendimentos mais elevados, logo que podem, pagam pela execução do maior número possível de tarefas domésticas, continuando, contudo, a assumir todas as responsabilidades maiores. Já os genitores com menores rendimentos e menores qualificações podem ter uma maior sobrecarga do desempenho das tarefas domésticas e da responsabilidade dos cuidados com os filhos, todavia, podem ter o auxílio de outras pessoas para a realização das atividades domésticas.

Antônio atualmente conta com a ajuda da nora (que mora nos fundos de sua casa) para ajudá-lo com alguns afazeres:

A única coisa que eu faço, só lavo a roupa dele (do filho), as vez passo. A roupa é eu que lavo, sempre gostei de lavar roupa. A roupa dele e a minha, sempre eu lavo.

Em geral, as mulheres antes a monoparentalidade já possui um histórico de maior contato com os encargos domésticos, por isso, os inserem habitualmente na sua prática cotidiana.

Deste modo, a maior dificuldade é conciliar o manejo de tais atividades num menor espaço de tempo, uma vez que, o horário de trabalho, em geral, se torna ampliado.

Eu não senti nenhuma dificuldade no serviço do lar, porque eu já fazia; no início o que sobrecarregou foi porque eu tive que fazer uma carga horária maior, ficar mais ausente. (Carla).

A dificuldade maior de Carla não é a realização prática das tarefas domésticas, mas sim, adaptar tais atribuições do lar ao horário do trabalho externo – que se eleva.

Antônio também demonstra não ter encontrado dificuldades com as tarefas do lar, pois, já havia tido contatos quando auxiliava sua mãe.

Desde quando minha mãe era viva, eu sempre ajudei... Então, eu acho que não teve dificuldades, pra mim tá normal, acostumei tanto; porque a casa era eu que cuidava... ai já fui acostumando. (Antônio).

Apesar de alguns destes homens já terem adquirido certas experiências anteriores no trabalho do lar, é quando se tornam monoparentais que estes encargos se firmam como um compromisso freqüente inserido na rotina familiar.

[...] a minha mãe nos fazia cuidar da nossa casa quando pequenos, e isso me ajudou nestas ocasiões. É claro que vivo sempre aprendendo novas coisas, principalmente na cozinha, pois é o meu ponto fraco!. (Carlos).

César e Antônio relatam que o contato anterior, na família de origem, com os afazeres do lar é um fator positivo que facilita a experiência vivenciada enquanto monoparentais. Entretanto, tais contatos se restringiam apenas a algumas atividades do lar, por isso, é no decorrer da prática que muitos conhecimentos são adquiridos.

Conforme as necessidades de cada famílias, os pais buscam aprendizagens, auxílios e formas para adequarem suas obrigações do lar ao seu estilo próprio.

Esse negócio de cozinha uma carne, fazer um arroz tive que aprender, mas até que eu gostei da brincadeira. Não sei se faço certo ou errado, mas ninguém reclama, ninguém passa fome. (Luís).

Com maiores ou menores facilidades e com ou sem experiência anterior, o fato é que as tarefas domésticas tornam-se elementos presentes da vivência habitual, com isso, é na cotidianidade que estes pais conquistam certa desenvoltura para lidar com tarefas rotineiras possibilitando assim que descubram suas diversas habilidades.

Mas, mesmo que os homens não tenham tido nenhum tipo de prática com as tarefas domésticas, eles têm capacidade de desempenhá-las de forma satisfatória no trato diário familiar e até adquirem certo apreço por realizá-las.

Antônio demonstra a potencialidade masculina perante as necessidades dispostas na vida prática, sendo assim, a habitualidade com os encargos domésticos vão além de questões biológicas para assentar-se no condicionamento diário, ou seja, é no dia-a-dia que ocorrem aprendizagens referentes às tarefas do lar.

Se o homem tiver que fazer, ele consegue, vai um pouco também da criação, o homem tem que aprender a lavar roupa, a passar roupa. Se não tiver quem faiz ele ia fazer. Eu sempre fiz, já tô até acostumado. (Antônio).

Independente do contato anterior, ou do sexo do genitor, as atribuições do lar se tornam rotineiras para os monoparentais que, de um modo geral, passam a valorizar tais hábitos domésticos como sendo de responsabilidade também masculina; com isso, preocupam-se em transmiti-los aos filhos.

Sou machista em outros sentidos, mas sobre essas coisas de cuidar da casa não, eu ate acho normal. Eu sempre falava pra eles não fique nervoso não, de limpar o banheiro, limpar a casa porque nas firmas nós tinha faxineiro e cozinheiro homem também. (Luís).

Ele (filho) teve uma postura diferente do pai que não ajudava nos serviços de casa, eu acho graças a educação que eu dei conversando muito com ele, mostrando pra ele que apesar do pai não fazer, não tinha nada ele fazer, porque um homem que ajuda no serviço do lar ele não vai deixar de ser homem. Então, meu filho não teve nenhum problema em fazer as atividades do lar, porque eu eduquei ele da seguinte forma, que eu acho que o serviço doméstico, do lar, ele é um serviço que tanto o homem quanto a mulher pode fazer, desde que a mulher tenha que sair fora para trabalhar, para ajudar no orçamento, na melhoria dos filhos, então, eu acho que é normal que o homem colabore em casa, mesmo o filho homem. (Carla).

Se alguém falar alguma coisa só porque eu faço serviço de casa, não dou nem bola, isso não faz diferença. Isso daí eu ensino pros meus filhos, tem que aprender fazer as coisas porque quando crescer não vai ter eu, não vai ter mãe, as vezes pode casar e não dá certo, mas se um dia você precisar lavar uma roupa, fazer uma comida é bom aprender desde pequeno. (Antônio).

Luis apesar de se caracterizar machista não considera o trabalho doméstico função exclusiva do sexo feminino, inclusive demonstra para os filhos que atualmente é comum os homens ocuparem cargos antes direcionados às mulheres e que isto abre um leque de possibilidades masculinas para o trabalho.

Para Carla o filho tem uma postura diferenciada do pai, ou seja, mais flexível no que se refere as atividades do lar, ela acredita que a educação disponibilizada por ela é fundamental para que o garoto visualize a igualdade entre os gêneros.

Na fala de Antônio constatamos uma preocupação dele em incentivar o contato dos filhos com o trabalho doméstico, de forma a eliminar quaisquer resquícios de preconceitos e fornecer suporte para uma preparação futura da prole – já que considera as tarefas do lar positivas ao desenvolvimento da autonomia filial.

Os pais monoparentais têm a preocupação de envolver os filhos no dia-a-dia familiar, ensinando-lhes a lidarem com as tarefas domiciliares que, por sua vez, passam a fazer parte da rotina não somente do genitor como também da prole.

Desta forma, os filhos vão participar diretamente da rotina doméstica – colaborando com as tarefas do lar ou outras responsabilidades:

Na época era dividido, um limpa a casa, lavava a louça, até que então minha filha foi fazer faculdade fora, aí foi aquela divisão entre eu e meu filhos, ele colaborou muito, até que ele não estava trabalhando, ele praticamente assumiu os deveres de casa... cuidava da casa, fazia almoço, janta, ele cuidava dos afazeres, praticamente ele assumiu esses afazeres até que eu estava trabalhando fora. Ele percebeu e achava que não era justo eu estar trabalhando numa carga horária grande e ele ficar em casa sem fazer nada, sem colaborar comigo, então, essa iniciativa partiu da parte dele. (Carla).

Durante o dia eu tava em casa, fazia comida, aí eu fui ensinando os mais velhos a fazer também. Eles mesmo é que fazia as coisas: limpava banheiro, limpava a casa. Agora que eles estão crescidos, tudo agora eles se viram, normalmente sem problemas, até hoje. (Luís).

Eu tento manter a ordem com eles, pra não perder isso. Então eu falo para meus filhos: numa semana um arruma os quartos, porque eu gosto que levanta e arruma os quartos, e o outro lava o quintal por causa da sujeira da

cachorra, então é sempre tudo dividido, eu sempre ponho os dois pra me ajudar em casa, eu nunca falo pra menina fazer e o irmão não, é os dois... Às vezes ele acaba fazendo mais coisas do que ela. (Raquel).

Inicialmente existe uma centralização no genitor para o direcionamento das tarefas, contudo, os membros familiares vão compreendendo a importância de todas as atividades que são estabelecidas equiparadamente entre os irmãos, e paulatinamente ocorre uma coesão interna para que a rotina seja edificada a fim de atender os interesses comuns.

“O importante é que a criança perceba que é útil e que faça o que lhe é pedido porque conseguiu compreender que há necessidade de tal atividade. Assim ela adquirirá capacidade de iniciativa.” (ABBADE, 1985, p. 27).

Deste modo, no decorrer da cotidianidade, os filhos passam a inserir, de acordo com suas possibilidades, contribuições diárias, estas se tornam grande utilidade para o funcionamento familiar.

A contribuição dos filhos se torna essencial para que o genitor possa firmar uma base de funcionamento familiar calcadas no espírito de colaboração e mutualidade, assim, pais e filhos encontram alternativas para que ocorra uma fusão satisfatória entre todas as obrigações familiares.

Os filhos manifestam desejo de dar sua colaboração para que a casa funcione, os serviços se realizem, para que uns e outros também possam descansar. Numa família unida e bem constituída há uma distribuição das tarefas para o bom andamento do conjunto. (GUIMARÃES, 2000, p. 103).

A rotina intensa dos genitores afeta a prole que, muitas vezes, também têm seus hábitos modificados em prol das atribuições auferidas pelo genitor e vice-versa, mas, tais alterações podem ser um símbolo de crescimento, transformação e positividade.

Ai mudou assim aquela rotina: a divisão do serviço de casa, porque ai aumentou a carga horária, meus filhos me ajudaram bastante. A participação mesmo deles teve uma mudança, porque teve que me ajudar mais em casa, colaborar mais. (Carla).

Os filhos passam a compartilhar dos afazeres do lar ou até mesmo com o orçamento familiar, com isso, dão contribuições importantes na nova estruturação da família, reduzindo e auxiliando os encargos do genitor no dia-a-dia familiar.

Quando os meninos eram menor eu pedia para eles me ajudar, eu falava pra limpar um banheiro, lavar louças, esticar um lençol, pra ficar mais fácil para mim, mas logo eles começaram a trabalhar, agora nós divide tudo, chega final de mês é tudo dividido, tudo, tudo, tudo, água, luz, telefone, se eu compro alguma coisa é tanto, tanto de alguém. (Cleonice).

A começar por algo tão pequeno quanto participar da vida do lar, os filhos aprendem a contribuir com o que pode em prol do família, engrenando laços de compromisso e união com o genitor no qual todos se sentem envolvidos em tudo que diz respeito ao núcleo familiar, construindo assim um relacionamento que será carregado por toda a vida e sua importância nunca apagará.

5.6 Genitor monoparental e genitor que não detém a guarda filial: relacionamentos e perspectivas

Os filhos necessitam de cuidados especiais com sua saúde, higiene, alimentação, proteção, educação, principalmente quando são crianças, e todos estes encargos, em geral, são supridos cotidianamente na dinâmica familiar.

Sendo assim, as pessoas da família compartilham com a criança ou adolescente aspectos relativos a sobrevivência, anseio, valor, conhecimento, habilidade, integrando-a aos conhecimentos e habilidades do seu grupo social.

Os pais são os membros que naturalmente fazem parte do meio familiar e servem de parâmetros para a formação da prole.

“Desenvolvemos então uma relação íntima e especial e que irá demarcar todo tipo de influências integrantes entre adulto responsável (pai ou mãe) e o filho.” (MIELNIK, 1993, p. 4, destaque do autor).

Com isso, a presença efetiva dos genitores é de grande importância para o desenvolvimento dos descendentes, sendo a figura de cada um deles um referencial (positivo ou negativo) de identificação que norteia os filhos no decorrer da vida.

Então eu acho que o pai é importante, que faz falta sim. Não adiante tampar o sol com a peneira – que nem o pessoal fala – que faz falta sim. (Raquel).

Quando eu discutia com ela e ela comigo, por causa do menino, em vez de dá carinho pro menino, ela batia, ai já era a hora que eu discutia com ela. (Antônio).

Um pai é importante, porque eu senti muita falta do meu pai, eu fui criada sem o pai desde os 10 anos, e eu senti muita falta do meu pai, muita mesma, me acostumei como eu tô te falando a gente se acostuma, mas a gente sente, mas eu acho muito importante a presença dos pais dentro da casa, mas quando ele é um homem de acordo, né. Se não tem uma harmonia no casal com a família atrapalha a criação dos filhos, ele só atrapalha, porque o homem em vez dele te ajudar a criar seus filhos ele vai ensinar eles ter mais vícios, a maioria de homem bebe, fuma, trai a mulher pra rua e os filhos acham normal, então ao invés dele dar bons exemplos, fica pior a situação, então eu acho importante, mas quando o cara, o casal tem um ritual bom, de casamento, de harmonia e de amor, porque é amor né, o casamento tem que ter amor, o respeito e quando essas duas coisas não tem... o casamento atrapalha mesmo os filhos. (Cleonice).

Eu acredito que para o filho é importante a presença do pai, ter um pai e uma mãe junto, ter um pai ali presente, mas também do outro lado, tem aquele outro problema que se também for pra ficar ali vendo briga, essas coisas, eu acho que o filho também aceita bem a separação... ai sim, pode ser prejudicial aos filhos, está ai brigando, brigando, e os filhos vendo cenas assim e acho que é prejudicial. Mas claro que eu acho importante a figura de um pai para os filhos. (Carla).

Observamos que os genitores, especialmente as mulheres, declaram a importância do outro genitor, sendo assim, a ausência é algo que marca os filhos, contudo, elas também expõem que a presença do pai (ou mãe, no caso de Antônio) pode ser um fator prejudicial quando este não colabora para a harmonia familiar.

Meu filho mais velho falou pra mim “eu seria uma pessoa revoltada, porque meu pai é sem acordo, meu pai acha que tudo tá certo, é só as coisas que ele fala que ele faz. Se ele tivesse seria bem complicado, principalmente porque os dois filhos é homem, ia ser bem mais difícil, porque eu e meus dois filhos, a gente se dá muito bem, a gente tem uma vida bem tranqüila, entre eu e eles, porque eu procuro ser bem agradável com eles, conversar bastante sobre tudo. (Cleonice).

No meu caso, eu acredito que seria prejudicial se ele (pai) tivesse em casa, porque não é bom o filho ficar vendo discussões, brigas, agressões, porque, isso não é bom pra uma criança, um filho, mesmo um adolescente, então, eu acho que estraga o psicológico da pessoa, ele vai ficar mais revoltado, às vezes vai ficar rebelde e realmente ai iria atrapalhar a educação que eu dei para eles. (Carla).

De qualquer forma, é inegável que tanto o pai quanto a mãe são figuras igualmente importantes, que podem se tornar complementares no espaço familiar e no desenvolvimento da prole, entretanto, nem sempre é possível pai e mãe vivenciarem uma relação conjugal, ainda mais quando esta é conflituosa.

Na dissolução concreta da conjugalidade, contudo, a parentalidade e a tutelaridade deve ser preservada. Por isso, é atribuição de ambos os pais zelar pela permanência das relações.

Para que isso possa ocorrer com sucesso, é preciso que mágoas antigas tenham sido compreendidas e acomodadas pelos genitores para que possam manter um relacionamento respeitoso, pois, onde ocorra a co-participação na criação dos filhos, sobretudo quando estes são crianças ou adolescentes.

“O casal separado e com filhos necessita melhorar seu relacionamento, mesmo após a opção pela separação, pois, terá de decidir sobre muitos eventos com os filhos, além de criar condições para debater temas relacionados a sua educação.” (DIAS, 2001, p. 49).

Eu achava que muitas coisas tinha que ser o pai... pra falar, quando eles começaram a ficar mocinhos, Eu achava que era o pai deles que tinha que cuidar dessas coisas, apesar que hoje eu não tenho mais dessas coisas, eu comecei a falar abertamente, mas eu acho que o homem, aquele presença masculina é importante as vezes, pra esse tipo de coisas. (Cleonice).

Mas, pela posição omissa do genitor, com o tempo, Cleonice se posiciona para atender inclusive as necessidades de explicações naturais da idade.

Chegou a acontecer coisas graves na minha família, na adolescência com o meu filho mais novo. Até um dia eu cheguei pra ele e pedi pra sentar com o filho e explicar, conversa com ele, quando eu ouvi a conversa depois que ele saiu eu falei que não queria mais, eu falei pra ele “se fosse pra você sair da minha casa pra chegar aqui e falar pro meu filho que se fazer de novo você não tá nem ai, isso ele já sabe”, então, não adiantou nada, então nunca mais. Inclusive as vezes acontece alguma coisa e ele fala “porque você não me falou”, mas ai já passou, já resolvi, porque eu acho que ele não resolve muito. (Cleonice).

Acontece muitas vezes dos pais serem engolidos pelos ressentimentos de um em relação ao outro e a decepção em torno das expectativas que esperavam dos genitores, mesmo após a separação. Assim, paulatinamente reorganizam sua vida a sua maneira, assumem o pleno controle da criação dos filhos com frequência “afastam” a influência do cônjuge, até mesmo por ocorrer incoerências na educação e na disciplina, disponibilizada pelos pais.

Isso daí agente acostuma, no começo a gente fica pensado, mas depois eu comecei a por na cabeça deles que era eu e ele, daí quando acontecia alguma coisa eu falava “eu não vou chamar teu pai porque é eu e vocês que vai resolver, não vai ser com o pai porque mora eu e vocês dois”. Até hoje eu ponho muito isso neles, “é eu e vocês dois” nossa casa é três pessoas, o que tem que resolver vai ser nós três. Então, eu fui acostumando com isso, é difícil, mas acaba costumando que é você que tem que resolver. (Cleonice).

Alguns destes pais monoparentais podem acreditar, em certos momentos, que é o único digno de poder exercer sua função, apagando a participação do outro.

Eu nem deixo ele com ela não, nem quero deixar. Deixo ele fazer uma visitinha, agora falar assim eu vou cuida, ela não cuida, ela não cuida dele não. (Antônio).

Antônio, por vezes, sente-se como o único capaz de cuidar do filho, com isso, ele é quem toma decisões em tudo o que lhe diz respeito ao relacionamento do descendente com a genitora, pois, aparentemente aos seus olhos ela não apresenta interesse, por isso, é desqualificada nos cuidados diários.

Contudo, estes pais não podem projetar todos os seus sentimentos negativos no outro, ou simplesmente neutralizar sua existência, ao contrário, eles devem trabalhar interiormente os inúmeros sentimentos em relação ao ex-cônjuge para que isto não afete a qualidade do relacionamento entre mãe e filho e não acentue ou configure os conflitos entre eles.

Os monoparentais estão presentes no cotidiano do filho e seu juízo em relação ao outro genitor pode influenciar o filho na construção de uma determinada imagem parental, desta forma, os efeitos da interação destes com o filho são significativos – obviamente que a interação entre os ausentes também é um fator contribuinte.³²

O ideal é falar do ausente de maneira objetiva, sem mentir, sem enfeitar nem denegrir, sem amor ou ódio em demasia, é fazer a criança captar a verdade humana do genitor afastado; sem apresentá-lo como vilão ou idolatrá-lo como herói.

Deve-se falar de seu aspecto físico, de sua profissão, de sua maneira de ser, suas preocupações, defeitos e qualidades. Contar as circunstâncias da separação ou da morte, sem falar de forma pesada. (GARBAR; THEODORE, 2000, p. 150).

Então, pra eles foi difícil eu explicar, eles eram pequenos. Então, pra eles eu tive que ir trabalhando isto; depois de cinco dias que ele morreu que o meu filho se tocou que aconteceu alguma coisa com o pai, então, brincando eu com ele, ele olhou pra mim e falou “mamãe, o papai morreu?”, eu acho que ele foi ligando uma coisa com outra o que os outros falavam, foi ai que eu fui contar pra ele que o pai morreu, que o pai não voltava mais. (Raquel)

³² A existência da mãe ou sua simples presença suscita reações diversas no filho, por isso, a atitude emocional da mãe e seus afetos - os sentimentos vivenciados pela mãe e seu conflito - reflete no comportamento do filho, que capta tal conduta.

Contudo, é importante evidenciarem momentos em que o outro estava presente. Nos casos que há o falecimento de um dos genitores, observamos que ocorre um empenho mais significativo dos pais em ativar as lembranças do ausente.

É muito difícil lidar com a falta da mãe. Sempre fiz questão de dizer a ela que a mamãe dela não está mais conosco, que está no céu com o papai do céu. (César).

Eu sempre falei pra ele “o papai, bem, ele sempre te amava muito” então eu sempre tentei não deixar ele esquecer a figura do pai. As vezes ele vem me abraçando eu já sinto que ele quer falar do pai. Ai eu que toco sabe: “você quer falar do papai?”. Ele: “eu quero mãe”. “então pode falar, você tá com saudade?”. “Eu tô mãe”. “Ele também tá com saudade de você, porque tudo que a gente passa aqui, papai está sempre presente, sempre junto com a gente, ele nunca vai abandonar a gente”. Então eu sempre tentei passar isso. (Raquel).

Carlos que é viúvo procurou desde cedo falar com a filha sobre a ausência da mãe. Raquel se mostra como o principal elo entre a prole e o genitor.

Ele pensa assim “quem vai poder falar as coisas do meu pai é minha mãe”, então, ele se apegam ali, né. Só que ele é uma criança fechada, então, você tem que saber lidar com ele, porque você tem que perceber o que ele quer. (Raquel).

Todavia, isto exige uma grande disponibilidade que o adulto, fragilizado pela separação ou pela culpa é um amadurecimento conquistado a cada dia.

Eu nunca cheguei e falei assim pro meus filhos “não conta com seu pai”, não, eu deixava assim quieto; até muitas vezes eu fui criticada, porque eu nunca falei nada deles porque não ia resolver em nada o problema com meus filhos criticando o pai, né. Porque que pôs pai para os meus filhos fui eu, eu que era a culpada, então eu não tinha que ficar falando mal dele, porque a culpa era minha, eu que casei com ele, meus filhos não tinham que ter responsabilidade nenhuma de ficar ouvindo que o pai não presta... filho não gosta de ficar ouvindo isso. (Cleonice).

Numa família monoparental a maior ascendência sobre a vida dos filhos é do genitor que está constantemente no lar, com isso, a participação do outro genitor na vida dos descendentes pode ocorrer de inúmeras formas, como por exemplo, através de sua presença ativa ou eventual (com visitas e participações na criação e educação); também pode apresentar uma ausência acentuada.

A mãe deles moram em Minas, o contato com eles demora porque aquela estrada dá 200 quilômetros, fica longe. E assim mesmo eles não ligam com ela, com nada não. (Luís).

No caso de Luís, sua ex-mulher mora em outra cidade e o contato dela com os filhos é muito pouco. Além do mais, ele coloca-se em uma posição aparentemente neutra no que se refere a figura materna e o relacionamento estabelecido entre os filhos e a mãe.

Eu também não falo pra eles que não, também nunca fui contra ela e também não viramo inimigo. E falei se ela quiser vim aqui ver e eles quiser ir lá, vai, eu não tenho nada a ver com isso. (Luís).

Mas só o fato dele em nenhuma circunstância incentivar este relacionamento, de certa forma, pode contribuir para solidificar o distanciamento materno-filial.

“Se a outra parte mora longe e não pode ter frequentemente a criança consigo, cartas e telefonemas regulares podem demonstrar à criança que seu pai, ou sua mãe, tem por ela um interesse real e contínuo.” (GARBAR; THEODORE, 2000, p. 155).

Já Antônio, mora próximo da residência de sua ex-esposa, no entanto, nem a mãe demonstra nenhum interesse em manter algum contato com o filho assim como este também não transparece nenhum interesse em relação à mãe (segundo a opinião do pai).

Depois que nós separo ela já tem dois mulequinho novim e outra, ele já tá morando com outro, eu procuro já nem conversar. [...] O menino não tinha nenhum contato com a mãe depois eu falei: você vai e conversa com ela, ele não ia lá (na casa da mãe), agora que ele vai, mas antes ele não ia não [...]. (Antônio).

O pai, aos poucos, busca incentivar que o filho tenha algum contato com a mãe, mesmo que o relacionamento dele com a ex-esposa seja por vezes evitado, até pelo fato dela ter constituído outra família.

Para justificar a ausência, podemos pensar em variados fatores que proporcionam inclusive uma distância efetiva após a separação. Um deles é o fato do genitor constituir uma nova família, com isso, acaba se distanciando dos filhos. Também pode acontecer dos pais residirem em cidades diferentes e a distância pode prejudicar ou diminuir a frequência de participações, como é o caso de Luís.

Alguns dos monoparentais ainda relatam que os genitores de seus filhos que mesmo após a separação raramente convive com seus filhos, e em geral, são eles que incentivam o contato mais assíduo entre eles, mas a decisão final parte da prole.

Ele nem se preocupou muito em pegar as crianças, ele não se preocupava com isso, daí, na época eu levava os meninos as vezes, deixava lá ou ligava ligando falando que os meninos querem ir. Até que chegou um dia que eu achei um desaforo, eu liguei pra ele e falei que os meninos queriam ir pra lá, ele falou “porque você me manda os meninos todo final de semana se eu quero sair, você tá querendo que eu não saia?”, daí eu deixei na vontade dos meninos, se eles queriam ir eu levava, nem pedia pra ele buscar. (Cleonice).

O contato era muito pouco, porque até então, depois que a gente se separou eu nunca freqüentou a minha casa, então, os filhos pra ver ele tem que ir lá ver eles, porque ele não freqüenta a minha casa. Mas, eu acho que apesar dos pesares de uma separação, eu acho que os filhos têm que ter um contato com o pai, sei lá, conversar. Eu sempre incentivei, quanto a isso, eu nunca falei para eles não ir ver o pai, ou não conversar com o pai, eu sempre falei que apesar dos pesares deles também não aceitarem o modo do pai deles agir, mas eu sempre incentivei que eles tinham sim que ver o pai, que o pai era pai. (Carla).

A expressão pais ausentes contempla diversos significados, podendo ser relativa aos genitores falecidos (caso de Raquel e César), ou ao que abandonam a família por determinado motivo, não possuindo mais relacionamento ou contato frequente com a mesma.

Sendo assim, apesar dos genitores estarem vivos, aparentemente o interesse em ter um contato mais próximo com os filhos é mínimo, desse modo, sua ausência no desenvolvimento destes se torna acentuada.

No começo eu achava que a ausência dele seria bem complicada, mas com o passar do tempo é o que te falo a gente se acostuma... é como quando uma pessoa morre, a gente tem que se acostumar com a distância dela, um pai e uma mãe quando separa, principalmente quando pai separa e fica ausente, tem pai que não, igual o pai dos meus filhos ficou ausente então eu punha assim como eu era a minha viúva. (Cleonice).

É diferente, porque o meu filho mesmo fala pra mim, assim, porque minha sobrinha se casou tem uma filha da idade dele e eles são separados, e no último Reveillon elas estavam, chegou um certo horário que a menina começou a chorar. Depois em casa meu filho perguntou o que a prima tinha e eu falei e ele “é mãe, é melhor Deus ter levado ao pai que nem Deus fez com o meu do que deixar um pai que nem o dela (prima) que nem visitar ela, ele visita”. Então eu acho que é ainda pior quando se separa do que quando morre, porque a criança tá vendo o pai, as vezes vê com outra, com outros filhos que vem a ter, e não liga pros outros. (Raquel).

Mas, dentre as situações postas como fator de distanciamento, a principal delas está na falta de interesse destes pais, sejam eles homens ou mulheres, em manter um contato próximo com os filhos, e este pode ocorrer independente da distância regional, da relação que mantém o ex-cônjuge, se constituiu ou não outra família, etc.

Certamente a falta de interesse ou de comprometimento e a ausência no desenvolvimento do filho prejudicam relacionamento entre eles.

O mais novo começou a sentir que o pai não tava muito ai, daí ele começou a falar “eu tô com saudade do meu pai, já tem dois meses que eu não vejo o meu pai, o meu pai não vem aqui” eu falava “porque você não liga pro seus filhos”, ele falava “eles é que tem que me procurar, eles é grande” eu falei “quando eles eram pequenos você fazia do mesmo jeito, agora que eles tão grande você continua, muda”. Então, agora eu acho que o relacionamento deles não tá legal, eu tô achando que tá ficando pior, porque os meninos estão adultos, ele não sabe entender... porque ele foi ausente e quer que os meninos ficam tratando ele como antes. (Cleonice).

Eu acredito que o relacionamento deles não mudou, se eles sentiram falta do pai dentro de casa não falou. Eles quando queriam ver o pai, eles iam lá visitar o pai. Às vezes eles chegam lá pra conversar legal com ele e ele não está em condições porque já bebeu muito, às vezes começa a conversar demais e nem todo mundo tem paciência. (Carla).

Cleonice e Carla relatam que os filhos buscam a companhia do pai, procurando manter certo contato, mas estes pais muitas vezes demonstram falta de empenho em tornar constante ou agradável dos momentos que os descendentes vão os visitar, e isto se torna uma das fontes que pode gradativamente propiciar o afastamento entre eles.

Isto pode agravar-se ao ponto dos próprios descendentes não fazerem questão da presença ativa deste genitor ausente, tornando aparentemente uma figura insignificante.

Ele não acha farta dela, não . Quando a mãe é boa senti falta sim. Agora a mãe dele batia muito nele quando ele tinha uns dois anos, também não cuidava deles, então foi por isso que ele pegou bronca dela. (Antônio).

Até agora eles não falaram nada, são contra ela, né, não fazem muita questão de ver ela. (Luís).

A acessibilidade incerta, a reação hostil ou mesmo o abandono pode frustrar as expectativas que os filhos têm sobre estes genitores, com isso, gera uma incapacidade deles estabelecerem uma confiança básica, tornando o relacionamento mãe-filho deficiente.

Consequentemente o sentimento do filho em relação a estes genitores pode se tornar mais superficial se comparado com o sentimento direcionado ao genitor mais participativo.

Eu converso sempre com meus filhos sobre isso, e eles falam que não sente falta do pai. Ontem inclusive eu até falei com meu filho mais velho ele falou pra mim que até prefere ter só eu do lado dele, ele até falou assim “mãe cada dia que eu converso com meu pai, cada vez que eu tô perto do meu pai, eu sinto que eu preferi o que aconteceu, morar só com você, de ter só sua companhia. (Cleonice).

Mas, a maneira com que a prole lida com a monoparentalidade depende, entre tantos outros fatores, de uma dinâmica individual, ou seja, de como a situação é sentida e percebida por ela, além dos fatores como a genética, o ambiente, etc.

Mas, seja qual for a situação e a relação que a criança ou adolescente tem ou teve com o genitor ausente, é evidente que são privados do contato cotidiano. E isto pode ocorrer, independente se a família monoparental for masculina ou feminina.

O fato deles não conviverem dia-a-dia com a presença concreta da mãe ou do pai, pode acontecer com que idealizem esta figura ausente projetando atributos que os façam os descendentes amá-lo(a) ou odiá-lo(a).

E mais, alguns estudiosos prescrevem inúmeras conseqüências e distúrbios sociais para os filhos que vivenciam a privação diária de um dos genitores durante seu desenvolvimento, ou parte dele.

Contudo, não é possível saber exatamente sem algum estudo profundo, qual é a intensidade que a ausência incide nos filhos, os seus prejuízos e se pode ou não ocasionar o surgimento de eventuais distúrbios.

É inquestionável que a falta da mãe prejudica a criação de qualquer filho, eu não saberia lhe dizer exatamente quais seriam os prejuízos. O meu objetivo é que esse prejuízo seja o menor possível com a minha filha. (César).

Meu filho começou a furtar dentro de casa, então ele tirava o dinheiro, mas não gastava, aguardava dentro de uma agenda velha que o pai dele tinha. Ai foi aonde eu fui procurar um psicólogo pra ele, ai trabalhou ele um tempo, meu filho chegou a contar “porque eu queria ajudar minha mãe a pagar as contas delas”, então, ele pensava que guardando o dinheiro pra mim, ele ia me ajuda.... Então foi esse tipo de trabalho que eu tive com eles, caso contrario, não. (Raquel).

Muitas vezes os pais, podem buscar ajuda profissional para lidar com eventuais dificuldades e entender o que se passa com os filhos, afinal, se de fato existir algum prejuízo, é certo que os monoparentais fazem de tudo para minimizá-los.

Quando eu busquei um psicólogo, eu achei que ele saberia lidar melhor com os sentimentos deles. Então, a dificuldade que eu tive foi o medo disso se prolongar, mas graças a Deus, isso não aconteceu nunca mais!. (Raquel).

Pretendo em breve fazer uma terapia com uma profissional que é especializada nesta modalidade de situação, pois tenho muitas incertezas de como devo conduzir as interrogações que com certeza habitarão a cabeça da minha pequena. (César).

Entretanto, é impossível negar a existência do outro genitor, assim como a experiência concreta de viver em um lar monoparental, onde não há a presença diária de ambos os genitores, e esta percepção aprofunda-se durante o convívio social.

As professoras da escola entenderam a minha mensagem e também a orientam neste sentido. Aliás, acho que todos ao meu redor entenderam qual é o tipo de mensagem que quero dar à minha filha neste sentido e todas elas têm me ajudado a manter essa atitude. Sempre deixei claro a outras pessoas de que necessito de ajuda para cuidar da minha filha, afinal de contas é uma situação difícil. (César).

Eu conversava muito com eles tentava mostrar para eles que não tinha nada a ver, assim de se preocupar o que as pessoas iam dizer ou falar. Mas a minha filha, ela me deu muito apoio na separação, mas no fundo eu sentia que ela tinha um pouco de receio o que lá fora os outros iam falar dela ter o pai e a mãe separado. Porque ela às vezes quando ia fazer alguma coisa, mesmo quando ela entrou na faculdade, ela tinha aquele certo preconceito: ai mãe é chato eu falar para minhas amigas que minha mãe e meu pai é separado. Eu falava pra ela que existia milhares e milhares de casais separado, e que isto não tinha nada a ver, que ela tinha que deixar de pensar desse jeito porque eu não era a primeira nem seria a última. (Carla).

Há um ano ou dois anos atrás, eu tive que passar minha filha por psicólogo, porque ela começou assim na escola... ela chorava, chorava em casa eu não sabia o porquê, então, eu fui conversando e ela me falou “oh, mãe a senhora precisa me dar um pai, porque eu não agüento mais a crianças falarem na escola que eu sou filha sem pai”. Então, eu tive que ir lá, pedir para os professores, tipo no Dia dos Pais falarem pra ela fazer uma lembrancinha para o padrinho; agora eu tenho meu namorado e eles fazem tudo para ele, mas antes eu não tinha e eles tinham essa necessidade. (Raquel).

César solicita o apoio de outras pessoas do convívio social da primogênita para que ajudem sua pequena a compreender a ausência da mãe, tornado esta uma situação menos penosa.

A filha de Carla apesar de ter maior idade apresenta certo receio em revelar que sua família não segue os padrões convencionais, pois, temia sofrer algum tipo de preconceito, ou mesmo por achar que a organização do seu núcleo familiar fosse o único.

Observamos que no relato de Raquel a filha, no período escolar, sente dificuldades em lidar com a falta de uma figura paterna, entretanto, pode amenizar suas insatisfações direcionando suas atenções a outra figura masculina.

Em certos momentos, a prole, principalmente as crianças procuram imagens para se basear ou obter apoio, por isso, a presença de outra imagem é importante para que o filho crie bases de identificação e acesso aquele determinado comportamento feminino ou masculino do genitor ausente.

Este modelo significativo pode ser um parente, um amigo da família, um avô, um padrinho, contanto que lhe dê carinho, amor e muita atenção. O contato pode ser até periódico ou esporádico, mas é necessária a existência do vínculo afetivo.

Então, quando eu perdi meu marido, o padrinho do meu filho – irmão do pai dele – já se prontificou, então, tudo que eu precisava de conversar, eu ligava pra ele e falava que meu filho tava assim, assim e assim, ele ia lá, todo final de semana ele levava meu filho para o sítio com ele, conversava... quer dizer, ele sempre teve uma figura de homem. Na verdade, a falta do pai faz falta em certos pontos, eu chamava na época o padrinho dele, hoje eu não chamo mais, foi mais no começo porque pra eles foi um choque, né. Mas, depois não, depois foi tranquilo. (Raquel).

Minha namorada tem participado muito de nossas vidas. E graças a Deus, as duas se dão muito bem. Existe um amor entre elas que é incomum, posso sentir que houve uma identificação verdadeira. Ela tem sido um exemplo muito positivo para minha filha. (César).

“Nascemos com uma predisposição para nos apegar de maneira profunda e definitiva a um outro ser humano que nos acolha e se disponha a se relacionar conosco.” (CERVENY; BERTHOUD, 1997, p. 54).

Os pais também buscam auxílio de outras pessoas, principalmente os viúvos, talvez por acharem que o impacto da perda é maior e a possibilidade de um contato é nulo. Contudo, em nenhum momento, demonstram-se preocupados em substituir a figura ausente e sua importância para os descendentes.

Sei que eu não serei capaz de suprir esta falta e que também não há nenhuma outra pessoa neste mundo que cumprirá este papel. Mãe é mãe!. (Carlos).

Eu acho assim, por mais carinho que eu dê, por mais que eu converse com eles, eu acho que a figura do pai faz falta. Eu acho que mesmo você substituir o pai por outro não é a mesma coisa pra mim. (Raquel).

Os monoparentais por mais dedicados que são, não substituem a figura dos outro genitor, o que eles podem é fundir em si os papéis de pai e de mãe.

Pra suprir a falta da mãe eu só fiquei muito com eles, muito. Eu fui mãe e pai ao mesmo tempo. (Luís).

Na família monoparental a presença cotidiana de um dos pais transforma-o no elemento familiar que desempenha o papel mais importante no desenvolvimento da prole, deste modo, qualquer desejo forte de identificação e ligação afetiva passa a ser direcionado a ele que se torna o genitor mais significativo, funcionando como fonte de apoio, atenção, compreensão, proteção e amor.

O problema é que a falta de um pai ou de uma mãe para uma criança, acaba formando um ambiente incompleto. Isso não significa que pais e filhos não possam buscar a felicidade numa ocasião como essa. (César).

Acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver melhor seus talentos quando estão seguros de que, por trás deles, existem uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades. (BOWLBY, 1997, p. 45).

A situação de perda ou ausência leva os genitores monoparentais e filhos a níveis profundos de integração, sem que isso muitas vezes crie perturbações graves no desenvolvimento do filho, sendo assim a proximidade e o envolvimento juntamente com a boa relação entre eles são fatores positivos para ambos.

5.7 Genitor monoparental: avaliando o percurso familiar

Numa família monoparental, um dos genitores torna-se o único recurso econômico e emocional dos descendentes, por isso, trava uma luta diária para abranger suas responsabilidades de cuidador, educador e participante efetivo da vida da prole.

Deste modo, o genitor monoparental conseqüentemente se envolvendo em todos os detalhes da vida familiar, desenvolvendo capacitação para o exercício das tarefas que lhe cabe, além de aprender a atuar com uma maior sensibilidade frente às necessidades dos filhos.

Então, eu tive que me organizar sim, tal dia eu faço isso, tal horário eu vou tirar pra brincar com eles, geralmente, nessa época, a gente ficava os três juntos mais à noite, então, à noite a gente ia brincar. (Raquel).

Minha filha, muitas vezes, quando retorna da escolinha quer brincar comigo e aí tenho de largar todos os meus afazeres para poder dar um pouco de atenção á ela. Os finais de semana, exceto quando estou em viagem, acabam sendo dedicados totalmente à família. Mesmo quando ficamos em casa, a minha filha acaba sendo o centro das atenções e cuidados. (Carlos).

Os filhos necessitam do contato cotidiano com o genitor assim como os monoparentais reconhecem a sua importância na família, por isso, mesmo quando eles se vêm sobrecarregado pela labuta do trabalho e do lar buscam adequar suas rotinas para conciliá-las às atenções despendidas aos filhos, sendo assim, é necessário que hajam conseqüências práticas.

Na época que eu morava com o pai deles, apesar de eu trabalhar, mas eu tinha mais tempo de preparar a alimentação deles, portanto, eles sentiram muita falta. No horário do almoço eu punha a mesa, eu punha o suco na mesa, eles amavam isso, depois eu não tive mais tempo por causa do horário de trabalho, então eles estranharam bastante nessa época, eles as vezes até reclamavam, mas a gente sempre conversava e com o tempo eles entenderam. (Cleonice).

Cleonice relata que os descendentes desejam ter a presença maior da genitora, todavia, no decorrer da cotidianidade, há uma compreensão deles, possibilitando que paulatinamente o núcleo monoparental encontre caminhos para o firmamento de uma rotina vivencial comum.

Apesar do tempo de convivência com os filhos ser reduzidos, em meio às outras atribuições familiares adquiridas pelo genitor monoparental, há contudo uma maior valorização do tempo em que todos os membros estão presentes no lar.

“Embora os pais trabalhem o dia todo, laços de amor, de afetividade e de amizade devem ser criados entre os pais e a criança para benefício futuro de ambos.” (MIELNIK, 1993, p. 47).

Eles consideram importante a aproximação com a prole, e através da participação integral na vida dos filhos, os genitores constroem a base de uma relação íntima e afetiva entre eles ³³.

³³ “Se eu tenho prazer com meu filho, carrega-o com prazer, e não por dever. Este prazer fica arquivado tanto na memória da criança quanto na do genitor, e mobiliza outras sensações e sentimentos agradáveis [...]”. (BOTTURA JUNIOR, 1994, p. 86).

Ele é bom demais. Ele fala: o sr. me agrada, então, eu também tenho que agradar o senhor. (Antônio).

A integração na família dá-se no âmbito relacional findado em sentimentos de amor e numa relação prazerosa entre pais-filhos constituída dentro de parâmetros de compreensão e respeito.

Deste modo, o afeto e o respeito mútuo estão alicerçados na convivência diária - espaço onde as relações se desenvolvem – e se tornam fundamentais que pais e filhos sejam capazes de estabelecer relações entrosadas, duradouras, satisfatórias uns com os outros, trazendo benefícios ilimitados para ambos.

Conseqüentemente vínculo afetivo entre pais e filhos é reforçado no decorrer da cotidianidade:

Ele é uma criança assim, se eu tô fazendo comida, ele tá me abraçando, me beijando. As vezes eu tô no sofá assistindo televisão ele fala assim: “Oh, mãe vem cá deita no meu colo”, carinhoso demais... eu sempre falo dele porque ele puxou ao pai, ela já puxou pra mim, não é porque eu faço diferença de filho; ela é aquela criança assim muito carinhosa, mas beijo pronto e acabou, ele não, ele é meloso. Ela pega mais quando eu tô triste, se eu tô magoada com alguma coisa ela percebe. Então eu acho que a recompensa é isso. (Raquel).

Ele não dá trabaio, o único trabaio que ele dá é que ele é “embassado” (grudado) comigo. Ele fica atrás de mim... Tem vez que ele me pede pra fazer ele dormi... ai tem que deitar junto com ele e fazer ele dormi. Esse menino não dá trabalho... ele é bom demais. Ele fala: o sr. me agrada, então, eu também tenho que agradar o senhor. (Antônio).

Observamos nas suas falas que o relacionamento estabelecido entre os genitores e a prole ultrapassa o âmbito do simples contato físico, que por si só não basta para resolver todas as necessidades, e vai mais além, buscando construir um relacionamento baseado na comunicação emocional, que por sua vez, alicerça a base para a continuação da relação familiar.

Ele toma para si a tarefa de dar ao filho a confiança básica e a segurança interior necessárias ao crescimento no seio da família e fora dela, na direção da independência e de uma identidade própria, orientando o filho para que possa aprender a escolher e dirigir suas ações. (COLMAN; COLMAN, 1991, p. 56).

Desta forma, a comunicação e a intimidade, são primordiais para a interlocução dos membros familiares através da aproximação e estreitamento da confiança entre eles.

[...] parece que a gente se uniu mais... a gente tinha assim aquele vínculo mais unido de amizade, conversa, participação... eu sempre participava... e eu acredito que isso é importante. (Carla).

A amizade e a confiança recíproca adquirida no decorrer do relacionamento familiar podem favorecer no desenvolvimento harmônico familiar. Carla, por exemplo, entende que estes são pressupostos fundamentais para educar e orientar seu filho mais efetivamente.

O importante é explorar os recursos para formar uma família harmônica pautada no companheirismo, na comunicação para que se propicie um ambiente favorável para o desenvolvimento emocional, físico e espiritual dos filhos.

Agora nós criamos aquele laço de amizade entre nós três. Então, a gente conversar mais – não sei se é por causa da idade – a gente tem mais diálogo, eles já sabem expressar os sentimentos deles pra mim. (Raquel).

Eu conversava com eles, assim tinha muita amizade em conversar abertamente com eles. (Carla).

Nas falas de Raquel e Carla observamos que elas procuram criar, juntamente com o filho, um ambiente relativamente mais aberto – democrático – onde se coloca disposto a compreender os anseios do filho.

Esta pode ser uma forma dos pais sentirem-se mais seguros para estabelecerem e definirem limites, sem que prejudiquem o desenvolvimento harmonioso e integral do ambiente familiar e da personalidade de seus filhos.

Sendo assim, detectamos que o diálogo permanente na família é um dos canais de abertura importante para que o monoparental compreenda quais são as reais necessidades da prole e os problemas que eventualmente possa enfrentar.

Através do diálogo, o relacionamento entre pais e filhos deve buscar harmonia, respeito, compreensão e apoio, deixando de lado a rivalidade autoridade (pai) x submissão (filho) que gera na família um clima de ameaça ao desenvolvimento dos filhos e a amizade que possa existir entre eles. (ABBADE, 1985, p. 34, destaque do autor).

Apesar da existência de um relacionamento mais aberto, por vezes, os pais deixam transparecer o desejo ou uma atitude às vezes autoritária.

Tem coisas que você tem que ser mais dura... eu não fui, errei, mas isso acontece. (Cleonice).

Eu acho que eu fui rígido também com eles, que até hoje o mais velho fala que eu era meio durão. É que eu tinha medo de algo dar errado. Então se você falar porque você era duro, porque eu tinha medo. (Luís).

Eu tenho muito medo do mundo lá fora, acho que por isso eu sou essa mãe protetora, eu quero carregar eles debaixo das minhas asas, eu sei que um dia eu vou perder eles pro mundo, porque a gente não cria pra gente, mas vou ter que esperar pra ver o que vai acontecer. (Raquel).

Cleonice demonstra o fato de em certas circunstâncias não ter uma postura mais rígida, pode ser um deslize, mas, sabe reconhecer seus pontos mais frágeis.

Já Luís evidencia sua postura rigorosa com a prole, e Raquel assume sua posição de mãe que busca a proteção constante dos filhos, mas sem que se transformem em títeres.

Mas, todos eles justificam suas atitudes por temerem que os descendentes tenham uma conduta incorreta, assim, tal conduta austera dos pais assume um caráter orientador e educativo rumo ao entendimento da ação inadequada, alertando os filhos sobre as conseqüências que podem recair sobre eles e os outros.

Mas eu acho que quem tem que corrigir, quem tem que punir nossos filhos é os pais. Quem tem que educar nossos filhos são os pais... porque se der errado você é o responsável, você é o culpado, porque eu não prestei atenção me fiz de cego e de mudo. (Luís).

Na verdade, tudo que estes pais desejam é desempenhar seu papel da melhor forma; os monoparentais escolhem esta postura como modo de vida, assim, eles definem as bases do que acreditam que deva ser feito e buscam suas potencialidades e criatividade para ministrarem a família; com o tempo, vão moldando-as aos acertos e dificuldades, e a cada dia, tem a chance de renovar os seus propósitos.

A gente erra, muitas coisas a gente erra, não tem como, eu errei bastante eu acho, porque tem muitas coisas que hoje eu penso eu faria diferente, eu já amadureci. Nos meus erros eu aprendi, então teve coisa que eu achava errado e eu concertei. (Cleonice).

Afinal, como qualquer outro ser humano, os monoparentais estão sujeitos a erros e a aprendizagens, pois, a conduta perfeita não passa de idealização, assim como não estão necessariamente ligadas ao sexo do genitor ou mesmo a estrutura familiar.

Eu acho que não tem diferença, isso depende muita da educação, porque tem pais que convivem juntos e é só a mãe mesmo que educa, o pai é bem ausente da educação, ou vice e versa. (Carla).

Meu filho velho falava pra mim que na escola meninos que não tinham pais separados tinham mais problemas que os filhos que não tinham pais juntos. (Cleonice).

Se eles são cachaxeiros ou são presos porque não foram criados por pai, a mãe foi embora, família desestruturada, o povo fala isso. Você vê hoje o menino já começa com problema de briga, de droga, não estão estudando e são filhos que convive com o pai e com a mãe. (Luís).

A dificuldade de se criar um filho não reside no sexo do filho ou dos pais. Há outros fatores que tornam essa atividade bastante difícil. Eu penso que criar um filho sozinho, independentemente se é um homem ou uma mulher não é nenhum problema. (César).

Todos os sujeitos que avaliam a probabilidade de resultados favoráveis dos monoparentais são os mesmos das famílias nucleares onde os pais, ou mais as mães, estão com a enorme responsabilidade de criar os filhos.

Assim, detectamos que ambos os gêneros, na posição de monoparentais, buscam desenvolver não as atitudes mais convencionais e sim a correta, colocando-se num permanente desafio através da busca de caminhos propícios para com qualidade.

E este desenvolvimento qualitativo faz parte de um processo gradual de aprendizagem, através do qual os genitores se abrem para novas vivências, ao mesmo tempo, que elaboram suas condutas por meio de experiências reais.

Os pais devem sempre refletir sobre suas ações e buscar a aprendizagem, nunca encarando a educação de seus filhos como algo estanque, mas, sobretudo com um dinamismo que requer trabalho, coragem e amor para lidar com tal tarefa, estando sujeita a reavaliações e reestruturações caso necessário.

Eu sei que é difícil cuidar de um filho, mas tem que ter muita paciência. Mas, o mais difícil já passou. Agora tá bem melhor, graças a Deus, pra mim tá bem melhor do que quando tava com a mãe dele. (Antônio).

Não é que foi difícil cuidar deles, foi só do meu jeito. (Luís).

Pelo menos pra mim, até agora está sendo bem tranquilo criar os dois sozinha... eu acho que é até melhor, porque quando está o casal as vezes a mãe vai chamar a atenção e o pai chama a atenção da mãe na frente da criança, então, tira a autoridade dela... Então é só você, e vai ser do seu jeito. (Raquel).

Como batalhadora, de vencer, de trabalhar, de conseguir... eu me sinto bem, porque eu me sinto assim, se eu tivesse com um homem hoje eu acho que não moraria na minha casa, eu taria pagando aluguel. Eu tinha que ter minha casa, eu tenho que lutar... trabalhei bastante, eu lutei e eu consegui. (Cleonice).

Observamos que os genitores quando assumem os cuidados exclusivos dos filhos deixam de considerar o ex-cônjuge como uma fonte de apoio e começa a desenvolver um maior grau de autonomia e autoconfiança.

Assim, consideram-se fortes o suficiente para enfrentarem qualquer tipo de tensão interna e externa e outras dificuldades que podem surgir no decorrer da monoparentalidade.

Como batalhadora, de vencer, de trabalhar, de conseguir... eu me sinto bem. eu acho que a minha vida ficou muito melhor, eu fiquei mais tranqüila. Hoje eu sou muito mais confiante, eu criei forças, hoje eu me sinto uma mulher forte, hoje eu não tenho medo de nada, qualquer coisa eu enfrento... trabalhei bastante, eu lutei e eu consegui. (Cleonice).

Não vou falar que eu não tenho dificuldades, tenho, mas são coisinhas as vezes criadas por mim mesma. Hoje eu te falo que me acho uma heroína. Meus filhos ainda não tão criados. Mas eu acho que eu desempenhei muito bem meu papel de mãe sozinha, eu acho que dei conta de muita coisa. Eu sou mais segura que eu posso falar “graças a Deus, os dois tiveram uma boa educação”. Então eu acho que eu cresci, fiquei mais independente.... eu acho que já acostumei nesse ritmo sozinha. (Raquel).

Entretanto, as eventuais dificuldades experimentadas por eles, não significam uma impossibilidade, e sim uma transição, associada ao atingir um equilíbrio familiar e pessoal. E certamente tem a possibilidade superar seus próprios limites para dar o melhor de si em busca de uma qualidade parental.

Eles procuram desempenhar suas funções monoparentais duma forma peculiar e eficaz, podendo inclusive demonstrar grande desenvoltura e colhendo recompensas.

Com certeza foi muito recompensador, porque hoje eu vejo minha filha formada com muita luta dela, ela, então para mim foi recompensador, porque eu vejo nela e nele, no meu filho, duas pessoas cabeças, duas pessoas que só tem que me dar orgulho!. Eu acho que eu fui uma guerreira,

assim, eu batalhei muito para isso, então, igual eu já disse, eu só vi recompensa, eu não vi nada de ruim, só recompensa. (Carla).

Tudo é muito recompensador, até o momento acho que pesando-se os prós e contras, há um saldo positivo nisso tudo. Tenho orgulho de ver a minha filha crescendo e se desenvolvendo com saúde...Ver o sorriso dela por um minuto que seja, faz valer qualquer esforço. Sinto que ela é uma criança feliz, e isso é um grande alento pra mim. (César).

Mas eu tenho aquela recompensa, de olhar para eles hoje, ver eles muito mais altos que eu, aqueles baita homeão, felizes, eles falam que são felizes, as vezes eles brincam comigo e falam “oh, mãe eu te amo”, isso é uma recompensa, né. Porque eu acho que eles se sentem bem de ter eu ali, sabe que saem, voltam e eu tô ali. (Cleonice).

A recompensa é ver que eu consegui, graças a Deus, hoje eu tô aqui, na minha casa, meus filhos estão ai grandão. Então a recompensa é ver hoje meus filhos na idade que tá, como eles estão, os elogias que eu recebo em todos os lugares que eu vou por causa deles. (Raquel).

Notamos que a relação com a prole é o campo onde os pais percebem e avaliam as projeções e resultados da sua educação que fica refletida no comportamento promissor dos filhos, isto se torna a maior fonte de gratificação.

É o filho que permite ao homem estabelecer seu horizonte futuro. Suas ações imediatas são permeadas pela antecipação do uso que estas mesmas ações poderão ter para o filho. Vive o presente conforme as antecipações feitas e da motivação para alcançá-las, não para si, mas para seu filho. (CARUSO, 1986, p. 93).

Os genitores mostraram-se preocupados em regradar o comportamento dos filhos, tentando controlar aquilo que julgavam prejudiciais a eles, e protegê-los de situações supostamente perigosas para o seu desenvolvimento - o que faz parte das tarefas educativas.

O delineamento de normas e disciplinas é fundamental não só para uma convivência familiar pacífica, como também para os próprios descendentes que precisam de limites definidos para saberem até onde podem ir. Transmitir ao filho regras e regulamentos o ajuda a adaptar-se ao mundo e a ter um comportamento “socialmente aceitável”.

Os pais preocupam-se quanto a preparação dos filhos para poder sobreviver com dignidade e com decência, tendo uma boa conduta - visando o futuro da prole que de certa maneira reflete como resultado do seu empenho enquanto genitores.

Aqui todo mundo conhece ele (o filho caçula), porque ele sabe conversar com os outros. Muita gente vem pra mim e fala que eu tô de parabéns de cuidar deste menino, agora ele tá bonito, tá fortão. (Antônio).

Eu tento trabalhar a educação deles, na forma deles serem os filhos mais perfeitos que tem, a gente sabe que não vai ser, né!. Você tem que ser assim, assim, assado, sempre pro lado da perfeição, você quer que seja perfeito... pra mostrar pra você mesma que está dando uma boa educação, porque a gente se cobra isso, a gente cobra do filho. A educação deles é nossa espelho!. (Raquel).

As professoras da escola têm me elogiado pela criatura maravilhosa que é a minha filha é, mas eu acho que tudo isso faz parte da natureza dela própria e a minha participação é bem pequena nisso tudo. Fica claro, entretanto, que não falta amor e carinho e a situação de nós estarmos sozinhos, não preocupam as pessoas. (César).

É evidente que os genitores se preocupam com a conduta da prole e sua conjectura na sociedade, mas devem primeiramente dar mais valor ao processo do que ao resultado, isto é, uma boa educação faz parte de uma construção diária e contínua, e como relata Raquel:

Mas eu acho assim que a árvore foi plantada, até agora ela foi bem cuidada. Vai ter mudanças?. Vai. Mas também vai ter suas novidades, acho que não vou ter desgosto não. Eu acho que eu vou colher os frutos ainda, vamos ver!. (Raquel).

Todavia, apesar dos pais quererem muito obter resultados favoráveis, eles não são responsáveis por tudo que ocorre na vida dos filhos e, principalmente, não podem prever as escolhas futuras da prole.

Desta maneira, o que os monoparentais podem fazer, é dar amor, respeito, educar, orientar, fornecer um ambiente criativo para que os filhos descubram seu próprio caminho.

Eu ainda tenho medo, medo de não conseguir formar meus filhos. Até hoje eles têm essa personalidade só que a personalidade pode mudar completamente na adolescência, eu tenho muito medo disso; eles não vai ficar o resto da vida falando “tá bom mamãe, tá certo mamãe”, ela vai retrucar comigo. Mas, é diferente de você criar, deixar livre, às vezes os meninos vêm chamar ele (filho) pra brincar mas ele já tem compromisso na Igreja, eu também mostro pra ele que ele também tem que sair com os coleginhas. Mas, tem certas coisas que ele mesmo se põe na cabeça que não ser bom pra ele. Eu acho que é devido a educação que eu dei. (Raquel).

Eu tenho o mais novo que tá com seus vinte anos e o outro e o mais velhos, ninguém fumou, ninguém bebeu, era o medo que eu tinha, o resto.. daí agora pra frente... ou milagre ou uma sorte... Deus não me contou. (Luís).

Hoje eu olha pro meus filhos moços, mora na minha casa, tudo dividido... As vezes eles têm algumas dificuldades porque eles são jovens e eu tenho que ficar orientando todo dia, continua a minha luta. Apesar de estar tudo grande mas eu tenho medo ainda... eu sou pra sempre responsável. (Cleonice).

A partir do momento que os pais assumem o compromisso sobre educação dos filhos, eles nunca mais deixam de ser pais e prole nunca deixa a posição de filhos, assim, a importância e a função do genitor monoparental não cessa. Desta forma, o relacionamento construído na família monoparental é carregado por toda a vida e o vínculo formado entre pais e filhos é eterno.

Portanto, o elo profundo e permanente desenvolvido no relacionamento entre pais e filhos na família monoparental jamais é esquecido e o contato afetivo edificado ao longo desta relação é para sempre valorizado.

GRÁFICO COMPARATIVO

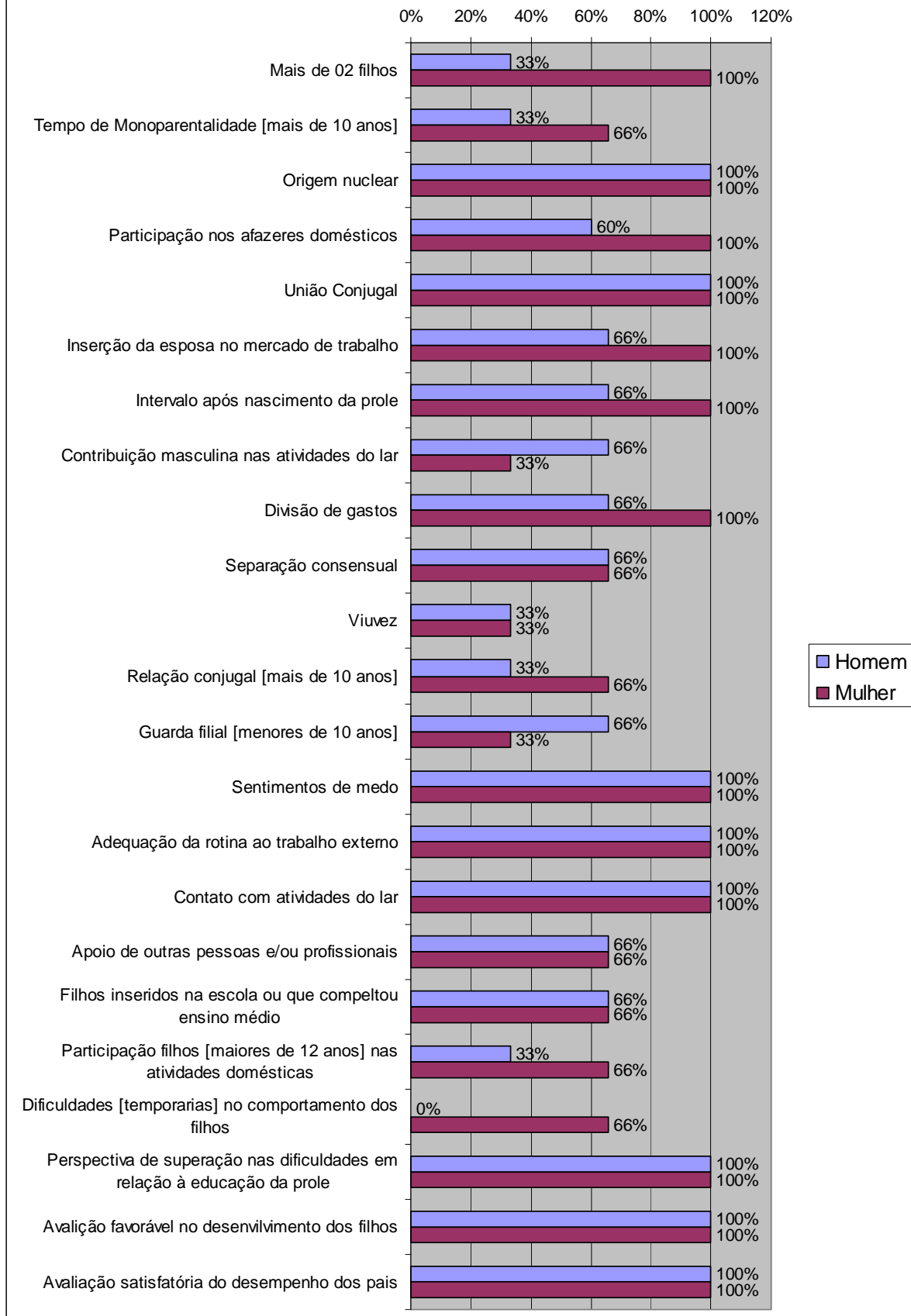


Gráfico 1 - Comparativo: famílias monoparentais femininas x monoparentais masculinas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tradicional modelo de família nuclear (pai, mãe e filhos) predomina por muito tempo como sendo o padrão familiar ideal, por isso, seus resquícios ainda pairam em nossa sociedade.

Contudo, no decorrer da história, ocorrem profundas transformações nas estruturas familiares assim como nos respectivos comportamentos de gênero, com isso, a padronizada organização nuclear também sofre diversas mudanças.

Tais alterações, geram opiniões diversas, alguns autores acreditam que a família passa por períodos de colapso em suas estruturas, no entanto, para outros estudiosos, diante do quadro global de intenso desenvolvimento social o que se observa não é exatamente o fim da instituição familiar, e sim, uma maior abrangência do seu conceito, abarcando assim variadas tendências familiares.

“O Brasil é um país de dimensões continentais, com costumes diversos e com gerações de homens e mulheres que passaram por diferentes processos de educação e de estruturação sexual, os quais envolvem dimensões temporais e culturais.” (WAGNER, 2002, p, 137).

Concomitantemente ocorre um processo de inclusão de novos valores; a educação dada às crianças no seio familiar, por exemplo, já não segue rigorosamente os rígidos ditames tradicionais.

As desigualdade em relação aos gêneros passam a ser percebidas não como frutos da natureza ou de uma herança genética e sim, conseqüências de um processo de aprendizagem e de condicionamento social.

Gradativamente as diversas transformações que vêm ocorrendo no berço da sociedade capitalista, atenuam as influências dos papéis tradicionalistas impregnados com preceitos ideais, - entretanto estes não deixam de existir, pois, estão enraizados em nossa cultura e perdê-los definitivamente não é tão fácil - com isso, os estereótipos e valores especificamente masculinos e femininos, assim como a visão em relação a maternidade e a paternidade, sofrem alterações.

Cada vez mais, os papéis sexuais e as obrigações de cada membro familiar deixam de ser preestabelecidos e distintos por sexo para adequarem-se à rotina familiar dos casais. Em decorrência, os padrões mais tradicionais de convívio familiar estão sendo modificados, com isso, surgem novas alternativas familiares e de relacionamento entre homens e mulheres, dentro e fora da família.

Em geral, o comportamento entre casais modernos tendem a abarcar uma particular divisão do provimento familiar e dos encargos com a casa e a prole; desse modo, tornam-se

comuns situações em que a mulher trabalha fora e o marido contribui para as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos.

Aos poucos, o casal contemporâneo vem modificando os padrões mais tradicionais de convívio familiar, adequando-os as próprias estratégias de vida, desta forma, as famílias brasileiras estão buscando novas alternativas de relação e organização familiar para adaptarem as transformações. (SOUSA, 2004, p. 32).

As circunstâncias históricas e sociais levam os gêneros a conquistarem outros espaços na sociedade. Sendo assim, na contemporaneidade é mais habitual homens e mulheres manifestarem comportamentos e desempenharem funções que vão além do que, até muito pouco tempo atrás, estavam estabelecidos para cada um deles.

A função social da mulher é paulatinamente modificada, ocorre uma maciça inserção feminina no mercado de trabalho passando a administrar, dentro e fora do lar, atribuições antes consideradas como propriedades do homem.

Também ocorre uma autorização social para que os homens participem das atividades familiares cotidianas até então consideradas como femininas, sem colocarem em dúvida sua masculinidade. Assim, cresce uma geração de homens que se mostram interessados em aprenderem e a realizarem tarefas domésticas, além de cada vez mais estarem afetivamente próximos aos filhos.

Tais fatos, entre outros acontecimentos, contribuem para uma transformação no âmbito familiar e um redimensionamento da divisão rígida de tarefas, assim, diante das novas dinâmicas da divisão sexual do trabalho e das mudanças comportamentais onde os modelos masculinos e femininos passam a ser revistos, emergem diversificadas situações sociais e familiares.

Desta maneira, em meios a estas inúmeras alterações, podemos evidenciar diferentes formas de organizações domiciliares, em especial, destacamos as famílias monoparentais que apesar de não serem estruturas recentes na história brasileira, na atualidade, manifestam-se com mais intensidade, atingindo elevados índices.

A monoparentalidade pode ser estabelecida desde sua origem ou decorre do fim de uma união, dentre as diversificadas causas estão: divórcio, separação, viuvez, abandonado, adoção ou simples opção. De qualquer forma, representa a inexistência do relacionamento conjugal, mesmo que o outro genitor exista, apenas um deles (homem ou mulher) reside com os filhos.

Nestas estruturas monoparentais, duas ramificações podem ser apontadas: as famílias que são chefiadas apenas pela mulher e as que são chefiadas pelo homem, ou seja, somente um deles está presente cotidianamente no espaço doméstico.

Com o Novo Código (2002, art. 1.584) a guarda filial cabe ao genitor que apresentar melhores condições (não somente financeira) para exercê-la, visando os interesses da criança.

Assim, a representação social em torno os respectivos gêneros vai sendo desmistificado e, em muitas ocasiões, são equiparados, demonstrando que ambos têm os mesmos direitos, deveres e potencialidades.

Apesar das estatísticas revelarem que é muito difícil o pai conseguir a guarda exclusiva dos filhos ³⁴, sabemos que a clássica atribuição da guarda materna, tendo o pai o direito de visitação, já não é mais a regra prevalecente; do mesmo modo que a maternidade se torna opcional, tanto no sentido de ter ou não filhos como no sentido de querer ou não participar dos cuidados em relação a criação e a educação integral deles.

Isto mostra que a tradição brasileira vem mudando, pois, em caso de divórcio, a prole usualmente ficava sob a guarda da mãe que ideologicamente era mais dotada para atender as necessidades dos filhos, principalmente quando crianças, perdendo tal condição somente em situações irregulares, por exemplo, diante do adultério ou insanidade mental.

Por muito tempo na nossa sociedade, os bons resultados em relação a uma educação favorável, um desenvolvimento positivo e uma criação satisfatória dos filhos, inclinou-se sobre a figura materna, a ponto de supor que os filhos só estariam melhores se morassem com a mãe, menosprezando assim a potencialidade paterna.

Contudo, as experiências relativas a guarda paterna derruba esta conjectura, desabrochando a possibilidade de um outro caminho que também pode ser favorável; ainda que em menor porcentagem, quando se comparado com as famílias monoparentais femininas, nos dias de hoje é muito mais comum observamos situações em que pai luta por uma relação mais próxima à prole e mesmo não contando com a presença de uma companheira, cria seus descendentes e realiza as demais obrigações existentes no lar, - muitas vezes, até se sentem mais capazes do que a própria mãe dos filhos - deste modo, as famílias monoparentais chefiadas por homens estão conquistando um espaço considerável na sociedade e vêm crescendo a cada dia.

³⁴ Segundo o IBGE, após o divórcio, 89,5% das crianças ficam com as mães. (Ver ANEXO C).

Portanto, muitos homens e mulheres apresentam-se dispostos a encarar as atribuições de uma guarda monoparental, demonstrando que a experiência de criar, cuidar e educar os filhos não é mais privilégios exclusivos das mulheres ou do casal.

Obviamente que a socialização não prepara efetivamente o homem para o papel doméstico e o cuidado integral dos filhos, assim como ainda para muitos paira a imagem da mulher frágil, dona de casa, dependente de uma figura masculina.

Mas, aos poucos, aquela visão do homem atrapalhado com as tarefas domésticas e os encargos com os filhos torna-se longínqua, pois, eles criam afinidades com tais atribuições; e as mulheres inserem-se na concorrência do mercado de trabalho tendo de administrar sua carga horária.

Com isso, a idéia de que os monoparentais devam encontrar uma “nova mãe” ou um “novo pai” para os filhos já não condiz com a realidade absoluta.

O genitor monoparental demonstra que determinadas funções não necessariamente precisam ser vinculadas ao sexo ou a qualquer outro “rótulo social”, pelo contrário, podem unir-se às outras potencialidades, assim, combinam as polaridades da paternidade e da maternidade, desenvolvendo habilidade e dissolvendo as distinções entre masculino e feminino para buscar construir seu próprio modo de ser – desde que haja o desejo para que isto ocorra.

Para isto, não é necessário igualar-se ao sexo oposto, mas procurar meios (de acordo com os elementos presentes na própria realidade) para aprender ou aperfeiçoar aptidões que os possibilitem envolver-se em todos os detalhes da vida familiar, podendo inclusive recorrer aos recursos ou auxílio de pessoas que contribuam para o desenvolvimento familiar e o exercício competente do genitor monoparental em todas as tarefas dentro do lar, em especial, às necessidades dos seus filhos.

Através de um processo dinâmico e contínuo as relações vivências e cotidianas se firmam, cada família estabelece para si: valores, relação de dependência, reciprocidade, responsabilidade e a maneira adequada de agir, possibilitando até mesmo a mudança de certos hábitos.

Para atender as exigências que a monoparentalidade traz, de algum modo, o genitor reorganiza a rotina alterando suas relações como os encargos externos para atender a prioridade maior que é a prole e a conservação do ambiente familiar.

A responsabilidade advinda da paternidade ou maternidade integral gera para os genitores diversas aprendizagens, recompensas e satisfações tendo com isso uma grande oportunidade de crescimento haja vista que os monoparentais engajam-se num processo constante de avaliação do seu desempenho, podendo gradativamente compreenderem o sentido

do seu papel: para si e como membro do grupo familiar, isto, de certa forma, fornece caminhos para uma transformação.³⁵

Os monoparentais encaram a existência da prole como estímulo para alcançar suas metas e tornar a vida mais rica e agradável, portanto, fica claro que a simples presença dos filhos no cotidiano familiar leva os pais a se enxergarem sob um outro prisma.

“Quando os pais cuidam dos filhos de forma direta, há um efeito transformador sobre sua visão de mundo, no modo como vêem os filhos, o que os amadurece emocionalmente.” (FARIA, 2003, p.173).

Com isso, pais e filhos, por meio do amor e da dedicação, tentam fazer do lugar onde vivem um ambiente saudável e propício para a integração de um bom relacionamento entre eles, tal fato pode produzir um nível elevado de satisfação pessoal e familiar - entretanto, estas são fontes imensuráveis que não podem ser julgadas nem determinadas.

Certamente os genitores monoparentais, em partes, são responsáveis pelo processo desenvolvimento familiar, assim como, toda a criação dos seus descendentes, entretanto, não podem controlar tudo, muito menos o destino.

Desta forma, o sucesso de uma família monoparental e a possibilidade da educação disponibilizada à prole ser bem-sucedida, não dependem apenas dos genitores, mas, entre outros fatores, também dos filhos: da sua disposição, escolhas, personalidade, e isso os pais monoparentais não podem suprimir.

Eles não são responsáveis pelas conseqüências de todos os comportamentos da criança. É bem verdade que os pais contribuem muito para fazer com que o filho seja o tipo de pessoa que é. Mas, é a criança, e não os pais, que deve arcar a responsabilidade de seus atos. Os pais não têm a responsabilidade de controlar todos os comportamentos do filho, pela simples razão de que isto é impossível. No entanto, os pais são responsáveis por aquilo que puderem efetivamente fazer. Eles são responsáveis pelo estabelecimento de um ambiente no qual a criança possa crescer. (SMITH, 1973 apud ABBADE, 1985, p. 34).

Naturalmente, os genitores não medem esforços para transmitir uma boa educação para sua prole, auxiliando-a a distinguir “o certo e o errado”, este pode ser um fator que auxilie os descendentes na orientação das suas decisões. Estes pais também podem suprir (cada um a

³⁵ As mudanças que a monoparentalidade pode trazer na vida dos pais são inúmeras, contudo, devemos elucidar que elas variam de pessoa para pessoa e também dependem de diversos fatores interiores e exteriores. Mas, apesar tais peculiaridades, a relação de cuidado significa um compromisso no qual todas as famílias estão envolvidas.

sua maneira) os encargos dos filhos para que eles possam viver melhor seu presente e caminhar para um futuro com grandes probabilidades satisfatórias.

Contudo, os monoparentais correm o risco do fracasso em relação ao que planejam ser uma boa conduta dos filhos, mas isso não se torna um motivo para considerarem-se derrotados, pois, são pais que encaram com plena responsabilidade suas tarefas e buscam desempenhar da melhor forma possível os seus papéis, lutando pelo melhor para a família.

Neste caso, fica praticamente impossível afirmarmos que existe uma correlação absoluta dos resultados favoráveis encontrados no desenvolvimento familiar monoparental com a questão de gênero.

Obviamente existem peculiaridades que devem ser analisada com cuidado, contudo, de forma alguma devem ser simplificadas, afinal, as experiências de um saldo positivo em relação ao desenvolvimento familiar, incluindo a educação da prole, envolvem diversas variáveis, não ficam restritas apenas as estruturas familiares ou ao sexo do genitor, pois, estas não são garantias de qualidade e sim de possibilidades. Desta forma, tanto as famílias monoparentais masculinas quanto as femininas têm chances de resultados significativos.

Por isso, é fundamental discutirmos o contexto das relações familiares para que não termos atitudes inadequadas, julgadoras ou preconceituosas que fatalmente são produtoras de distorção e desconfortos.

O importante não é compararmos, nem buscarmos modelos “melhores ou piores”, mas, descobriremos e respeitarmos as riquezas das respostas encontradas pelos grupos familiares, dentro de sua realidade, para as necessidades, projetos e vicissitudes da vida, haja vista que família não é uma totalidade homogênea, e sim, um universo de relações diferenciadas.

A família contemporânea que é construída através de uma somatória de experiências e trajetórias particulares de responder as suas necessidades, manifestando-se através de arranjos familiares diferenciados e peculiares, denotando a impossibilidade de identificá-la como um. (ÁLVARES, 2003, p.45).

Mas, independentemente da configuração, a família continua sendo responsável pelos primeiros cuidados, pela proteção e pela educação, ao mesmo tempo, é o primeiro e principal canal de iniciação dos afetos, das relações sociais e das aprendizagens dos seus membros, possibilitando ao ser humano desenvolver sua identidade social, tendo em vista a formação de sua cidadania.

Entretanto, é verídico que a monoparentalidade implica na ausência diária de uns dos genitores, não se encaixando no perfil tradicionalista de família nuclear - este assunto acarreta diversas as opiniões- mas, nem por isso devem ser tratadas como fonte de desajustamento ou um problema social, ou até mesmo, serem associadas ao fracasso pessoal, a precariedade, a delinquência juvenil e/ou a marginalização social.

De qualquer maneira, a temática da monoparentalidade gera indagações que aguardam resposta de diversos segmentos sociológicos, econômicos, jurídicos e psicológicos da nossa sociedade.

Na área social é interessante uma pesquisa neste sentido para desmistificar muitos pontos e ajudar a compreender outros, para então alcançarmos um posicionamento profissional mais esclarecido e humano.

Acreditamos que esta pesquisa abre caminhos, contudo, é de extremo valor maiores pesquisas sobre o desenvolvimento da família monoparental tanto feminina quanto masculina.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Ana Rita. **A importância da família na formação do indivíduo**: análise da visão dos filhos quanto a aspectos da dinâmica das relações familiares. 1985. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1985.

ABREU. Alice Rangel de Paiva. Mudanças tecnológicas e gênero no Brasil. **Novos Estudos**: CEBRAP, São Paulo, v. 35, p. 121 – 132, 1993.

ACOSTA, Ana Rojas.; VITALLE, Maria Amália F. (Org.) **Família**: redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Ed. IEE/PUC -SP, 2003.

ALMEIDA, Mirian de. **Rompendo padrões, conservando o amor**: o valor da família na sociedade contemporânea. 1985. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1999.

ÁLVARES, Luciana de Castro. **Famílias monoparentais femininas**: um olhar sob arranjo familiar na cidade de Uberaba - M.G. 1985. 152 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1985.

ANSHEN, Ruth Nanda. **A família**: sua função e destino. São Paulo: Meridiano, 1970.

ARROYO, Alexandra P. Martin. **A concepção de família para o Assistente Social**. 1985. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1997.

BACH, Marcos J. **O futuro da família**: tendências e perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1983.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARRETO, Vicente. **A nova família**: problemas e perspectivas. Rio de Janeiro: Renovar, 1997

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. v. 2.

BOTTURA JUNIOR, Wimer. **A paternidade faz a diferença**. São Paulo: Gente, 1994.

BOWBLY, Jonh. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Psicologia e pedagogia)

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

BRASIL. Lei nº. 6515, de 26 de dezembro 1977. Lei do Divórcio. **Diário Oficial [da] República Federal do Brasil**, Brasília, DF, 27 dez. 1977. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/L6515.htm>>. Acesso em 10 mar. 2008.

_____. Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002. Novo Código Civil. **Diário Oficial [da] República Federal do Brasil**, Brasília, DF, 01 jan. 2002. Disponível em: Acesso em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm>.

BUENO, Cléria Bittar. **Vivo preocupada**: o dilema de conciliar sem culpa o trabalho e a maternidade. Franca, SP: Ed. UNIFRAN, 2005.

CADERNOS DE PESQUISA. A família em destaque. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 91, 1994.

CANEVACCI, Massimo (Org.). **Dialética da família**: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARTER, Betty; MCGOLDRINCK, Mônica. **As mudanças no ciclo familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARUSO, Ilda Aparecida. **Paternidade**: uma forma de existir. São Paulo: Ed. PUC, 1986.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **A família contemporânea em debate**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **A família como modelo**: desconstruindo a patologia. Campinas, SP: Editoral Psy, 1994.

_____. ; BERTHOUD Cristiana Mercadante Esper. **Família e ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. (Org.). **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

COLMAN, Arthur; COLMAN, Libby. **O pai**: mitologia e papéis em mutação. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1991.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente filho carente**: o que aconteceu com os homens. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COSAC. Cláudia Maria Daher; MAIA, Maria Ambrosina Cardoso. **Trabalho de iniciação científica**: normas, estrutura, estética. Franca: Ed. UNESP-FHDSS, 2007.

COSTA, Rosely Gomes. **Concepção de filhos, concepção de pai**: algumas reflexões sobre reprodução e gênero. 2001. 234 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2001.

DAUDT, Nereida. Casamento não é mais o mesmo. **Cadernos do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, n. 213, p. 10-13, 1992.

DIAS, Maria Luiza. **Divórcio e família**: a emergência da terapia familiar no Brasil. 1999. 289 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **Vivendo em família**: relações de afeto e conflito. São Paulo: Moderna, 2001.

DUPUIS, Jacques. **Em nome do pai**: uma história da paternidade. Rio de Janeiro: Brasileira, 1989.

DUTRA, Nayara Hakime. **Adolescência e separação**: um estudo inicial. 1995. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1995.

ENGELS Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**: trabalho relacionado com as investigações de L. H. Morgan. Tradução de Leandro Konder. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. (Perspectivas do homem, v. 99).

FARIA, Durval Luiz de. **Conflitos da paternidade contemporânea**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2003.

FERKISS, Victor. **O homem tecnológico**: mito e realidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERNANDES, Geraldo Cesar Coelho. **Paternidade solteira**: outro lado da gravidez. 1999. 113 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. ed. 22. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

FUKUYAMA, Francis: **A grande ruptura**. São Paulo: Rocco, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Dialética do amor paterno**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989. (Polêmicas do nosso tempo)

GARBAR, Claire; THEODORE, Francis. **Família mosaico**. Tradução de Luciano Lopreto. São Paulo: AUGUSTUS, 2000.

GARCIA, Sandra Mara. **Homens e reprodução**: mudanças e permanências em grupo de homens de camadas média em São Paulo. 2003. 174 f.. Tese (Doutorado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas), Campinas, SP, 2003.

GILLES, Lypovetsky. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GNU Free Documentation (2000). **Neolítico**, Boston, 2000 <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Neolítico>>. Acesso em: mar. 2008.

GOLDANI, Ana Maria. **A “crise familiar” no Brasil hoje**. Travessia. Jan.-Apr./1991.

GONÇALVES, Hernesto Lima. **Família, ontem, hoje e sempre.** Aparecida, SP: Ed. Santuário. 2000. (Série família & vida).

GOODY, Jack. **Família e casamento na Europa.** Tradução de Ana Barradas. Oeiras: Celta, 1995.

GRACIANO, Denize B. Ornellas. **Como fica a unidade familiar quando o pai abandona o lar, deixando de cumprir suas obrigações.** 1998. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1998.

GRANT, Walkiria Helena. Pai moderno assume o papel de ‘dono de casa’. Entrevistador: Ronaldo Albanese. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 12 jun. 1995. Caderno A, p. A16.

GUIMARÃES, Almir Ribeiro. **Famílias novas para novos tempos: breves reflexões sobre o casal e a família em nossos tempos.** São Paulo: Santuário, 2000.

ICETA, Manuel. **A família como vocação.** Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 1999. (Família 2000).

JOSÉ FILHO, Mário. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania.** Franca: Ed. UNESP/FHDSS, 2002. (Série dissertações e teses, n. 5).

_____.; DALBÉRIO, Osvaldo (Org.). **Família: Conjuntura, organização e desenvolvimento.** Franca: Ed. UNESP/FHDSS, 2007.

JURITSCH, Martin. **Sociologia da paternidade: o pai na família e no mundo.** Petrópolis: Vozes, 1970.

KALOUSTIAN, Silvio M. (Org.). **Família brasileira: a base de tudo.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

KARPEL, Mark A. **Evaluating couples: a handbook for practitioners.** New York: W. W., 1994.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual.** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEITE, Eduardo de Oliveira. **Famílias monoparentais: a situação jurídica de pais e mães solteiros, de pais mães separados e dos filhos na ruptura da vida conjugal.** São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1997.

LIMA, Claudinéia Texeira; LUCENA, Maria Monterio. **O papel que a mulher exerce no contexto social como chefe de família.** 1998. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1998.

LODI, João Bosco. **A entrevista: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

LOPES, Flávia Domênica P. de Lima. **Antes só do que mal acompanhado**: a percepção as mulheres chefes de família. 2002. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2002.

MIELNIK, Isaac. **Mãe, pai e filhos**: encontros e desencontros. São Paulo: Graph Box, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abraso, 2000.

_____. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. (Temas sociais).

MINICUCCI, Agostinho. **Relações humanas na família**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. **Instituto brasileiro de geografia e estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 abr. 2005.

MONTEGOMERY, Malcolm. **O novo pai**: a dimensão da paternidade. São Paulo: Saraiva, 1992.

MURARRO, Rose Marie. **Homem/mulher**: início de uma nova era. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1994.

_____. **A mulher no terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 6. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2000.

NALASCO, Socrátes. Masculinidade: reflexões contemporâneas. **Cultura Vozes**. São Paulo, v. 87, n.5, p. 71-80, 1993.

_____. A condição masculina. **Tempo e Presença**. São Paulo, v. 17, n. 280, p. 31-32, 1995.

_____. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NAPOLITANO, Sira. **Gênero, educação e preconceito**: uma pesquisa no curso de Serviço Social através da abordagem psicossocial. 2002. 172 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2002.

NOGUEIRA, Paulo Lúcio. **Lei do divórcio comentada**. 5. ed. São Paulo : Saraiva, 1996.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.

PATAI, Raphael. **O mito e o homem moderno**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PEREIRA, A. P. Potyara. Desafios contemporâneos para a sociedade. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 16, n. 48, p. 103-114, ago. 1995.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Primeiros passos).

RAMIRES, Vera Regina. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. (Gênero, 2).

REZENDE, Cristiane Barbosa. **Provisão econômica e poder de gênero nas relações familiares chefia familiar feminina**. 2000. 108 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2000.

RITO, Lúcia. **É a mãe!** visões sobre a figura materna. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ROCHA-COUTINHO, Maria L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SALK, Lee. **O que toda criança gostaria que seus pais soubessem**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados, 1996.

SETUBAL, Maria Alice. (Coord). **Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004. v. 2.

SILVA, Liliane Maria. **Abandono materno: fator intencional ou necessidade**. 2000. 148 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2000.

SINGLY, François de; CICCHELLI, Vincenzo. (Org.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

SOARES, Ana Cristina Nassif. **Mulheres chefes de família: narrativa e percurso ideológico**. 2001. 293 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

SOUSA, Ana Paula de. **Famílias monoparentais masculinas: um estudo sobre sua estrutura e organização**. 2004. 186 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2004.

SOUZA, Roseane Mantilla de. **Paternidade em transformação: o pai singular e sua família**. 224 f. 1994 Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994.

SPITZ, Eva. Em busca da identidade masculina. **Cadernos do Terceiro Mundo**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 155, p. 10-13, 1992.

SPITZ, René Arpad. **O primeiro ano de vida**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STAMATO, Juliane; SOUSA, Viviane Cristina. **Feminino e masculino: gêneros em confronto**. 1997. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 1997.

TRINDADE, Ellika; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **Adolescente e paternidade: um estudo fenomenológico**. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

TRINDADE, Zeidi Araújo. **As representações sociais da paternidade e da maternidade: implicações no processo de aconselhamento genético**. 1991. 211 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. **A introdução a pesquisa em centros sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANA, Marco A. S. **Da ação de investigação de paternidade**. São Paulo: Del Rey, 1998

VITALE, Maria Amália F. Famílias monoparentais: indagações. **Serviço Social & Sociedade** São Paulo, ano 23, n. 71, set. 2002, ed. especial, p. 49.

VIZZOTTO, Marília Martins. **Psicodinâmica da paternidade: um estudo sobre homens que esperam o nascimento de seu filho**. 1994. 171 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1994.

YABLARSKY, Lewis. **Pais e filhos**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

WAGNER, Adriana (Coord.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro da Pesquisa

1) Dados de identificação:

- Cidade de residência.
- Profissão.
- Idade atual.
- Número de filhos.
- Idade atual/sexo dos filhos e ocupação.
- Idade do genitor e do(s) filho(s) ao iniciar a monoparentalidade.
- Tempo de monoparentalidade.
- Fator que ocasionou a monoparentalidade (separação conjugal, viuvez, etc).

2) Família de origem

- Composição da família de origem.
- Relacionamento dos pais.
- Distribuição de tarefas entre os genitores.
- Distribuição de tarefas entre os filhos.
- Participação do entrevistado nos encargos familiares.

3) Relação/Rompimento conjugal

- Percurso da união conjugal
- Relacionamento conjugal
- Funções cotidianas do casal
- Divisão de tarefas entre o casal.
- Conflitos/Rompimento do relacionamento conjugal.

4) Guarda filial e constituição do núcleo monoparental

- Decisão da guarda dos filhos (acordos).
- Motivação e sentimentos decorrentes da guarda filial.
- A constituição da família monoparental (sensações iniciais e posteriores ao processo).

5) Cotidianidade monoparental:

- A rotina familiar.
- Rotina externa.
- Dificuldades na conciliação entre encargos externos e familiares.
- Participação do genitor na vida social da prole (escola, médicos, festas, etc)
- Afinidades e experiências nos encargos familiares (lar e filhos)
- Recursos e pessoas para auxílio nos encargos (durante atividades externas ou familiares).
- Aprendizagens (busca de conhecimentos para lidar com determinados fatos da cotidianidade).

6) A figura do genitor monoparental e do genitor que não detém a guarda filial

- Posicionamento do genitor que não detém a guarda filial (contato na vida dos filhos).
- Posicionamento dos filhos frente a este genitor. (antes e depois)
- Posicionamento do genitor monoparental para lidar com a ausência do outro genitor.
- Observações a respeito da importância e/ou prejuízos da figura (feminina ou masculina) do genitor ausente.
- A presença cotidiana do outro genitor monoparental poderia alterar (para melhor ou para pior) os resultados obtidos pela família na atualidade.
- Posicionamento do genitor frente a eventuais atitudes (ou situação), tanto do círculo de relacionamento quanto da prole, referentes ao formato familiar monoparental. (Impressões, receptividades, preconceitos, etc).

7) Avaliação do percurso familiar:

- Relacionamento entre os membros presentes cotidianamente no núcleo familiar.
- Dificuldades enfrentadas.
- Melhoras ou retrocessos (pessoal, familiar e filial).
- Recompensas sentidas no decorrer do percurso familiar.
- Auto-avaliação sobre o próprio desempenho enquanto genitor monoparental.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____

R.G. n.º _____, autorizo a gravação de minha entrevista, com a finalidade de colaborar com a pesquisa de campo da Dissertação da aluna Ana Paula de Sousa regularmente matriculada no curso de Mestrado em Serviço Social da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Unesp, campus de Franca, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Mário José Filho.

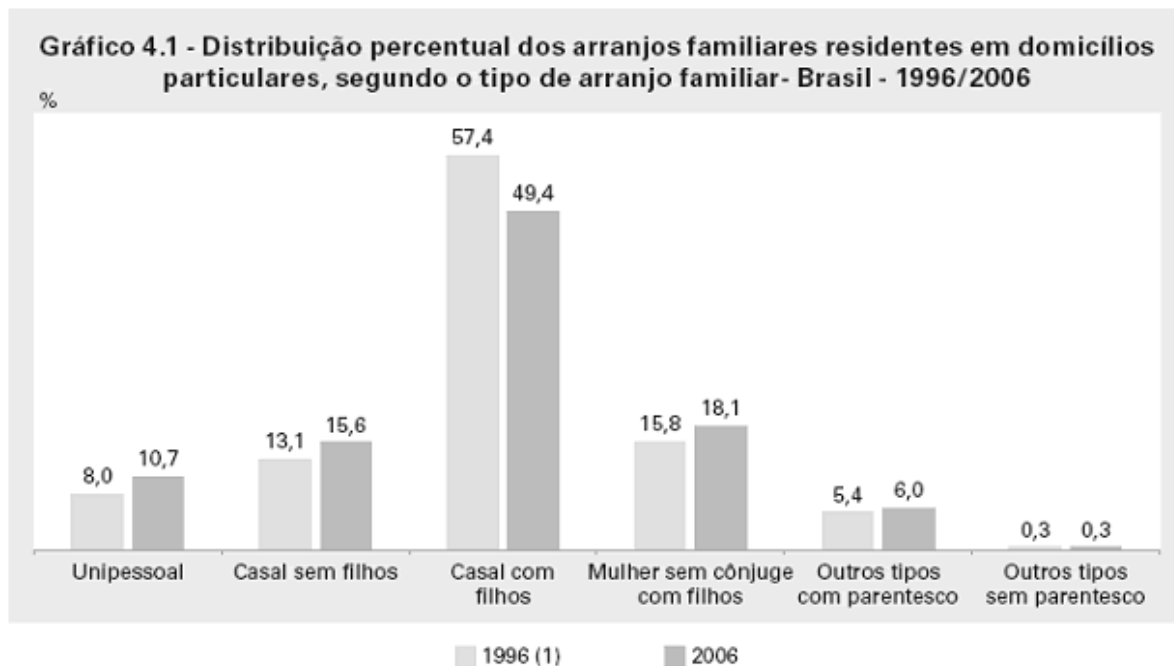
Estou ciente de que este material será ouvido pela referida aluna e seu orientador, bem como serão utilizados trechos de minha entrevista transcrita em sua Dissertação, observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo os procedimentos de sigilo e discrição.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2008.

Assinatura: _____.

ANEXOS

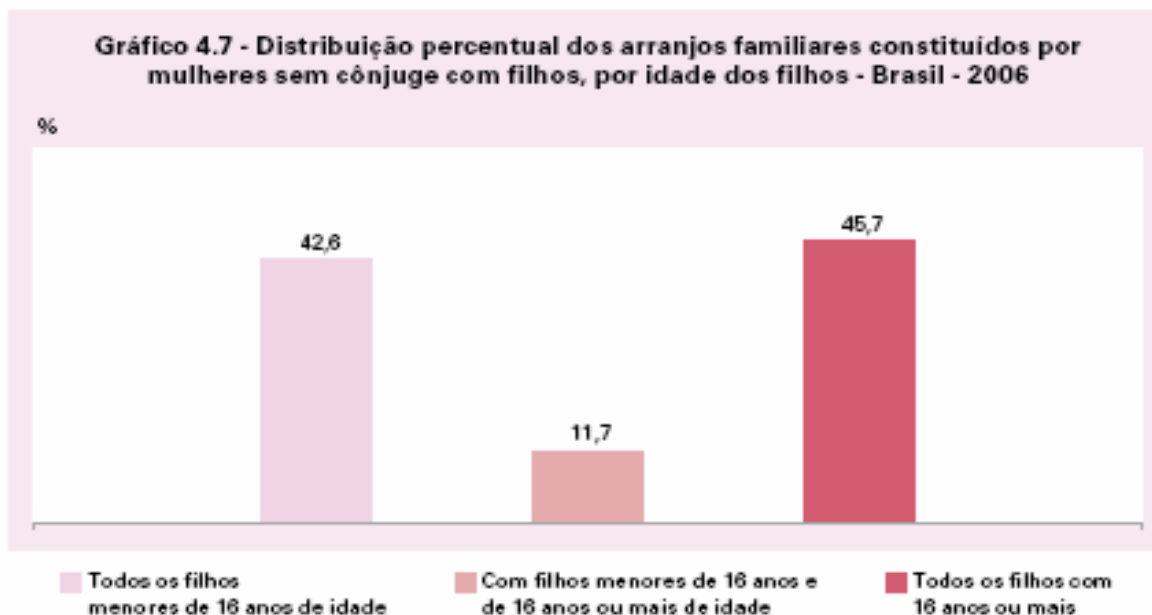
ANEXO A - Distribuição percentual dos arranjos familiares residentes em domicílios particulares



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1996/2006.

(1) Exclui a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

ANEXO B - Distribuição percentual dos arranjos familiares constituídos por mulheres sem cônjuge com filhos



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006.

Nota: Considera-se mulher sem cônjuge com filho como arranjo familiar monoparental feminino.

ANEXO C - Proporção de divórcios concedidos, por responsabilidade pela guarda dos filhos menores

ANEXO III

Tabela 5.8 - Proporção de divórcios concedidos, por responsabilidade pela guarda dos filhos menores, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2005

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Proporção de divórcios concedidos, por responsabilidade pela guarda dos filhos menores (%)				
	Homem	Mulher	Ambos cônjuges	Outro	Sem declaração
Brasil	6,1	89,5	2,9	1,2	0,3
Norte	9,5	83,1	4,7	2,5	0,2
Rondônia	9,3	82,9	5,0	2,6	0,1
Acre	12,8	80,6	3,8	1,9	1,0
Amazonas	8,5	85,7	3,4	2,3	0,2
Roraima	12,1	81,5	4,0	2,4	0,0
Pará	9,9	82,8	4,7	2,6	0,1
Amapá	9,6	81,9	5,4	2,4	0,6
Tocantins	8,4	82,7	6,2	2,7	0,0
Nordeste	6,1	88,8	3,3	1,8	0,1
Maranhão	8,8	83,2	6,4	1,5	0,1
Piauí	7,2	86,7	3,0	3,0	0,0
Ceará	4,9	90,5	3,0	1,7	0,0
Rio Grande do Norte	6,2	87,2	3,7	2,8	0,0
Paraíba	5,2	90,7	2,1	1,9	0,2
Pernambuco	7,0	87,5	3,5	1,9	0,1
Alagoas	4,2	90,4	4,0	1,4	0,0
Sergipe	3,6	92,8	1,2	2,2	0,2
Bahia	6,6	89,0	3,3	1,1	0,0
Sudeste	5,3	91,4	2,2	0,8	0,3
Minas Gerais	6,0	90,6	2,4	0,9	0,2
Espírito Santo	8,1	87,4	2,8	1,5	0,2
Rio de Janeiro	3,2	94,8	1,6	0,4	0,0
São Paulo	5,1	91,4	2,2	0,8	0,5
Sul	6,8	87,8	3,5	1,3	0,6
Paraná	7,4	86,6	3,9	1,6	0,5
Santa Catarina	6,6	88,6	3,3	1,1	0,6
Rio Grande do Sul	6,2	88,8	3,2	1,1	0,7
Centro-Oeste	6,7	88,3	3,3	1,4	0,3
Mato Grosso do Sul	8,0	85,0	5,0	1,6	0,5
Mato Grosso	8,1	85,1	4,1	2,2	0,5
Goiás	5,7	89,9	3,0	1,4	0,0
Distrito Federal	6,8	89,6	2,4	0,8	0,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estatísticas do Registro Civil 2005.